



ANAIS
2011 - 2012



ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA

ANAIS

2011 - 2012

SAPIENTIA IN PROFUNDIS

Recife, 2012

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA
Fundada em 17 de dezembro de 1970

DIRETORIA E CONSELHO FISCAL – ANO 2012

Diretoria

Geraldo José Marques Pereira
Presidente

Edmundo Machado Ferraz
Vice-presidente

José Falcão
Secretário Geral

Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto
1º Secretário

Gustavo Antonio da Trindade Meira Henriques
Tesoureiro

Conselho Fiscal

Efetivos

Rostand Carneiro Leão Paraíso
Presidente

Antônio Simão dos Santos Figueira Filho

Bertoldo Kruse Grande de Arruda

Suplentes

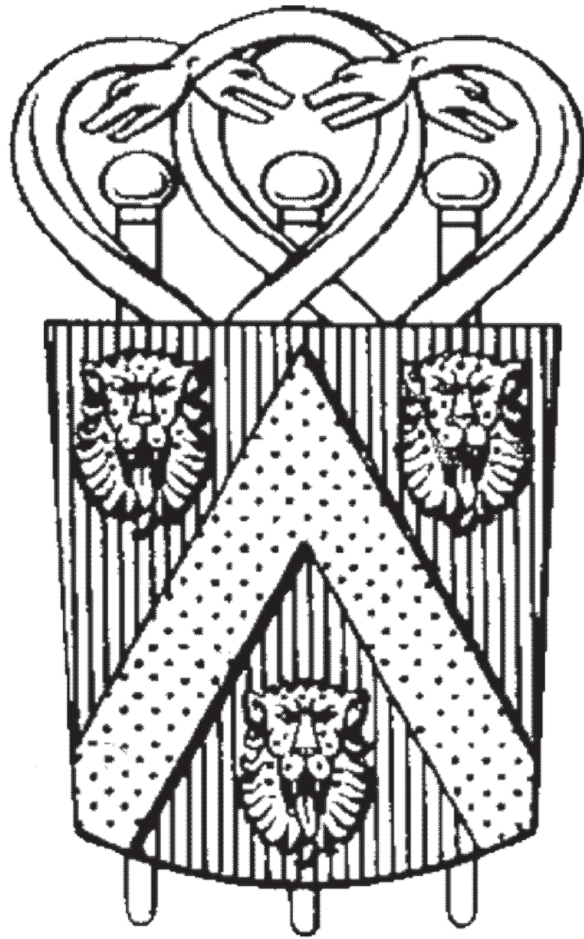
João Sabino de Lima Pinho Neto

Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho

Esther Azoubel Sales

ANAIS – 2011-2012
Ano VIII – Volume VIII

Rua Amaury de Medeiros, 206, Derby
Recife/PE – CEP 52010-120 – Fone: (81) 32316801
E-mail: apemedicina@gmail.com
Site: www.acadpemedicina.com.br



Sapientia in profundis

Copyright© by Academia Pernambucana de Medicina

Revisão
dos autores

Capa
Milena Assunção

Produção Gráfica
Edições Bagaço
Rua dos Arcos, 150 • Poço da Panela
Recife/PE • CEP 52061-180
Telefax: (81) 3205.0132 / 3205.0133
email: bagaco@bagaco.com.br
www.bagaco.com.br

A168a Academia Pernambucana de Medicina
Anais : 2011-2012 : Sapientia in profundis / Academia
Pernambucana de Medicina. – Recife : APM, 2012.
271 p.

Inclui referências.
Inclui anexo.

1. MEDICINA – PERNAMBUCO. 2. MEDICINA –
ANAIS. I. Título.

CDU 61(813.4)
CDD 610

PeR – BPE 12-0661

Impresso no Brasil – 2012



Apresentação

A Academia Pernambucana de Medicina (APM) vive um tempo novo e a publicação desse número dos Anais é prova disso; de um tempo que vai sendo marcado por importantes realizações, a periodicidade da revista uma dessas. Prova também dessas inovações no dia a dia da Casa de Fernando Figueira é o elenco de reuniões que se vem cumprindo; encontros científicos que são orientados mais para o geral das coisas, do que propriamente para o particular.

Algumas dessas reuniões estão nesse volume, como a Arteterapia, apresentada por Reinaldo de Oliveira, mas também a Escatologia em Mozart e a palestra sobre Wagner – O Outro Lado, exposições, ambas, da lavra de Gentil Porto. Apresentações voltadas para o humanismo e menos para o puramente técnico. Publica-se, também, nesse número dos Anais, o discurso da acadêmica Gilda Kelner, em sessão que concedeu ao professor José Grimberg, o título de Acadêmico Emérito. Belíssimo discurso, feito com a tinta do coração no papel dos afetos.

Além desses, há outros pronunciamentos valiosos, os quais, com toda certeza, hão de entrar para a história da instituição. Os acadêmicos que foram contemplados com o título de Professor Emérito – Geraldo Pereira e Salustiano Gomes Lins –, assim reconhecidos pela Universidade, tiveram os seus discursos divulgados, bem como a saudação que lhes foi feita no ambiente acadêmico. Saudações, inclusive, pronunciadas pelo atual Vice-Reitor, o qual por sinal é da Academia: o Prof. Silvio Romero Marques.

A APM já completou os seus 40 anos e segue seu rumo em direção às 42 primaveras, em cuja solenidade de aniversário espera-se sejam lançados esse número dos Anais. Isso vem para se justificar o fato de que alguns dos fundadores do sodalício já estão entrando na casa do centenário. Dessa forma, Aluisio Bezerra Coutinho, Francisco Montenegro e Orlando Parahym foram alguns que tiveram seus nomes lembrados em sessões para tanto convocadas. E nesse volume o mestre Orlando Parahym se faz evocado em palestras de Geraldo Pereira, de Gentil Porto e na palavra da filha Fátima Parahym, que em nome da família agradeceu as homenagens. Bezerra Coutinho, antes já lembrado em sessão especial, mereceu da escritora Selma Vasconcelos um estudo particular, junto com o arquiteto francês Le Corbusier.

Outros discursos, de saudação aos acadêmicos entrantes e de posse dos que chegam para o saudável convívio na APM estão inseridos no volume. Foram as posses de Cláudio Renato Pina Moreira, de Luiz Maurício da Silva e de Paulo Fernando Barreto Campelo de Melo. Tem sido tradicional a eleição de um acadêmico a cada ano, para que a instituição o contemple com o título de Acadêmico do Ano. No caso, o confrade Luiz de Gonzaga Braga Barreto, que fez jus ao título agradeceu a deferência e tem o seu discurso publicado aqui. No mais, os Anais divulgam o trabalho que apresentaram ao Prêmio Salomão Kelner, alunas do Curso Médico, da Faculdade de Ciências Médicas, no qual estudam o que se divulgou em antigos Annaes da Medicina Pernambucana, um dos primeiros periódicos da hoje Associação Médica de Pernambuco.

Resta fazer alusão ao que é de praxe, à Súmula da ata da primeira reunião, aos Patronos e aos Titulares fundadores e aos atuais acadêmicos. Essa uma forma de assegurar a imortalidade acadêmica de todos.

Recife, setembro de 2012.

Geraldo José Marques Pereira
Presidente



Sumário

- 13 Prefácio
- 15 Súmula da ata da primeira reunião da Academia Pernambucana de Medicina realizada em 17 de dezembro de 1970
- 16 Academia Pernambucana de Medicina
Relação dos Patronos das Cadeiras e dos Fundadores
- 19 Academia Pernambucana de Medicina
Relação dos Patronos das Cadeiras e dos atuais Acadêmicos
- 23 Discurso de Posse na Academia Pernambucana de Medicina
Claudio Renato Pina Moreira
- 33 Saudação a Claudio Renato Pina Moreira
Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto
- 37 Discurso de posse na Academia Pernambucana de Medicina
Luiz Mauricio da Silva
- 45 Saudação a Luiz Maurício da Silva
Edmundo Machado Ferraz

- 57 Discurso de Posse na Academia Pernambucana de Medicina
Paulo Fernando Barreto Campello de Melo
- 69 Saudação a Paulo Fernando Barreto Campello de Melo
Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira
- 79 Título de Acadêmico do Ano - Discurso de Agradecimento
Luiz de Gonzaga Braga Barreto
- 87 Homenagem a Orlando Parahym
Geraldo Pereira – Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
- 91 Discurso em homenagem ao Dr. Orlando Cunha Parahym no seu Centenário de Nascimento
Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto
- 95 Discurso de Agradecimento – Centenário de Nascimento de Orlando Parahym
Fátima Parahym Xavier
- 101 Discurso de agradecimento do Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco
Geraldo José Marques Pereira

- 109 Saudação Panegírico ao Professor Geraldo José Marques Pereira na outorga do Título Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco
Silvio Romero de Barros Marques
- 115 Discurso de agradecimento do Título Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco
Salustiano Gomes Lins
- 121 Saudação ao Professor Emérito da UFPE Salustiano Gomes Lins
Gildo Benício de Mello
- 129 Saudação ao Professor Salustiano Gomes Lins na outorga do Título Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco
Silvio Romero de Barros Marques
- 135 José Grimberg - Acadêmico Emérito da Academia Pernambucana de Medicina
Gilda Kelner
- 141 A Arte Terapia
Reinaldo Oliveira
- 145 A Escatologia em Mozart (*1756 † 1791) – O Homem e o Mito
Gentil Porto

- 155** A contribuição judaica na genética da população do Nordeste
Caesar Sobreira
- 173** A Medicina Espacial e a Conquista da Lua
Fernando Pinto Pessoa
- 185** Neurônios Espelho
Salustiano Gomes Lins
- 193** O Médico Cientista Bezerra Coutinho e o Arquiteto Le Corbusier
Selma Vasconcelos
- 215** Wagner – o outro lado
Gentil Porto
- 229** Prêmio Professor Salomão Kelner – 2010
Publicação do Trabalho Premiado
A Odisseia De Ulysses Pernambucano: dos Primórdios ao Legado Histórico de um Mito
- 253** Prêmio Professor Salomão Kelner – 2011 Publicação do Trabalho Premiado
Um comentário acerca dos primeiros Annaes da Sociedade Pernambucana de Medicina
- 271** Anexo A – Imagem do primeiro Annaes da Sociedade de Medicina de Pernambuco



Prefácio

Esta é a 8ª publicação dos Anais da Academia Pernambucana de Medicina e abrange o período de 2011 a 2012. Nas edições anteriores dava-se prioridade às publicações dos discursos dos novos Acadêmicos, proferidos no seu ingresso na instituição, dos discursos de saudação aos recipiendários e de biografias médicas.

Com a regularização da frequência desta publicação foi possível adicionar aos Anais vários trabalhos literários ou científicos, originados de apresentações em conferências proferidas em sessões plenárias da Academia.

No período abrangido por esta publicação, ingressaram na instituição os seguintes Acadêmicos: Claudio Renato Pina Moreira, Luiz Maurício da Silva e Paulo Fernando Barreto Campello de Melo. Foram eleitos também para ingressar na Academia mais dois ilustres médicos: Ênio Lustosa Cantarelli e Wilson Alves de Oliveira Júnior.

Em sessões plenárias realizadas nos anos 2011 e 2012 além da homenagem ao Professor Orlando Parahym, comemorativa ao centenário do seu nascimento, foram proferidas as seguintes palestras: Super Micróbios; Cuidados Paliativos: entre a vida e a morte; Inteligência Artificial; Humanização da Medicina; Arte Terapia; A Escatologia em Mozart; Medicina Espacial; Transexualidade-Controvérsias; Neurônios Espelho; Epidemia da Febre Amarela em 1685; O médico cientista Bezerra Coutinho e o arquiteto Le

Corbusier; Wagner: O outro lado; Bóson de Higgs (A Partícula de Deus); Nelson Rodrigues e a Tuberculose; Centenário Dr. Orlando Parahym, algumas das quais, aqui publicadas.

A Academia publicou também uma plaquete com o título de “Nominata” que traz a relação de todos os Acadêmicos, com os seus respectivos endereços e diversos outros dados de cada um desses Acadêmicos. Foi também publicado um folheto (folder) com as principais informações da instituição.

Durante o ano de 2010 foi criado o concurso literário “Prêmio Professor Salomão Kelner” cujos trabalhos vencedores, relativos aos anos 2010 e 2011, estão publicados nesta edição.

Foram contemplados com o título de Acadêmico do Ano os Acadêmicos Luiz de Gonzaga Braga Barreto, no exercício de 2011 e Claudio Renato Pina Moreira neste ano de 2012.

A Academia Pernambucana de Medicina outorgou, como uma justa homenagem, a “Medalha do Mérito Professor Fernando Figueira” ao médico Luiz Gonzaga Santos, relativo ao ano de 2011, e ao médico Ney Cavalcanti, ano de 2012, que lhe será entregue no dia 18 de dezembro deste ano, como parte das comemorações do 42º aniversário da fundação da Academia e posse da sua nova diretoria.

Cabe agradecer ao Professor Geraldo Pereira, Presidente da Academia Pernambucana de Medicina e a sua equipe pelo magnífico trabalho administrativo e científico-literário realizado durante estes 12 anos em que estiveram na liderança desta importante instituição.

Recife, setembro de 2012
Luiz de Gonzaga Braga Barreto



Súmula da ata da primeira reunião da Academia Pernambucana de Medicina realizada em 17 de dezembro de 1970

Em 17 de dezembro de 1970, às 20 horas, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com a presença da Prof. Fernando Figueira, Prof. Bruno Maia, Dr. Pedro Veloso da Costa, Dr. Leduar de Assis Rocha e outros médicos, realizou-se a primeira reunião da Academia Pernambucana de Medicina. Com a palavra o Prof. Fernando Figueira discorreu sobre os motivos da reunião dizendo que estava sendo criada naquele instante, a Academia Pernambucana de Medicina, instituição pela qual ele lutava há muito tempo. Falou ainda o Prof. Fernando Figueira que a nova entidade haveria de ter compromissos somente com a cultura médica e o seu significado para a comunidade. Ficou constituída na oportunidade, por aclamação, a primeira Diretoria-Provisória: Presidente Prof. Fernando Figueira; Vice-Presidente Prof. Bruno Maia; Secretário Dr. Leduar de Assis Rocha; Tesoureiro Dr. Pedro Veloso Costa. Foi lavrada a ata e assinada por todos os presentes.

Em 17 de dezembro de 1970



Academia Pernambucana de Medicina

Relação dos Patronos das Cadeiras e dos Fundadores

Cadeira	Patronos	Fundadores
01	Armando de Meira Lins	Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira
02	Joaquim de Souza Cavalcanti	Antônio Bruno da Silva Maia
03	Amaury de Medeiros	Gilberto da Costa Carvalho
04	João Alfredo da Costa Lima	Pedro Veloso da Costa
05	Antonio Peregrino Maciel Monteiro	Leduar de Assis Rocha
06	Ulysses Pernambucano	João Marques de Sá
07	Pirajá da Silva	Orlando Parahym
08	José Octavio de Freitas	Herodoto Novelino Pinheiro Ramos
09	Bandeira Filho	Albérico Dornelas Câmara
10	Gouveia de Barros	Waldemir Soares de Miranda
11	José Correia Picanço	Antônio Simão dos Santos Figueira
12	Adolfo Simões Barbosa	José Pereira da Costa Júnior
13	João Marques	Nelson Ferreira de Castro Chaves
14	Francisco Clementino	Jorge de Oliveira Lobo

15	Eduardo Jorge Wanderley Filho	Cesar Montezuma
16	Arnóbio Marques	Luiz Ignácio de Barros Lima
17	Malaquias Gonçalves	Romero da Gama Marques
18	Erminio César Coutinho	Amaury Domingues Coutinho
19	João Amorim	Ovídio Montenegro
20	Guilherme Piso	Aluizio Bezerra Coutinho
21	Martagão Gesteira	Maria Helena de Moura Leite
22	Selva Júnior	Martiniano Fernandes
23	Luiz Resende Pech	Berilo Pernambucano da Costa
24	Antônio Austregésilo	Francisco Montenegro
25	Oswaldo Cruz	Waldemar de Oliveira
26	Cosme de Sá Pereira	Arnaldo Marques
27	Juliano Moreira	José Lucena da Mota Silveira
28	Mário Ramos	Hélio Mendonça
29	Aggeu Magalhães	Raimundo de Barros Coelho
30	Eustachio de Carvalho	Manoel Caetano Escobar de Barros
31	Geraldo de Andrade	Armínio de Lator Mota
32	Ernesto Silva	Marcionildo de Barros Lins
33	Heitor Carrilho	Arnaldo Di Lascio
34	Emílio Ribas	Rinaldo Azevedo
35	Annes Dias	Gonçalo José de Melo
36	Monteiro de Morais	Djair Brindeiro
37	Carlos Chagas	Ruy João Marques
38	João Rodrigues	Arthur Barreto Coutinho
39	João Alves de Lima	Salomão Kelner

40	Barros Barreto	Bertoldo Kruse
41	Edgar Altino	José Nivaldo
42	Jorge de Medeiros	Nicolino Limongi
43	Gervásio Melquíades da Silva	Manoel Ricardo da Costa Carvalho
44	Jarbas Pernambucano	Luiz Tavares
45	Coelho de Almeida	Ferreira dos Santos
46	Josué de Castro	Orlando Onofre
47	José Amaro	Lessa de Andrade Milton Sobral
48	Victor Rodrigues	Miriam Kelner
49	Isaac Salazar	Sílvio Paes Barreto
50	Manoel Arruda Câmara	Adônis Carvalho



Academia Pernambucana de Medicina

Relação dos Patronos das Cadeiras e dos atuais Acadêmicos

Cadeira	Patronos	Acadêmicos Titulares
01	Armando de Meira Lins	Antônio Carlos dos Santos Figueira
02	Joaquim de Souza Cavalcanti	Fernando Pinto Pessoa
03	Amaury de Medeiros	-
04	João Alfredo da Costa Lima	Amaury de Siqueira Medeiros
05	Antonio Peregrino Maciel Monteiro	José Falcão
06	Ulysses Pernambucano	Antônio Simão dos Santos Figueira Filho
07	Pirajá da Silva	Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto
08	José Octavio de Freitas	Rostand Carneiro Leão Paraíso
09	Bandeira Filho	Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho
10	Gouveia de Barros	Luiz de Gonzaga Braga Barreto
11	José Correia Picanço	Geraldo Gomes de Freitas
12	Adolfo Simões Barbosa	Cláudio Renato Pina Moreira
13	João Marques	Wilson Alves de Oliveira Júnior
14	Francisco Clementino	Paulo Fernando Barreto Campello

15	Eduardo Jorge Wanderley Filho	Cláudio Moura Lacerda de Melo
16	Arnóbio Marques	Perseu de Castro Lemos
17	Malaquias Gonçalves	Carlos Roberto Ribeiro de Moraes
18	Erminio César Coutinho	Victorino Spinelli Toscano Barreto
19	João Amorim	Ênio Lustosa Cantarelli
20	Guilherme Piso	Miguel John Zumaeta Doherty
21	Martagão Gesteira	-
22	Selva Júnior	Cícero Ferreira Fernandes Costa
23	Luiz Resende Pech	-
24	Antônio Austregésilo	Ronice Maria Pereira Franco de Sá
25	Oswaldo Cruz	Salustiano Gomes Lins
26	Cosme de Sá Pereira	João Sabino de Lima Pinho Neto
27	Juliano Moreira	-
28	Mário Ramos	João Guilherme Bezerra Alves
29	Aggeu Magalhães	Luiz Maurício da Silva
30	Eustachio de Carvalho	Alcides Codeceira Júnior
31	Geraldo de Andrade	Gustavo Antonio da Trindade Meira Henriques
32	Ernesto Silva	José Weydson Carvalho de Barros Leal
33	Heitor Carrilho	Marcello Jorge de Castro Silveira
34	Emílio Ribas	Edmundo Machado Ferraz

35	Annes Dias	Silvio Romero de Barros Marques
36	Monteiro de Morais	Sara Riwka Erlich
37	Carlos Chagas	Geraldo José Marques Pereira
38	João Rodrigues	Fernando Tarciso Miranda Cordeiro
39	João Alves de Lima	Gilda Kelner
40	Barros Barreto	Bertoldo Kruse Grande de Arruda
41	Edgar Altino	José Nivaldo Barbosa de Sousa
42	Jorge de Medeiros	Carlos Vital Tavares Corrêa Lima
43	Gervásio Melquíades da Silva	Ester Azoubel Sales
44	Jarbas Pernambucano	Efrém de Aguiar Maranhão
45	Coelho de Almeida	Waldênio Florêncio Porto
46	Josué de Castro	Luiz Ataíde
47	José Amaro	Francisco de Paula Ramos Pedrosa
48	Victor Rodrigues	Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira
49	Isaac Salazar	Edvaldo da Silva Souza
50	Manoel Arruda Câmara	Adonis Reis Lira de Carvalho

Acadêmico Emérito

Ageu Magalhães Filho

Miriam Kelner

Moacir André Gomes

José Grimberg

Acadêmico Benemérito

José Paulo Cavalcanti Filho

Acadêmico do Ano 2011

Luiz de Gonzaga Braga Barreto

Acadêmico do Ano 2012

Claudio Renato Pina Moreira

Medalha Professor Fernando Figueira - 2011

Luiz Gonzaga Santos

Medalha Professor Fernando Figueira – 2012

Ney Cavalcanti de Albuquerque



Discurso de Posse na Academia
Pernambucana de Medicina

Acadêmico

Claudio Renato Pina Moreira

Recife, 21 de setembro de 2011



Não é preciso que eu descreva a emoção que trago comigo, hoje. Eleito há quase dois anos, vinha, até certo modo inconsciente, adiando a posse, apesar de ser cobrado pela diretoria. Nestes últimos dias vários pensamentos e várias reflexões se passaram em minha cabeça. O que representa para mim esta cerimônia? Muito certamente não é o coroamento de uma carreira médica. Também não é vaidade. Seguramente é o início de uma grande responsabilidade, já que assumir uma cadeira em uma academia não é apenas receber o diploma, a medalha e a sobrepeliz, mas é ter consciência de que um grande trabalho aguarda o neófito. Direta ou indiretamente. É freqüentar as reuniões. É participar com sugestões. É colaborar com a diretoria. É estar presente nos momentos bons ou ruins. Chego aqui mais humilde. Com muita disposição para aprender e mais ainda para ensinar o que colhi nestes anos.

Em meados do ano passado caminhava eu pela sala dos passos perdidos deste prédio quando fui interrompido por uma pessoa conhecida que me disse: “Parabéns, o senhor foi indicado para fazer parte da Academia Pernambucana de Medicina; mas ainda é segredo. Espere ser comunicado.” Fui tomado de surpresa, e creio que apenas respondi: “como é possível, se eu não me candidatei?” Aguardei a comunicação oficial e fiquei contente em saber que a cadeira que me aguardava era de número 12, que pertencera a Jamesson Ferreira Lima, seu último ocupante, a quem tive o prazer de conhecê-lo na Sociedade Brasileira dos Médicos Brasileira, Regional de Pernambuco, entidade na qual ocupo, no momento, a presidência.

Sentimentos diferentes me assaltaram naquela ocasião: ora de satisfação em ser lembrado para fazer parte desta casa, que era uma meta que eu perseguia, mas não de imediato, ora de preocupação: porque eu dentre tantos que exercem a Medicina em nosso Estado? Estaria à altura daqueles que ocuparam e ocupam as demais cadeiras?

Dizia um índio norteamericano: “Não se deve apressar o curso de um rio; ele sempre vai para o mar”. Ou seja, tudo tem o seu tempo.

Por outro lado, também encontrei que entre os chineses há um texto antigo que diz: “Existem coisas que não retornam: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida”. Por isso foi importante aceitar o desafio e me lançar candidato.

Veio à minha lembrança a figura de um menino tímido, de cabelo na testa, quase galego, de calça curta e com a farda do seu primeiro colégio e em seu primeiro dia de aula no Instituto Domingos Sávio, em Olinda. Eu mesmo. Já praticamente alfabetizado graças aos ensinamentos da primeira professora, Lourdes Pina, minha mãe, sentia-me perdido ali no novo mundo que me apresentava. Fiquei parado no pátio, enquanto todos se dirigiam para as salas que lhes eram destinadas, sem entender porque não foram chamados os alunos do 1º ano “adiantado”, como me dissera a diretora. Até que alguém, certamente a professora Zezé, me fez ver que o 1º ano B era o primeiro ano “adiantado”. Tornei-me fã dos livros e dos meus cadernos, guardando-os preciosamente até hoje, e nos quais posso acompanhar o meu desenvolvimento e a insegurança das primeiras escritas. Não sei qual o destino que eles terão quando eu partir definitivamente. Um dos meus primeiros textos escritos naquela ocasião intitulava-se “Porque gosto dos livros” e fez parte de um concurso. Nos anos que se seguiram, novas professoras: Rosemira, responsável pela taboadas de 2 a 9, que cobrava diariamente, batendo ritmadamente com uma régua em uma das mãos, Maria Luiza e Margarida – a todas elas devo a base de todo meu conhecimento. No ginásio e científico, no Colégio de São Bento, em Olinda, não tanto por incentivo dos professores, mas por determinação minha, passei a frequentar a biblioteca com quase sete mil volumes que existia em minha casa, sempre fechada a chave pelo meu pai quando saía para o trabalho, chave esta que era escondida diariamente em locais diferentes, na maioria das vezes no interior de um velho relógio de madeira que não mais funcionava; porém, apesar dos cuidados dele eu sempre conseguia encontrar o esconderijo e mergulhava naquele mundo solitário, viajando por todos os cantos do mundo através da leitura e da pesquisa.

Certamente estudei medicina graças à influência de meu avô materno, Milton Pina, médico em Olinda, filho de Antônio Pina, também médico e graduado na Bahia ainda no tempo do Império. E me dediquei à pesquisa graças ao meu pai, um pesquisador inteligente e tímido, e que por isto sempre procurou a obscuridade e o anonimato. Seu grande arquivo, no qual se incluía recortes de jornais dos principais escritores pernambucanos, entre eles Nilo Pereira, encontra-se no Arquivo Municipal de Olinda.

Mesmo estudando medicina, nunca deixei de conhecer outras áreas, principalmente a história, a geografia e a genealogia. Tornei-me fã da história de nosso Estado. E, quando criei coragem, comecei a timidamente escrever meus primeiros trabalhos, que receberam a supervisão e as críticas do Dr. Leduar de Assis Rocha, de quem me tornei grande amigo, apesar da grande diferença de idade entre nós, e que infelizmente não está hoje, aqui entre nós. Dr. Leduar era membro desta casa, ocupando a cadeira número e, se vivo fosse, certamente estaria aqui feliz em uma das primeiras filas, ele que foi o responsável em me levar para a SOBRAMES.

Era necessário, de acordo com o regimento desta casa, apresentar uma monografia para concorrer a uma vaga nesta casa. E entre as minhas várias pesquisas, deparei-me com a das teses e dos concursos na área de saúde em Pernambuco. E pus-me a completá-la, sendo a mesma aprovada pela comissão científica, resultando em um livro inédito na nossa história, que publicamos no ano passado.

Senhor presidente: Hoje esta casa recebe o seu 108º acadêmico. Nunca é demais recordar que Academia Pernambucana de Medicina foi fundada pelo professor Fernando Figueira em 17 de dezembro de 1970, portanto há pouco mais de 40 anos; e ainda estamos no período de comemoração do quadragésimo ano da nossa casa. 50 cadeiras receberam seus patronos e foram preenchidas pelos primeiros titulares; destes, ainda estão entre nós: Bertoldo Kruse (cadeira número 40), que me viu menino nas ruas do bairro Umuarama, em Olinda;

José Nivaldo (cadeira número 41), Nicolino Limongi (cadeira 42, acadêmico emérito), Mirian Kelner (cadeira número 48, acadêmica emérita) e Adônis Carvalho (cadeira número 50). Portanto, sou empossado ainda sob o olhar daqueles pioneiros, o que muito me alegra.

A mim coube a cadeira número 12, cujo patrono é Adolpho Simões Barbosa; pernambucano de Ipojuca, nascido em 3 de abril de 1860; médico graduado pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1883; professor de medicina pública na Faculdade de Direito do Recife; teve seu nome lembrado para fazer parte da congregação da Faculdade de Medicina do Recife, mas, por motivos outros, nunca ocupou uma cadeira em nossa escola. Foi o responsável pela criação do Hospital do Centenário, a melhor casa de saúde de Pernambuco, em sua época, hoje, infelizmente, denominado Hospital dos Servidores Públicos do Estado de Pernambuco por aqueles que não têm respeito à história. O Hospital do Centenário, que era entidade particular, foi encampado pelo Governo Estadual quando nos governava Agamenon Magalhães. Em suas salas e enfermarias funcionaram durante vários anos algumas cadeiras da Faculdade de Medicina. Adolpho Simões Barbosa era pai de Fernando Simões Barbosa, e avô de Frederico Adolfo Simões Barbosa, ambos médicos, pesquisadores e professores. Nosso patrono também atuou no Hospital Português e no Hospital Pedro II; foi deputado federal por Pernambuco e faleceu subitamente no Recife em 15 de março de 1950.

O primeiro titular da cadeira número 12 foi José Pereira da Costa Júnior. Médico graduado pela Faculdade de Medicina do Recife em 1931, turma da qual fizeram parte os professores Rinaldo Azevedo, Gonçalo de Melo e Antônio Aureliano, entre outros. Destacou-se como orador, tendo pronunciado uma vibrante oração durante o sepultamento de Jenner de Souza, em 1930, e ante o túmulo do estudante de medicina Antônio Coelho. Diretor da Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife. Cirurgião e urologista com atividades no Recife. Poeta e escritor; publicou algumas crônicas nos jornais recifenses. Nasceu em nossa capital em 23 de outubro de 1907 e faleceu

em 25 de maio de 1985. Do grupo inicial de acadêmicos desta casa, foi o penúltimo a ser empossado, o que se deu em 31 de outubro de 1974. Por medidas regimentais, passou à categoria de acadêmico emérito, e foi substituído em 1976 pelo Dr. Jameson Ângelo Ferreira Lima, a quem sucedemos.

Jameson Ferreira Lima nasceu no Recife em 07 de outubro de 1916 e faleceu em 18 de dezembro de 2007. Médico graduado pela Faculdade de Medicina do Recife em 1938. Saliou-se no Recife como clínico geral e gastroenterologista, sendo sócio fundador da Sociedade Pernambucana de Gastroenterologia e Nutrição. Recebeu o Prêmio Joaquim Loureiro, concedido pela Sociedade de Medicina de Pernambuco em 1942. Mas ele não se limitou às atividades médicas, projetando-se como administrador e professor. Diretor do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde de Pernambuco, cargo que ocupou em 1947 e em 1948, marcando seu período com a criação da Divisão de Tuberculose. Foi presidente da Comissão de Abastecimento e Preços de Pernambuco, período durante o qual realizou o 1º Congresso de Abastecimento Alimentar da Região do Nordeste. Presidiu o Serviço Social Contra o Mocambo, lidando com os problemas das péssimas habitações do Recife e das péssimas condições de vida de seus moradores. Professor do Curso de Nutrição, da Escola de Serviço Social e da de Enfermagem; atuou voluntariamente da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife na Fundação do Ensino Superior de Pernambuco. Ao final dos anos 1960 esteve entre os médicos que desejavam fundar uma nova faculdade de medicina no Recife por volta de 1970, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de Pernambuco, da qual foi nomeado diretor. Esta recém-criada escola chegou a receber terreno para erguer o seu prédio; mas, por motivos que ignoramos, nunca funcionou. Jameson Ferreira Lima criou e fundou a Fundação Universitária de Olinda (FUNIVERSO) a partir de 1984, transformada na FUNESO, importante instituição que ainda existe na cidade de Olinda. Membro de diversas entidades literárias e acadêmicas: Foi empossado nesta casa em 06 de dezembro de 1976, em uma cerimônia durante a qual

foi saudado por Gilberto da Costa Carvalho. Um dos fundadores da Academia de Artes e Letras de Pernambuco (1976), cadeira número 3. Membro da Academia de Artes e Letras do Nordeste. Membro da Academia de Artes, Letras e Ciências de Olinda. Membro titular e presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Pernambuco, na qual era uma figura sempre presente, e mesmo com o avançar da idade e com a dificuldade natural em se expressar e em se movimentar, fazia questão de ler seus escritos. Ainda tenho na mente a lembrança da última vez que o vi. Foi no almoço de confraternização a SOBRAMES, no Monte Hotel em Boa Viagem, poucos dias antes de sua morte. Ele estava calmo, um pouco calado, recolhido, na maior parte do tempo sentado em uma poltrona, e trazia na cabeça uma boina com o seu nome “Jamesson”.

Como vimos, ocupo, hoje, uma cadeira que já pertenceu a duas figuras singulares da nossa medicina; o primeiro, cirurgião e urologista; o segundo, clínico geral e gastroenterologista. Chega, agora, um cardiologista. Sei da responsabilidade que me cabe. Sei do trabalho que me espera.

Agradeço, antes de encerrar, ao Dr. Gentil Porto ou Porto Gentil, por ter aceitado o convite para me saudar. Não foi por um acaso que o escolhi, sem desmerecer aos demais. Nossa amizade é recente, mas sólida. Você, Gentil, que já ocupou importantes cargos na administração estadual, conhecido profissional na cidade de Floresta, sabe como poucos captar o perfil daquele que é recebido nesta casa. Entre os vários agradecimentos, o primeiro deles é para aos meus filhos pela paciência que tiveram comigo durante todos estes anos; acredito que em vários momentos eles não entendiam como eu insistia em permanecer pesquisando, lendo e escrevendo ao invés de estar na praia ou viajando. Agradeço aos meus familiares e aos meus amigos diletos, especialmente aos componentes da turma de 1974, com quem sempre tive uma convivência fraterna. Aos colegas do Hospital Getúlio Vargas, do Hospital Osvaldo Cruz, do PROCAPE e do UNICORDIS que sempre acreditaram em mim; e aos membros desta casa que

colocaram sobre meus ombros uma grande carga e esperam de mim muito mais que a presença em suas reuniões.

Encerrando, cito que para ser imortal, como normalmente se denominavam os membros de uma Academia a partir da criação da Academia Francesa de Letras, não basta ocupar uma de suas cadeiras. É preciso se dedicar à tarefa que nos impõe o lugar que estamos assumindo. Além disto, é preciso deixar uma marca, um recado, uma carta para as gerações que nos sucederão naturalmente, já que nada nos pertence; nós somos, como já foi dito, guardiões dos bens dos nossos filhos, netos e bisnetos. O homem começa a morrer quando pára de aprender e quando deixa de sonhar. “Os verdadeiros mortos não morrem”, escreveu o pernambucano Mário Sette. O homem é imortal sempre que alguém se lembra dele.





Saudação a Claudio Renato
Pina Moreira

Acadêmico

Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto

Recife, 21 de setembro 2011



Senhoras e Senhores,

Aqui estamos em noite de festa, cumprindo um ritual, no momento em que toma posse mais um membro da Academia Pernambucana de Medicina. Noite de festa sim, de alegria e também de saudade. Saudade daqueles que partiram e ficarão para sempre em nossas lembranças. É o caso de hoje, quando Cláudio Renato Pina Moreira substitui na cadeira de número 12 o Professor Jamesson Ângelo Ferreira Lima.

Exemplo para todas as gerações, a Academia Pernambucana de Medicina, à maneira de São Paulo, é uma defensora da fé. Fé nos princípios éticos que devem nortear a nossa profissão, fé em que os conhecimentos acumulados sejam usados em benefício da humanidade. É uma Casa que preserva a memória, com os olhos sempre voltados para o futuro. Passado, presente e futuro – é por isso mesmo que Cláudio Renato Pina Moreira está aqui hoje.

Muito cedo, apoderou-se da sabedoria do Profeta e conviveu diuturnamente com seu pai Renato Telles Moreira, funcionário público, autodidata, leitor compulsivo e que repassou para o filho o gosto pelos livros. Foi a Senhora sua mãe Maria de Lourdes Pina Moreira, professora primária, quem lhe ensinou as primeiras letras. Aos nove anos escreveu os seus primeiros trabalhos e aos quinze, desenvolveu o gosto pela pesquisa histórica e genealógica. Daí em diante não parou mais.

Formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco. Incentivado pelo professor e acadêmico Leduar de Assis Rocha, passou a escrever artigos sobre a história da medicina tendo publicado vários livros que abordavam o assunto. Ressalta-se sobremaneira “Roteiro dos Concursos realizados na área de saúde em Pernambuco (1912 a 1970). Teses, docentes e catedráticos”, megamonografia, com a qual foi admitido por unanimidade neste sodalício, fruto de rigorosa pesquisa que resgata parte importante da história de Pernambuco.

Pesquisador impenitente, Cláudio Renato estende sua atuação a outros setores da nossa história. Já investigou com dedicação a quase

totalidade dos livros das igrejas matrizes de Paud’Alho e de Nazaré da Mata.

Sem ônus para a Universidade e sem ser funcionário, é o responsável pela guarda e catalogação dos documentos referentes à Faculdade de Medicina da Universidade do Recife.

Como médico é especializado em Cardiologia e Medicina Intensiva. Professor de Biofísica, atua também no módulo de humanismo como professor de História da Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco.

“Humanismo” pois que define Cláudio Renato Pina Moreira, homem de hábitos simples, permanentemente voltado para a leitura mas que cultua o cinema e a arte fotográfica. Adora viajar, sempre com Fernanda, sua mulher.

Tem seis filhos, dos quais três são adotados e ainda três netos que representam o seu verdadeiro “xodó”. Confessa-se também um homem sem maiores ambições e mais apto a “ouvir” do que a “falar”. Mas isso não significa omissão ou covardia. Muito pelo contrário – não se intimida com o cheiro de pólvora e foi assim que como presidente da SOBAMES-PE, abordou os tempos em que vivemos, fulminando aqueles que fazem da famigerada “Lei de Gérson”, razão de ser da vida.

Diz Cláudio Renato:

“Seguramente alguns daqueles que estão lendo esta nota dirão: ‘Faça como nós – burle as leis e os costumes; só há lucro; deixe de ser idiota; não nos faça perder tempo com este editorial’. Mas prefiro continuar como estou: dormindo tranqüilo e olhando nos olhos dos meus filhos com serenidade e com a segurança de quem tentou educá-los da melhor maneira possível.”

Este depoimento, senhoras e senhores, é o melhor retrato do mais novo membro desta Casa, acadêmico Cláudio Renato Pina Moreira e por isso mesmo estamos alegres e orgulhosos em recebê-lo.



*Discurso de posse na Academia
Pernambucana de Medicina*

Acadêmico

Luiz Mauricio da Silva

Recife, 03 de novembro de 2011



SAUDAÇÃO

Prezados senhores e senhoras, amigos, entes queridos, companheiros e os, agora, eternos confrades.

Esta noite - compartilhamos com os grandes sábios a felicidade d“a noite dos vagalumes feéricos” como aconteceu num velho hangar de Paris em 1902. Minha eterna homenagem a Marie e Pierre Curie, meus eternos ícones, que nos apontaram o caminho para o fantástico diagnóstico por imagens. Não tenho diante de mim o resplendor azul do *Radium* brilhante na escuridão daquela noite, mas tenho as presenças e inteligência brilhantes de vocês, além do amor dos meus entes queridos. Muito obrigado por terem vindo.

PREÂMBULO

Este é um momento de festa. Não poderia deixar de dizer que o tempo que passei longe de Recife, em Ribeirão Preto, segurado à UFPE, por um fio, como professor afastado para especialização em um doutorado em genética, me ensinou muita coisa. O ostracismo acadêmico a que os professores se submetem quando saem para uma especialização fora de sua sede enfraquece os laços com os locais e reforça com os de alhures de modo que na volta cumprimos uma verdadeira readaptação, muitas vezes dolorosa. Esse fio que me ligou a UFPE durante meus anos de doutorado na USP foi Geraldo Pereira, então Vice-Reitor da UFPE, cuja ação posterior para a criação do Laboratório de Genética Molecular Humana, do qual sou o chefe atual, estimulado de há muito por Helena Caúla, hoje Desembargadora do Tribunal de Justiça de Pernambuco, foi decisiva. Frequentemente nos comunicávamos por e-mail e eu sabia das coisas daqui, poucas, mas já era alguma coisa para quem estava longe e só. A este baobá acadêmico, carvalho cavalheiro, pau-ferro colunar que o serviço público nunca se afastou, minha eterna gratidão.

Algumas vezes fui chamado a esta casa para conversar sobre temas interessantes. Alguns dos quais do meu dia-a-dia acadêmico, o que me deu muito prazer. Por mais que me interessasse nunca passou pela minha cabeça que um dia seria convidado para fazer parte dela. Achava que aqui só deveriam estar os profissionais médicos que se dedicassem ao trato com o paciente. Achava que os pesquisadores, aqueles que se dedicam a resolver problemas no limite do conhecimento estabelecido, muitas vezes em conflito direto com este, deveriam ficar de fora desta casa. Por isso não foi sem surpresa que recebi a notícia que tinha sido convidado para a Academia Pernambucana de Medicina. Demorei uns segundos metabolizando o impacto, mas por fim, me senti feliz com a proposta e resolvi enfrentar os trâmites. Para sobrepassar estes obstáculos cometi alguns tropeços que foram vencidos com a ajuda de Geraldo Pereira, Edmundo Ferraz, Gentil Porto e vários outros acadêmicos daqui com quem aos poucos fui me familiarizando. Aliás devo a Edmundo Ferraz, por quem minha admiração excede muitos limites, os conselhos sobre que assunto deveria abordar na minha monografia. O tema foi “O Projeto Genoma”. Ora, eu vivi essa história.

Quando o projeto genoma era uma possibilidade, foi criado o Departamento de Genética da UFPE. Neste momento eu tive o prazer de compartilhar conhecimento e parceria com grandes professores como Vilna de Vasconcelos Furtado, Marcelo dos Santos Guerra Filho, Maria José de Souza Lopes e Rosilda dos Santos Silva, sem os quais as feições atuais do Departamento de Genética da UFPE nunca seriam possíveis.

Atravessando o tempo como uma flecha em arco, parodiando Mayakowski e Gibran, lançamos nossos filhos para o futuro. Nossos jovens pesquisadores de hoje, são em grande parte, nossos alunos do passado. E é com prazer que afirmo que eles fazem a diferença. São jovens que detém o vigor e o desejo de tornar o ambiente acadêmico uma estrela guia para a comunidade e não mais um problema a resolver. Na verdade, é este verdadeiramente o seu papel. Portanto,

aos amigos e colegas Valdir Balbino, Marcos Morais, José Ferreira, Tania Rieger, Antonio Freitas, Tercílio Calsa, Neide Santos, Monica Valéria, Vilma Loreto e vários outros, muito obrigado pelas horas de convívio, sonhos, debates acalorados etc. Tudo de bom que a academia tem. Viva vocês!!!!

Desde o início do meu curso de medicina senti uma grande atração pelas ciências básicas. Mais por ter já um diploma de Licenciatura Curta em Ciências e Matemática do que por encontrar algo de especial no ambiente universitário. Aos poucos me aproximei do Departamento de Biologia Geral capitaneado pelo Professor Aluísio Bezerra Coutinho. Celebremenente, dono de uma capacidade de atualização e análise que poderiam ser tomadas como prodígio num tempo onde tínhamos que comprar resumos de publicações científicas a 50 centavos de dólar e recebê-los pelos correios três meses depois. Com ele aprendi sobre o postulado da objetividade sem o qual a ciência não poderia existir e me encaminhei para a interface biologia-matemática onde pensava desenvolver muitos estudos de importância. Os grandes estudos não foram feitos, mas grandes percepções o foram. Descobri, a duras penas, como escapar da ditadura da palavra escrita. Das pseudo-autoridades científicas e construí meu próprio sistema de pensar. Não sem conflitos, alguns explícitos outros não. Descobri que a Ciência é um universo muito pequeno e que a palavra “científico”, na maioria das vezes, está sendo mal empregada.

O autodidatismo me fez um estudante cheio de defeitos. A epistemologia se tornou uma febre que eu tinha que vencer. “Como aprender” esbarrava no “como estudar”, um problema que eu enfrentava desde criança. Venci em algumas frentes e fui derrotado em outras. Mas o saldo final foi bom o suficiente para me colocar em condições de avaliar bem a minha ignorância que infelizmente cresce a cada dia.

Para escapar dessas vicissitudes contei com a ajuda de meus entes queridos e direta e indiretamente aprendi muito com eles. A enfrentar e a evitar. A fazer e deixar de fazer. Aprendi que perdas materiais

nem sempre são importantes: Que os entes queridos morrem. Que a gente chora e a vida continua.

Eu sou o arco do qual minhas crianças, como flechas vivas, foram impulsionadas para o futuro. Obrigado a vocês Marcelo, Marcio, Paula e Malke, por existirem e me darem o prazer de vê-los felizes. Obrigado a minha querida companheira Rosilda, com quem divido tudo, todos os dias. Meus amigos Fernando Torres e Anunciada, Fausto Santos e Mariazinha, obrigado por me acompanharem neste momento de felicidade. Aprendi com vocês que as doenças podem não ser doenças, podem ser defeitos e que os defeitos podem não ser defeitos, podem ser doenças.

TRAJETÓRIA

Me interessei, desde o início, pela história da vida. Longe dos grandes livros e sem fazer parte de uma massa crítica de especialistas no assunto fiquei deslumbrado com a possibilidade de aplicar a matemática a biologia e melhor ainda, entender a evolução dos seres vivos. Passei todos esses anos procurando nas bibliotecas, nas livrarias e sebos, publicações sobre o assunto até descobrir na Internet uma fonte inesgotável de informação: revistas de graça, livros de graça, diversão e cultura e... muito lixo. No início foi difícil separar o joio do trigo, mas aos poucos encontrei as boas fontes e defini os objetivos de estudo. Me dediquei a Genética de Populações e Evolução para descobrir que muito do que se diz nesta área ainda carrega o grande fardo das especulações. Especulações lindas, mas ainda assim, especulações. Para escapar deste dilema existencialista resolvi tentar aplicar o que aprendi na solução de problemas sociais. Queria ser útil. Foi assim que há doze anos resolvi realizar o meu doutorado em Genética Forense. Repetindo o meu mestrado, quando fui estudar Genética Molecular Humana (hemoglobinas) no Rio Grande do Sul e voltei com um mestrado em Genética de Populações de Borboletas, voltei de Ribeirão Preto com um doutorado em Genética de Populações

Humanas (HLA). Fiel a minha determinação de realizar exames de DNA para fins forenses, no último ano de doutorado voltei a Recife e, ao mesmo tempo que escrevia a tese, junto com a Dra. Rosilda dos Santos Silva montava o laboratório de Genética Molecular Humana da UFPE onde até hoje se realizam exames de paternidade e outros exames forenses.

O PATRONO

Fui eleito para ocupar a cadeira 29 desta Egrégia Academia cujo patrono é o Dr. Aggeu de Godoy Magalhães (1898 – 1949). Nascido no Sertão de Pernambuco, viveu sua infância no Recife, estudou no Ginásio Pernambucano, hoje Colegio Estadual de Pernambuco e diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920. Exerceu os cargos de médico higienista e patologista: Inspetor do Serviço de Profilaxia Rural de Pernambuco (1920); Secretário e depois Presidente da Sociedade de Medicina (1928); professor titular da cadeira Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de PE (1937); presidente do Instituto de Assistência Hospitalar de Pernambuco (1946) e Secretário de Saúde e Educação do Governo José Domingues em 1946. Se especializou em Patologia nas Universidades de Columbia, Nova Iorque e de Toronto, Canada. Grande homem e político de realizações enobrece esta casa como patrono desta cadeira.

MEU ANTECESSOR

Meu antecessor. Prof. Ageu Magalhães Filho: Médico e pesquisador, é Pós-graduado em Patologia pela Universidade de Washington e em Imunologia pelo Instituto de Medicina Tropical da Universidade de Tulane, de Nova Orleans (EUA). foi o primeiro patologista do Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, atuando como pesquisador durante dez anos e depois como diretor da instituição de 1978 a 1986 tendo-se aposentado em 2001.

Foi professor livre-docente em Patologia da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Departamento de Anatomia Patológica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) onde foi professor titular. Reestruturou o CPqAM conseguindo grandes feitos na luta contra a esquistossomose, filariose e a peste. Na sua gestão o CPqAM foi transferido, em 1986, da Rua do Espinheiro, para o campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). De suas relações de amizade com o Prof. Keizo Asami (1979) surgiu o convênio que permitiu a instalação do Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (Lika). Ageu Magalhães Filho é hoje Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco.

CONCLUINDO

Certo dia, abrimos os olhos neste universo maravilhoso e pouco tempo depois temos que fechá-los. Vale a pena, neste intervalo, gastar tempo e esforço para compreendê-lo. A ciência é o meu mister, meu compromisso. O convite para fazer parte desta casa me deixa feliz e, simplesmente, desejo manter este estado de espírito até o fim dos tempos. Para manter-me assim prometo estudar, me exercitar e trabalhar todos os dias. A maior de todas as honras é nascer e morrer e durante este tempo viver como um homem, de tal maneira que, se os homens algum dia se referirem a mim espero que seja com orgulho por eu ter sido um deles.



Saudação a Luiz Maurício da Silva

Acadêmico

Edmundo Machado Ferraz

Recife, 03 de novembro de 2011



Prof. Geraldo Pereira
Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
Dr. Gentil Porto, Digníssimo Secretário
Dr. Gustavo Trindade Henrique, nosso Tesoureiro
Demais Membros da Diretoria e das Comissões de nossa Sociedade
Prof^a. Neide Santos e
Prof. Valdir Balbino do Departamento de Genética da UFPE
Ilustres Membros da Academia Pernambucana de Medicina

Senhores e Senhoras,

A Academia Pernambucana de Medicina recebe nesta noite um novo Acadêmico, o Dr. Luiz Maurício da Silva.

Professor Adjunto, Doutor do Departamento de Genética da UFPE

Aos que aqui se encontram pela 1ª vez, esclareço que a Academia Pernambucana de Medicina foi fundada em 1970 pelo professor Fernando Figueira, com um grupo de médicos que se destacaram no seu campo de conhecimento e decidiram preservar a memória da Medicina em nosso Estado. Mas também desenvolvê-la e utilizar esse sodalício para o estudo continuado da Medicina como fórum de discussão, análise e estudo dos temas atuais, “pelejando” como recomendava Luiz de Camões.

A Academia Pernambucana de Medicina integrou-se com outras Entidades Médicas na resistência contra os desvios profissionais, a falta de ética, o desrespeito a dignidade humana, a utilização da medicina para a produção privilegiada de lucro em detrimento da implantação de políticas públicas de saúde que visam atingir 145 milhões de brasileiros atendidos pelo Sistema Único de Saúde que alberga 80% da população brasileira (89% em Pernambuco), e que felizmente, tem sido implementada em nosso Estado.

Nesta atual gestão (Professor Geraldo Pereira) a Academia Pernambucana de Medicina tornou-se proativa e, em vez de receber o objeto de desejo de novos candidatos, passou a procurar na comunidade médica pessoas com perfil similar ao dos atuais participantes, com o objetivo de tornar nossa Instituição mais comprometida e atuante na participação da grande luta pelo melhor funcionamento da saúde em nossa região.

E foi assim que o Professor Luiz Maurício da Silva foi reconhecido e recrutado como tantos outros que já chegaram ou estão a chegar.

Todos com inusitado entusiasmo, para participar das iniciativas desta Academia para melhoria da Medicina brasileira.

Ainda para os que não conhecem nossa rotina esclareço que a admissão de um novo membro se processa com a aceitação do candidato em participar dessa filosofia, iniciando com a apresentação de sua proposta, acompanhada de um Curriculum Vitae e uma Monografia com tema de seu interesse que são submetidas a uma Comissão que aprova ou não a pretensão do candidato, seguindo-se então, em caso afirmativo, a passagem do candidato por um escrutínio de aprovação ou não, através de voto individual e secreto dos membros da Academia.

Esta autêntica maratona não termina no dia de hoje. Apenas se inicia.

O professor Luiz Maurício já conhecido do Presidente Geraldo Pereira foi atentamente observado desde 2009, participando como convidado de diversas atividades da Academia. Apresentou uma excelente e extensa monografia sobre o Projeto Genoma Humano, tema da maior atualidade, considerado o maior Projeto da História da Humanidade com a maior cooperação científica internacional jamais realizada como o objetivo de desenvolver o segredo da vida. O professor Luiz Maurício discorre sobre o Projeto de Genoma Humano em 53 páginas e acrescentou uma bibliografia com 759 citações em 62 páginas adicionais fornecendo uma visão erudita e fartamente documentada desse extraordinário avanço da Ciência, neste campo fundamental do conhecimento da vida e da evolução no Planeta

Terra. Recomendo a todos os membros da Academia a leitura deste documento que honra a Academia Pernambucana de Medicina e que ilustra o rigoroso perfil acadêmico do autor.

Inicia-se com a conferência de alta realizada em Utah nos EEUU em 1984, presidida posteriormente por Paul Berg detentor de Prêmio Nobel de Química.

A pequena cidade de 397 habitantes transformou-se na Capital Mundial da Genética Humana. Foram estudados os efeitos das bombas atômicas lançadas sobre o Japão 40 anos antes tornando-se logo evidente a necessidade da criação de um programa amplo iniciado em 01-10-90 no Instituto Nacional de Saúde Norte americano, o NIH com o estudo integrado das implicações éticas, legais e sociais dessas ações.

A partir de 1995 Foi seqüenciado o genoma das bactérias *Hemophilus influenzae* e da *micoplasma genitalium*, seguindo-se outros seqüenciamentos de bactérias, fungos, leveduras, e de diferentes cromossomos. Em 2002 foi publicado nas Revistas Nature e Science o genoma do camundongo além de outros genomas seqüenciados no setor privado pela “Celera Genômica” na Califórnia, empresa de propriedade de Craig Venter (que seqüenciou contrariando uma decisão ética, o genoma de seu cão “Shadow”).

Em sua Monografia, O professor Luiz Maurício analisa criticamente o projeto, a sua evolução nos primeiros anos, a interface com a genética e com os estudos de Gregor Mendel, o advento da biologia molecular e a genômica, as diferenças e mutações nos seres humanos e a produção de proteínas à partir do DNA nas suas fases de transcrição, tradução e seqüenciamento do genoma. Após percorrer didaticamente todo esse trajeto o professor Maurício everedou pela era pós-genômica especulando sobre as implicações da a Medicina os novos meios diagnósticos e os mecanismos de interferência, diagnóstico e terapêutica com as doenças além das implicações com o avanço do conhecimento até 2020.

O seqüenciamento completo do genoma humano permite o estabelecimento de bancos de dados e produz com a biologia molecular uma autêntica revolução no conhecimento, de repercussão muito além da fronteira do aprendizado genético. Temas como terapia gênica com utilização de vírus como vetores associados a novos procedimentos da nanotecnologia que traz, da mais pura ficção científica, perspectivas de tratamento nunca imaginadas, como as tentativas atuais de tratamento da diabetes tipo um usando vírus atenuados para entrar nas células betas pancreáticas substituindo com nanorobots as células danificadas por outras capazes de produzir insulina e erradicar essa terrível doença que somente agora vislumbra a cura através de novos conhecimentos.

O estabelecimento do genoma individual permitirá uma geração específica de novos medicamentos, vacinas de grande eficácia e seus efeitos colaterais diminuindo o custo do tratamento e estimulando a eficácia e a pesquisa do setor público para que novos progressos sejam alcançados. Esse impacto atingirá os biomas, a agricultura e a veterinária e terá uma grande ação nas doenças de origem genética e na produção de alimentos geneticamente modificados, os transgênicos. Segundo dados de Maurício, “em 2006, 225 milhões de hectares de cultivos transgênicos foram plantados em 22 países por 10,3 milhões de agricultores. Em alguns países cresceram 97% os cultivos transgênicos, os EEUU com 53%, Argentina com 17%, o Brasil com 11%, o Canadá 6%, a Índia e a China 3% e a África e o Paraguai 2%.”

“A maioria dessas culturas foram de soja resistente a inseticidas e herbicidas, milho, algodão, canela, e alfafa. Ainda batata doce resistente a um vírus que poderia dizimar a maior parte das colheitas africanas; arroz com maior teor de ferro e vitaminas muito importantes contra a desnutrição crônica encontrada na Ásia, além de uma grande variedade de plantas capazes de sobreviver a condições meteorológicas extremas.”

Continua Luiz Maurício, “no horizonte vindouro estão as bananas que produzem vacinas humanas contra doenças infecciosas como a Hepatite B, peixes que se reproduzem e se desenvolvem mais rapidamente, vacas resistentes a encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca), árvores frutíferas e plantas capazes de produzirem plásticos biodegradáveis e o seqüestro de carbono da atmosfera, produzindo segurança ambiental e uma perspectiva de maior segurança alimentar, considera conservação ambiental e propriedade intelectual o Professor Luiz Maurício, a possibilidade da diminuição da pobreza e a erradicação da miséria com as doenças que lhe são agregadas. Esse é o grande desafio do século XXI sem que haja explosão populacional e degradação do meio ambiente com aplicação adequada de bioherbicidas e bioinseticidas, período de safra mais reduzido e aumento de nutrientes. Outras considerações abordadas pelo Professor Luiz Maurício são perceptíveis como o tratamento do solo, o manejo da água e a produção de energia, particularmente das fontes limpas, manejo florestal, gestão e destino apropriado de resíduos, chamando a atenção para o risco da manipulação dos alimentos não sejam concentrados em poucas empresas que desejam o monopólio do lucro que tem expoliado sobretudo países africanos em processo de desenvolvimento”.

Esse, Senhoras e Senhores, é o cenário muito bem desenhado pelo Professor Luiz Maurício ainda na aurora do século XXI; Século do conhecimento e do que se aguarda de um progresso do conhecimento maior do que o obtido nos últimos 500 anos (em outras palavras, nos últimos 5 séculos).

Mas, um outro grande desafio paira sobre a humanidade e irá exigir grande investimento e pesquisa da genética populacional que o Professor Luiz Maurício se dedica juntamente com a genética forense. Esse desafio é o crescimento populacional. Há 3 dias apenas, atribuiu-se ao dia 31 de outubro passado, a data simbólica do nascimento do bebê que seria o 7º bilionésimo ser humano vivo no planeta.

Levamos 5 milhões de anos para atingirmos 1 bilhão de habitantes. Por muito pouco (2000 indivíduos) não fomos extintos pela seca e pela fome na África há cerca de 2 milhões de anos e em outras cinco oportunidades de grande risco de extinção da vida no planeta. Levamos 133 anos (1804 a 1937) para passarmos de 1 a 2 bilhões de habitantes. Em apenas 61 anos (1950 a 2011) somamos 7 bilhões e o próximo bilhão será atingido em apenas 13 anos. Seremos 9 bilhões em 2050 e 10 bilhões em 2100.

Thomas Malthus indagou em 1798 se haveria alimentos e espaço no planeta para tanta gente. A população aumenta 80 milhões de pessoas a cada ano (97% nos países em desenvolvimento – “pobres”). Em 2050 a proporção de pobres para ricos será de 6:1 e de ativos para aposentados de 9:1.

Já imaginaram a concorrência aqui na Academia?

No final de 2011 o consumo de recursos naturais excederá em 50% a capacidade de reposição da natureza. Em 2007-01-01, pela primeira vez, a população urbana superou a população rural. Apesar de tudo e da capacidade da natureza de nos surpreender, a história da humanidade tem demonstrado desde os seus primórdios, nossa habilidade em desenvolver tecnologias que podem reverter o desenvolvimento em alternativas sustentáveis.

Mas ao lado de tudo isso, temos uma boa notícia citada no dia de ontem por Marcelo Coelho articulista da Folha de São Paulo (02-11-11) de que todos os 7 bilhões de seres humanos cabem ombro à ombro, juntos, na ilha de Marajó.

Tudo isso torna a Genética exercida pelo nosso homenageado de hoje uma ciência fascinante nos dias atuais.

Deixando agora de lado a discussão do conhecimento, desejo falar um pouco do cidadão Luiz Maurício.

Einstein já indagava: “o mundo tem certamente um sentido. Resta saber porque esse sentido se incomodará com a humanidade”.

Fomos educados acreditando que o destino estava escrito nas estrelas, contudo James Watson e Francis Crick descobridores da estrutura helicoidal do DNA nos ensinaram que o destino está escrito em nossos genes.

Quando a ovelha Dolly foi clonada, Luiz Fernando Veríssimo referiu que estava se sentindo velho como um disco de vinil.

Certamente meu caro Luiz Maurício que estamos todos envelhecendo.

Como um disco de vinil.

A admissão na Academia Pernambucana de Medicina é uma prova eloqüente e documentada (pelo diploma que você receberá hoje). A experiência que acompanha o envelhecimento foi muito bem definida por Pedro Nava quando a considerou como um farol apontado para traz.

Mario Quintana referiu que “antes todos os caminhos iam. Agora todos os caminhos vem”, contudo, a melhor definição que conheço sobre envelhecimento (e gosto de repetir) é a de um anônimo: “envelhecemos quando o trabalho deixa de ser um prazer e o prazer passa a dar um enorme trabalho”.

Mas, aqui na Academia, meu caro Luiz, você teria boas companhias.

Vinícius de Moraes dizia que amigo não se faz, se reconhece.

Outro mito que caiu há muito tempo foi o da “jovem guarda”, de que não se faz amigos após os 30 anos. A prova que Vinícius tinha razão é o nosso caso. Nos conhecemos há apenas 2 anos e imediatamente nos reconhecemos.

Com o agravante de que éramos vizinhos, você no laboratório de Genética, ali há 500 metros no CCS e eu no Serviço de Cirurgia Geral, no térreo do HC.

Pior, nós com linhas de pesquisa sobre a obesidade e a diabetes tipo 2 e você seqüenciando DNA e estudando diabetes tipo 2, que iremos investigar juntos, com outros participantes de lá e de cá.

Em uma outra ocasião, Thomas Huxley teorizava que a ciência cometia um suicídio quando adotava um credo. Um anônimo retrucou que “entendo que descendemos do macaco, mesmo com tantas pessoas tão próximas das antas”. Pano rápido.

Outro anônimo (hoje parece a noite sua Maurício e deles) referiu que “os amadores fizeram a Arca de Noé. Os profissionais construíram o Titanic”. Assim, meu caro Luiz Maurício atribuo a nossa aptidão pela ciência a argamassa que realizou nossa aproximação.

Primeiro a Teoria da Evolução e a discussão sobre Charles Darwin.

Depois a criação da Disciplina de Epistemologia no programa de Pós-Graduação em Cirurgia na Universidade Federal de Pernambuco aberta a todos os alunos dos Programas de Pós-Graduação da Universidade, mas também a alunos de graduação e ao público em geral, nascendo essa discussão aqui na Academia e que você rapidamente se incorporou e tem prestado um inestimável serviço, que devemos progredir muito mais no ano vindouro.

É de praxe Aqui na Academia fazer uma apresentação sumária do novo Acadêmico.

Luiz Maurício da Silva. Nasceu em 09-08-1944.

Teve uma recepção impar no planeta. Uma enorme explosão.

A da bomba atômica explodida em Nagasaki, no Japão naquele dia uma das maiores vergonhas da história da humanidade.

Claro que não tinha nada a ver com isso, mas bem que poderia ter deixado para nascer no dia seguinte.

Desde cedo Luiz dedicou-se ao estudo da física e da matemática. Mas a sua paixão era o estudo da ciência.

Oriundo de uma família humilde, estudou e praticou a carpintaria, aprendida no SENAI, o que não impediu de em 1980 obter o 1º lugar no vestibular de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

Trabalhou com Dom Helder Câmara e sofreu forte perseguição política da ditadura no período de 1969 a 1972. Morou em Recife, Fortaleza, São Paulo, Porto Alegre, Ribeirão Preto, retornando ao Recife.

Casou-se em 1978 com uma colega médica já falecida, Marisa Patrícia de Souza com quem teve 3 filhos. Melke, Marcelo e Márcio.

Que lhe deram 6 netos. Melke, Mariana e Marcos, Marcelo, Yara e Thiago e Márcio, Leonardo e Bernardo.

No Departamento de Genética conheceu a sua atual companheira, a Dra. Rosilda Santos Silva, com quem teve sua filha caçula, Paula. Certamente estão todos orgulhosos nessa noite de festa.

Na Universidade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, obteve o Mestrado em genética em 1987 (3 anos) e o doutorado em Genética na USP, Ribeirão Preto em 1999 (3 anos), trabalhando com *Drosophila* e vegetais. Frequentou durante todo esse itinerário as bibliotecas públicas por onde andou. Em 1983 realizou mais um concurso classificado em 1º lugar, o de Auxiliar de Ensino na Universidade Federal de Pernambuco e teve o privilégio de trabalhar com o Professor Aluísio Bezerra Coutinho com quem muito aprendeu no caminho das ciências. Em 1984 obteve a licenciatura em Ciências e Matemática na Universidade Federal de Pernambuco. Com Bezerra Coutinho enveredou com maior profundidade na genética populacional e forense.

Todos nós ficamos órfãos com a perda de Aluizio Bezerra Coutinho, recentemente lembrado por nosso Presidente Professor Geraldo Pereira que publicou a sua biografia que tive a honra de prefaciar.

E foi Geraldo Pereira quem atraiu Luiz Maurício para a Academia Pernambucana de Medicina onde nos tornamos amigos e juntos enveredamos pelo caminho da ciência e do conhecimento. Temos muitos planos para desenvolver aqui na Academia de atividades ligadas ao estudo da ciência que certamente terá o apoio e a participação de muitos colegas de nossa Instituição.

Finalmente, Senhor Presidente, já preocupado com a extensão desse discurso e contrariando Cícero, no Diálogo sobre amizade, saúdo o Professor Luiz Maurício, Rosilda, e toda a família e todos os presentes.

Muito grato pela atenção.



*Discurso de Posse na Academia
Pernambucana de Medicina*

Acadêmico

Paulo Fernando Barreto Campello de Melo

Recife, 22 de março de 2012



“Um título científico é o maior padrão humano que se pode atingir. O que sabemos vai conosco para toda parte e ninguém no-lo pode tirar. Afora a virtude, cujo valor é inestimável, o saber é tudo. Não nos devemos impressionar com a ignorância triunfante. A verdade é que, ao lado dessas gloriolas efêmeras, os sábios também triunfam. A humanidade não se degradou a ponto de desprezar a sabedoria. Mesmo os que tripudiam sobre aqueles que estudam, admiram-nos intimamente.

Não te envaideças, contudo. A vaidade mareia tudo, até a inteligência e a cultura, ao passo que a modéstia dá novo brilho aos dons do espírito. Ninguém tem do que se envaidecer. Somos o que Deus nos fez, nada mais. E, conforme diz o Evangelho, cada um pretará contas na medida do que recebe. Quem mais teve, mais terá e dar a Deus e aos seus irmãos, de modo que as responsabilidades vêm a ser a contrapartida dos dons recebidos. Disso decorre que todos somos iguais perante Deus.

Eis os conselhos que me lembro de te dar ao receber o teu título. Estudas muito, dilata quando puderes o teu horizonte mental, porquanto nisso encontrarás alegrias e compensações magníficas, mas na medida em que fortificares a tua inteligência e enriqueceres a tua cultura, humilha-te, pois é a única maneira pela qual nos podemos verdadeiramente exaltar.”

Francisco Barreto Campello

Esta carta foi escrita há quase 70 anos, na ocasião da formatura de minha mãe, Maria do Carmo, pelo seu Pai Francisco Barreto Campello, que não pôde comparecer, estava no Rio de Janeiro, ocupado com suas atividades como deputado federal. Esta mensagem foi repassada por minha mãe, para todos os meus irmãos nas suas formações e, há 32 anos, também na minha formatura. Ao concordar com os princípios éticos e humanísticos da carta, repassei ao meu filho

Denis na sua formatura em Engenharia Civil. Muito me honra neste momento tomar posse na cadeira de número 14 desta prestigiada Academia de Medicina, mas não gostaria jamais de esquecer e seguir os conselhos do meu avô e referendado por minha mãe nesta carta. Com essas reflexões início minhas palavras.

Gostaria de fazer algumas referências as figuras tão ilustres da classe médica pernambucana, os antigos ocupantes Jorge Oliveira Lobo e José da Silva Rodrigues e ao patrono Francisco Clementino, todos já merecidamente homenageados e biografados em outras ocasiões por essa academia.

Dr. Francisco Clementino, médico formado na Bahia. No Recife em 1921, assumiu o cargo de diretor do asilo da mendicidade, instituição em favor dos mendigos, já criada em 1870. Teve destacada atuação em prol dos portadores de Hansen e doenças venéreas da época no Hospital de Santo Amaro. Neste hospital, conheceu o Dr. Jorge Oliveira Lobo, convidando para ser o seu assistente na clínica dermatológica, e, ao nortear as suas atividades para a área administrativa, transfere para o Dr. Jorge as funções terapêuticas junto aos pacientes.

Na fundação desta academia o do Dr. Jorge Lobo passou a ser o primeiro ocupante desta cadeira e teve como patrono, exatamente, seu antigo orientador e diretor, no Hospital de Santo Amaro, Dr. Francisco Clementino.

Dr. Jorge de Oliveira Lobo formou-se em medicina no Rio de Janeiro, retornando para o Recife, iniciou suas atividades junto aos pacientes com problemas dermatológicos, e realizou suas pesquisas científicas no laboratório de anatomia patológicas do hospital de Santo Amaro. Posteriormente, tornou-se livre docente com a tese sobre seus estudos com a Blastomicose. Ao trabalhar com esta temática descobriu uma doença nunca registrada: a Blastomicose Queloidiana, que se tornou conhecida mundialmente na comunidade científica, como “Doença de Jorge Lobo”. Estes são os pequenas/grandes destaques que sintetizo para lembrar o patrono e primeiro ocupante desta nobre cadeira.

O nosso segundo ocupante, o qual tenho a honra de substituir nesta solenidade é o Dr. José da Silva Rodrigues. Médico formado pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1952. Bolsista do Conselho Britânico em Derby, na Inglaterra em 1958. Tornou-se professor livre docente do Departamento de Cirurgia na Disciplina de Traumatologia em 1960, sendo posteriormente professor Auxiliar e logo em seguida professor adjunto, em 1964. Assumiu a cátedra de Ortopedia em 1970 e, em 2007, foi elevado a professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco. Em 2008, o professor José Rodrigues publicou a obra “A história da Ortopedia Pernambucana”, que, em uma breve passagem, afirma:

“A minha formação nunca foi para escrever. Verifiquei logo no princípio da minha vida, a habilidade manual, que suponho ter ocorrido do fato de minha mãe ser costureira. E, desde criança, eu a auxiliava na arte da costura, tanto que adquiri muita habilidade para pregar botões e fazer casa” e continua... “Por influência do sertão alagoano, onde me criei á margem do Rio São Francisco, o jovem sempre pendia para ser padre ou médico. Meu pai alegou que já havia muito padre na família e eu deveria ser médico”. Definido a profissão, o jovem José optou pela experiência cirúrgica e justifica... “Sentia a influência da habilidade manual, desenvolvida auxiliando minha mãe nas atividades da costura e lapidada construindo velas para canoas pequenas, com os troncos das árvores do Molongô, comum nas margens do São Francisco e muito boa para o entalhe.” E adiante menciona: “Sou médico cirurgião e ortopedista, com boa capacidade para entalhar ossos”

É importante destacar estes dois momentos da vida do Professor José Rodrigues. O primeiro; os títulos como profissional da medicina e ainda poderia citar muitos outros; trabalhos, estágios, pesquisas. O segundo momento é notória sua corajosa e carinhosa simplicidade,

demonstradas ao escrever no livro, passagem da sua infância como auxiliar nas atividades de costura de sua mãe. Neste pequeno Dual, tentei definir o médico e o ser humano, uma vez que não tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente e gostaria que ficasse na minha memória e na de todos que estão presente nesta cerimônia, esta construção poética-científica, ao ocupar no dia de hoje sua tão nobre cadeira, que foi ocupada pelos ilustres Francisco Clementino e Jorge Lobo e, que na verdade, nunca deixará de ser deles.

Dedico palavras de um profundo agradecimento às pessoas e instituições que me ajudaram, compartilhando da minha trajetória nestes meus de 57 anos de vida e 38 de atividades na área médica, incluindo os meus anos como acadêmico. Algumas figuras, entre outras, tiveram influências na minha formação humanística e científica. Dr. Francisco Montenegro (Tio Montenegro), médico, Pneumologista, casado com minha Tia Dolores, irmã do meu Pai. Voz mansa, pausada, gestos suaves, sempre trazia palavras de conforto nas horas das dores físicas e da alma. Dele, pela primeira vez ouvi as palavras:

“O médico pode não curar, mas pode aliviar e consolar.”

Este foi o alicerce e a minha inspiração para idealizar, há quase vinte anos, o Programa “A arte na medicina, às vezes cura, de vez em quando alivia, mas sempre consola”, da Universidade de Pernambuco, que com seus quinze projetos, tem por finalidade a humanização da medicina e a sua contribuição terapêutica, tendo a arte como a receita médica prescrita. Logo no início do curso médico, tive a oportunidade de desenvolver e aprimorar a magia que é a arte de ensinar, como monitor das disciplinas de histologia e anatomia patológica sobre a direção da Dra. Eridam Coutinho, na Faculdade de Ciências Médicas. Em seguida, com o passar dos anos fui convidado pelo professor, amigo, um ser humano íntegro, Milton Lins, da disciplina de cirurgia torácica, para estagiar no seu hospital. Dr. Milton tinha conhecimento da minha decisão de seguir a especialidade de clínica médica, e

fazia questão de me orientar não na técnica cirúrgica, e sim, nos procedimentos para avaliar os sintomas clínicos das doenças cirúrgicas, alertando que os primeiros médicos a serem chamados para avaliar os pacientes eram os clínicos e posteriormente, vinham as convocações dos cirurgiões. E assim, observei a importância de um clínico geral com boa formação na clínica cirúrgica.

Outro profissional importantíssimo na minha formação profissional foi o Dr. Vitorino Spinelli, acadêmico desta Academia, que na minha passagem como doutorando no hospital Barão de Lucena, exercia a chefia da clínica médica. Com sua sabedoria científica e didática, mostrava como era simples estabelecer uma hipótese diagnóstica, com um “olhar clínico”, sobre o paciente. Fazia uma ligação entre as informações colhidas dos pacientes, com o exame físico e os exames laboratoriais, assim como um maestro rege a sua orquestra. Vitorino foi fundamental, um médico ainda jovem, amigo, vestia-se com simplicidade, jogava futebol e gostava de música. Este contato com Vitorino foi definitivo para a minha vida. Os pensamentos que me geravam angústias, aflições e sofrimentos pela escolha de uma vida dedicada ao exercício da medicina e por ter de abdicar de tudo o que eu gostava de praticar, estavam completamente errados. Sim, era possível conciliar, era real, o dual medicina e arte. Vitorino era um exemplo, referência nacional e internacional na área de hepatologia e, acima de tudo, um ser humano normal, como todos nós. Continuei frequentando mesmo após a formatura o ambulatório de fígado do hospital sobre sua orientação, fortalecendo ainda mais minha escolha pela médica. Em 1980, iniciei minhas residências médicas em Clínica Médica e Pneumologia, no Hospital Universitário Osvaldo Cruz, e paralelamente começava a minha vida profissional trabalhando na Clínica Brasil, a convite do seu diretor e pneumologista, Dr. Fernando Ascensão Fernandes Vieira. Durante alguns anos, acumulei a função de Clínico e Pneumologia, essa, devido à morte prematura do Dr. Fernando. Duas presenças da Pneumologia já tinham acontecido no meu caminho; Francisco Montenegro e Dr. Fernando e, mais uma vez, volta a está presente, e concretiza minha grande busca, a de me

tornar professor. Surge, um grande incentivador, Dr. Luís Regueira, regente da disciplina de Pneumologia, que me deu a oportunidade ao me convidar para ministrar aulas teóricas e práticas na disciplina, ainda como médico residente e, logo depois, como professor concursado, atividade que mantenho ainda hoje. Neste setor, ainda tive o privilégio de ter as orientações terapêuticas do Professor Fernando Pinto Pessoa, chefe do serviço de Pneumologia do hospital, e que hoje passo a conviver como colega nesta Academia.

Estes foram, entre outros, os profissionais que nortearam meus caminhos na atividade médica. Gostaria de acrescentar a importância na minha formação profissional e humanística, dos ensinamentos adquiridos nesta área, por uma pessoa que não era médica, mas que merecia receber o título de Doutor Honoris Causa, a minha mãe. Sabia de tudo! Do diagnóstico aos exames e do tratamento. Sua experiência pela vivência com as doenças adquiridas com a quantidade de parentes que tínhamos; caminhava da pediatria à geriatria, tinha conhecimentos gerais. Vejamos: descendentes de meu avô Francisco Barreto, seu pai; somos, acreditem 305; 15 filhos, 82 netos, 171 bisnetos e 37 tetranetos. Com esse público alvo, diagnosticou leishmaniose, hepatite, mononucleose, meningite, várias amigdalites e pneumonias na família. Quando eu tive Febre reumática e Febre tifóide o diagnóstico foi feito por ela. Merecia um diploma na especialidade de doenças infecciosas, imbatível na área. Seus amigos de trabalho, antes de ir se consultar com os médicos e mesmo após as consultas levavam os exames e pediam sua opinião. No entanto, minha mãe nunca prescrevia medicamentos, sempre aconselhavam que fossem se medicar com os médicos e assim ressaltamos: “Nunca exerceu ilegalmente a medicina”. Confesso que durante toda a minha vida profissional, nunca deixei de ficar atentas as suas considerações médicas.

Nessa trajetória familiar, a presença do meu pai, com sua forma peculiar de ser, um bom ouvindo, sempre sereno e pensativo, calmo, manso de alma e coração, orientando a mim e aos meus irmãos, foi imprescindível para me tornar um ser humano mais completo. Um pai

sempre orgulhoso das conquistas dos seus filhos, com sua forte presença na escola, universidade, nas nossas atividades artísticas. Como engenheiro e fotógrafo premiado, construiu e fotografou a vida. Sou um eterno aprendiz dos seus ensinamentos.

A convivência com meus irmãos; Tavinho, Geraldo, Lula, Carlito, Miguel, Marcus André e Lília, todos formados e profissionais liberais, e com seus dons artísticos particulares, em especial, o meu irmão Lula, que me fez despertar o lado artístico-musical. Lula me passou os primeiros ensinamentos dos instrumentos musicais percussivos e da bateria, me proporcionou a grande felicidade e a possibilidade de manter a prática da percussão presente na minha vida até hoje, sendo fundamental no desenvolvimento dos projetos de arte na medicina.

Ainda gostaria de lembrar o trabalho desenvolvido por Ana Flávia, minha sobrinha que sempre esteve presente nas administrações das nossas atividades médicas ligadas a arte, nas formatações dos projetos e na co-autoria de livros publicados. Elisa, minha nora, que mostrou a importância de uma nova visão para o dual Medicina e Arte; mais holística e menos fragmentada e, principalmente, por compartilhar a dádiva da felicidade com meu filho, Denis. Esse, uma presença constante, companheiro, amigo, conselheiro, e, em alguns momentos, se configura até como um Pai. Compartilha comigo momentos musicais percussivos e na profissão; é Engenheiro, pós-graduado em saneamento. Os engenheiros desta área são os profissionais de saúde mais importantes para o Brasil. Sem saneamento não existe saúde.

Agradeço a competente atriz Sônia Bierbard pelas suas participações artísticas divulgando nossos projetos desde os primeiros passos e principalmente pela mãe amorosa do nosso filho Denis.

É preciso sempre agradecer!

Agradeço aos amigos médicos- artistas que estão diariamente comigo na busca de uma medicina humanizada com arte; Wilson Freire, Ronaldo Dias, Carlos Reinaldo, Tânia Falcão. Aos médicos músicos

da nossa Orquestra de Médicos de Recife; Fernando Azevedo, José Maria, Edmundo Franca. Ao amigo e artista plástico Sebastião Ourinho participante desde os nossos primeiros projetos e que, com sua arte dá vida aos nossos personagens. As arteterapeutas Daniella Barreto, Dôra Santoth, Kika Freire e Cristina Lopes também participantes diretas das nossas ações. Aos músicos Cláudio Almeida e Bete Coelho que pulverizam as enfermarias com suas notas musicais. Aos coordenadores e participantes do Projeto Saúde com Arte do Programa IMIP Cultural, do Instituto de Medicina Integrada de Pernambuco Prof. Fernando Figueira. A todos os pacientes participantes das nossas atividades, que repassam também os seus ensinamentos de vida, de força e coragem, e a certeza de continuarmos a praticar sempre Medicina com Arte.

Agradeço aos Funcionários, Chefias, Coordenadores, Diretores, Reitores da Universidade de Pernambuco, que acreditaram no nosso trabalho durante todos esses anos e nos ajudaram no crescimento do Programa Arte na Medicina . Ao Conselho Estadual e Federal de Medicina, Sindicato dos Médicos de Pernambuco, Associação Pernambucana de Medicina, Conservatório Pernambucano de Música, Grupo de Ajuda as Crianças Carente com Câncer-, União Brasileira das Associações de Arteterapia, Associação Brasileira de Medicina e Arte. Instituto de Apoio a Universidade de Pernambuco-Iaupe

Todos se sintam homenageado nesta cerimônia.

Agradeço a todos vocês acadêmicos que me indicaram para a honrosa Academia Pernambucana de Medicina, e permitindo que tomem posse comigo nesta noite, a Humanização da Medicina e a Arte, investindo na verdadeira tecnologia de ponta; A alma humana e que possamos todos juntos, refletir sobre essa obesidade tecnológica e desnutrição humanística que caminha a humanidade, como diz o Prof. Wilson Oliveira.

*Senhores Acadêmicos, Amigos e Familiares, que,
As artes plásticas – com suas cores, pincéis e tintas.
A fotografia – com suas imagens congeladas.
A dança – com seus corpos em movimentos.
A música – com suas partituras.
A literatura – com a palavra dita.
Permitam para todos celebrar a vida com arte!*

Finalizo lembrando uma passagem na minha vida.

Há 30 anos minha mãe publicou, dentre os vários livros de poesia, um com o título “Partitura Sem Som” e como sempre fazia, oferecia um exemplar a cada filho e ao meu Pai. No meu livro ela escreveu:

“Ao meu filho Paulo, para que possa encontrar a partitura de sua vida”.

— Hoje eu te respondo minha mãe e que o eco chegue ao meu Pai, meu irmão Lula e a minha cunha Verônica.

— ENCONTREI!

Muito obrigado.





Saudação a Paulo Fernando
Barreto Campello de Melo

Acadêmico

Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira

Recife, 22 de março de 2012



Entrei nesta Academia Pernambucana de Medicina em 22 de setembro de 2009. Fui saudado pelo Mestre da oratória e do bisturi, Edmundo Ferraz. Disse ele que ‘a Casa de Fernando Figueira, deve ser a casa da Epistemologia, ou seja da análise do conhecimento estabelecidos os seus avanços e limites. A casa em que não deve o conhecimento ficar etéreo e sim participante, como foi o nosso fundador.’ Já o Acadêmico Bertoldo Kruse Grande de Arruda havia deixado escrito que ‘neste sodalício cultiva-se uma memória criadora com a harmonização de dois aspectos: um a trajetória e a lembrança de nossos antecessores, outro para analisar idéias e proposições de modo crítico e propositivo com palavras de nosso tempo e do tempo futuro’. Disse, ainda nosso Edmundo que é do mundo seu profundo estudioso, que ‘esta academia deve exercer o seu papel balizador e de farol e não ser, apenas, uma mansão de velhinhos eruditos, espectadores.’ Velhinhos. Esta não é, simplesmente uma casa de velhinhos, de um convívio prateado, como se para tanto fosse imprescindível o tempo. Somos, sim, os donos de uma experiência dourada pela persistência e pelo desejo de saber. A Juventude e a Velhice têm, cada qual, sua oportunidade. Nada melhor, para ser lido, neste momento, que a mensagem deixada pelo herói da segunda grande guerra, o General Douglas Mac Arthur, comandante em chefe das operações do, paradoxal, Pacífico. Disse ele: ‘As pessoas se tornam velhas quando abandonam seus ideais. O passar dos anos enrugam o rosto; perder o entusiasmo enrugam a alma. Ser jovem não é uma questão de faces rosadas e joelhos lépidos, é, também, uma questão de vontade, e imaginação, e buscas, sentimentos que brotam das fontes profundas da vida. A Juventude significa a preponderância da coragem sobre a timidez. Ninguém se torna velho, simplesmente, por ter vivido certo número de anos. Você será tão jovem como a fé que o anima, tão moço quanto a sua auto-confiança, tão idoso quanto seu medo, tão jovem quanto suas esperanças, tão velho quanto seu desespero. Qualquer que seja a sua idade, não deixe que desapareça, do seu coração, o amor maravilhoso, não perca a curiosidade pelo que está por vir nem a alegria pelo jogo da vida’. Nós somos esses velhos jovens. Temos que perseguir

esses sentimentos que brotam das fontes profundas da vida. A cada dia temos que nos sentir mais capacitados e mais orgulhosos de nossa competência. Por tudo isso, Paulinho, é que você vive esta noite em que seu coração está em festa. Principalmente porque você não é um velho jovem mas, um jovem jovem. Recuemos no tempo. Eu acredito na amizade. Creio que a sucessão de gerações amplia a cristalização dos relacionamentos. Aqui somos todos amigos entre todos, se não, em vias de sê-lo. Por isso, os Barreto Campello, sobrenome de meu afilhado de hoje, Paulo Fernando Barreto Campello de Melo, se constituíam assunto permanente a ser abordado nas mesas de refeições de minha casa, ouvindo eu, dentro de minha adolescência, as referências ao velho professor e advogado Francisco Barreto Campello, Mestre das tribunas do ensino superior, da Faculdade de Direito, Deputado Federal de cuja lavra se originaram as bases da Lei que estabeleceu os mesmos direitos, entre portugueses e brasileiros, exceto os de poderem se tornar presidentes do outro país. Um tipo físico que me fazia respeitar seus bigodes, cujos fios eram garantias de honra, estranhando, eu, que o seu corpo, como continente restrito, pudesse ter, como conteúdo, tamanho valor intelectual e profissional, na morada de sua mente. Membro da Academia Pernambucana de Letras, em 1929, quando acalentava o sonho de gerar a filha, poetisa, Maria do Carmo Barreto Campello, que se tornaria, em 1982, membro da Casa de Carneiro Vilela, Francisco Barreto Campello construíra uma família, em bases católicas, praticantes, cujos resultados seriam palpáveis em todos os filhos e netos de que se constituiria. Nos meus 14 anos, em 1944, passava os fins de semana na granja de meus Pais no município de Carpina. Estrada de areia nos fazia consumir quase duas horas de viagem, no velho Ford 38, no. 1313. Na primeira entrada à direita, já no caminho que nos levaria a Lagoa do Carro, encontrávamos uma série de granjas, à esquerda. A primeira era de meu pai, Granja Santa Clotilde, lembrando sua mãe de criação, tia, Clotilde de Oliveira. Depois seguiam-se algumas de José Lobo, de Renato Farias, de Lael Sampaio e, entre elas a de Barreto Campello. Varias vezes meu pai foi lá para conversarem sobre

problemas da intelectualidade de ambos. Quando minha avó de criação, Maria Adélia da Câmara Lima, mãe de criação no. 2 de meu pai, que morava conosco, já não reunia condições de viajar semanalmente, meu pai se desfez da pequena granja mas a amizade entre nós e os Barreto Campello continuaria, no Recife, na Torre, na Academia, nas Faculdades. Maria do Carmo cresceria e apuraria seus dons de poetisa até ao final de sua existência. Casou com o professor José Otávio de Melo de quem tive a sorte de ser aluno da cadeira de Desenho, no Colégio Padre Felix, em 1947. Dessa união nasceram 8 filhos: 7 homens e uma mulher. Aí estava, no meio deles, em 1955, você, meu caro Paulo que haveria de herdar o talento e os dotes artísticos que coroaram todos na Música, nas Artes Plásticas e na Literatura e que vêm se estendendo às gerações sucessivas, como ao seu filho que é músico por parte de você e artista, por parte de sua mulher. Você tem um belo currículo de aprendizado escolar. Começado no Grupo Escolar João Barbalho, se continuaria no Colégio Salesiano e no Martins Junior, terminando o Científico no Colégio Esuda. Já apresentava os primeiros sinais verdes da Medicina começando o curso médico na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, em 1974, seguindo a sua vocação de ser Médico Clínico Geral. Em 1979, de anel no dedo, partiu para pós-graduação em regime de residência médica, na especialidade de Pneumologia a que se seguiu a de Medicina do Trabalho. Concluindo, ainda a sua formação profissional, fez pós-graduação em Formação Clínica em Arte Terapia, na Clínica Pomar, no Rio de Janeiro. Encontrou, aí, a sua paixão médico-terapêutica. A influência da Arte, em todos os seus setores, como elemento básico da melhoria das condições de vida de seus pacientes, lhe deu a gratificação devida, até hoje, embora não se tenha afastado da vida médica profissional, por se ter classificado, em concurso, para professor de Pneumologia da Faculdade de Ciências Médicas, onde permanece há quase 30 anos exercendo as funções de Magistério. Também, durante mais de 25 anos, exerceu suas atividades como clínico no Hospital de Doenças Infecciosas Correia Picanço. Mas, as Artes fustigavam o espírito do inquieto Paulinho. Desde 1996, passou a fazer parte da

Orquestra de Médicos do Recife, ao lado de outros colegas, como Zé Maria Pimentel, no piston, Carlos Reinaldo no contra-baixo, Cláudio Almeida como violão, maestro e arranjador, Edmundo França, no saxofone e Fernando Azevedo, como cantor. Ele, firme, na bateria e, principalmente, no pandeiro que insistia em que fizesse parte dos arranjos e orquestrações, o que lhe valeu, até hoje o nome de Paulo Fernando Barreto Pandeiro. Fica assinalado este fato para que a Academia saiba que já contará, também, em seu quadro social, com um pandeirista, embora já existam alguns acadêmicos que cuidam de 'pandeiros'. Atualmente se acha fazendo o curso de doutoramento de Bioética, na Universidade do Porto, em convênio com o Conselho Federal de Medicina, compondo uma tese sobre 'O impacto da utilização das manifestações artísticas no tratamento das crianças e adolescentes com câncer'. Sua tendência para o magistério se fez sentir desde quando estudante. Foi Monitor da Cadeira de Histologia e Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas e Professor de Técnicas Médicas e Biologia do Colégio Esuda. Nos últimos 5 anos é Regente da disciplina eletiva de Arte Terapia da Faculdade de Ciências Médicas. É a única faculdade do mundo, possuidora desta disciplina em seu currículo. Têm havido vários pedidos de informações de entidades de todo o país, com o objetivo de implantar cursos semelhantes. É ele próprio quem, em depoimento recente, diz que seu contato com a Arte vem desde criança, através da genética herdada de seus pais. Logo aos 8 anos teve aulas de bateria e percussão, ministradas pelo irmão Lula e, aos 10 anos, com seus irmãos e primos, formaram um grupo musical que fazia apresentações e gravava discos. Nunca abandonou a intimidade com a Arte e no início dos anos 90 iniciou o processo prático de unir Arte e Medicina idealizando e coordenando, até hoje, o programa 'A Arte na Medicina às vezes cura, de vez em quando alivia, mas, sempre, consola', na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco – UPE, que tem, como finalidade, a utilização da Arte como proposta humanística e terapêutica. O programa é uma das referências nacionais e internacionais na área, ganhando prêmios dos Ministérios da Saúde e da Cultura. No Recife

ampliou suas ações no Instituto de Medicina Integrada de Pernambuco, - IMIP – compondo o projeto ‘Saúde com Arte’ do programa IMIP Cultural. Paulinho relatou essas experiências em livros, em co-autoria por ele organizado, a exemplo de ‘A receita da Vida’, ‘A Arte na Medicina’, ‘No Terreno das Histórias – As sementes de uma Medicina humanizada, histórias para acordar os homens e celebrar a vida’. ‘Medicina humanizada com Arte’. Produziu, também, vários vídeos com temas da área da Medicina, como ‘Cicatrizes da Loucura’, ‘O Corpo Psicossomático’ e ‘Sempre vida’. Esta Academia, fundada em 17 de dezembro de 1970, brilho de uma idéia de Fernando Figueira, pregava e continua pregando:1) Contribuir para o progresso da Medicina e ciências afins;2) Incentivar o aprimoramento da cultura médica, em geral, da profissão, da ética, do ensino médico e, particularmente, da medicina social;3) Colaborar com os poderes públicos e instituições médicas;4) Promover e estimular a realização de congressos, jornadas, cursos, conferências e debates de interesse cultural, científico e de ensino médico-social. Esses os quatro pilares de nossa Academia de Medicina idealizados por seu fundador e continuada por seus sucessores, como está sendo na presidência do Colega Geraldo Marques Pereira. A recepção de um sócio como Paulo Fernando Barreto Campello de Melo em seu meio, ratifica e enriquece os propósitos iniciais, dando-lhe polimento e prestígio maiores. Sei o quanto me vale pertencer aos seus quadros, honradamente, desde 22 de setembro de 2009. Tendo aceito um convite para escrever um trabalho sobre Arte Terapia, recorri a um original de meu pai Valdemar de Oliveira, escrito em 1924, na Bahia, onde se formara em Medicina, sob o título ‘Musicoterapia’ – These inaugural.. Depois ele haveria de propor à antiga Sociedade de Medicina de Pernambuco, presidida, à época, pelo Prof. Octávio de Freitas, fundador desta Faculdade de Medicina, comemorar o centenário com a apresentação de uma peça de tema médico, ‘Dr. Knock’, de Jules Romains, representada por médicos e esposas de médicos. A idéia rejeitada, inicialmente, em face do preconceito que havia da sociedade pisar o palco, foi, finalmente, aprovada e assim surgia o grupo que tomaria o nome de

Teatro de Amadores de Pernambuco, em 1941, contando com Valde-
mar de Oliveira e Diná, Walter de Oliveira e Ladyclaire, José Carlos
Cavalcanti Borges e Ivonne, Agenor Bonfim e Jacy, além Cremilda
Pandolfi, esposa de José Pandolfi e de Leduar de Assis Rocha, Coe-
lho de Almeida e Filgueira Filho, todos médicos. A Arte Teatral e a
Medicina de mãos dadas. Para se habilitar à eleição que o trouxe a
esta noite, Paulo Fernando escreveu a monografia ‘Medicina huma-
nizada com Arte. Uma proposta ética, humanística e terapêutica’, A
Arte Terapia é o uso dos recursos artísticos com finalidade terapêuti-
ca, proposto pelo médico alemão, psiquiatra, Johan Christian Reil,
contemporâneo de Pinel. Posteriormente foram travadas relações en-
tre a Psiquiatria e a Arte quando se tornou importante a participação
de Carl Jung que aplicou os recursos da Arte na Psicopatologia, pas-
sando a trabalhar com o fazer artístico como forma de atividade cria-
tiva, integradora da personalidade. A observação dos resultados é
sensacional. A Arte é notável. A Arte Terapia tem o condão de aten-
nuar e de, até, extinguir os traumas emocionais da perda de entes
queridos, de derrotas em entaves de conhecimentos, de inesperadas
revelações amorosas, a ponto de se tornarem tranquilizantes artísti-
cos que não exigem receitas médicas. Cada paciente passa a buscar
em seu íntimo as forças que o seu talento jamais revelou. O desco-
nhecido se apresenta. Surge a capacidade criativa. Paulo Fernando
faz tudo isso. Aplica a Arte Terapia, como formado na especialidade,
e o ser humano vence, então, a apatia, a depressão, o desencanto de
viver, para reaparecer perante a sociedade e a família e perante si mes-
mo, mais do que tudo. Acredita, novamente, na alegria de viver. De-
pois de sermos apresentados à Arte Terapia, suas origens seus concei-
tos, seus objetivos, suas aplicações, seus resultados, vale que recorde-
mos dois pensamentos que justificam estreitarmos, cada vez mais os
laços entre as Artes e a Terapia. O grande His escrevia : ‘Se a Medi-
cina fosse, apenas, a arte de curar, a muito pouco estaria reduzida’
enquanto Alberto Garcia Mata pregava: ‘Aquele que só sabe Medici-
na, nem Medicina sabe’. Paulinho: você assimilou tudo isso. Sua che-
gada até aqui se deu por gravidez e gravidade. Tranquilas. E

chegamos a uma conclusão maravilhosa. Paulo Fernando, sem se afastar de suas atividades artísticas, continua, há 30 anos, fazendo Medicina, em contato com os pacientes, usando da maior Arte, da mais sublime e soberana, exclusiva de nós médicos, a Arte de Curar. Não há nada que pague o sorriso de um paciente curado. Nada que supere o reencontro consigo mesmo e a natural alegria de viver. Que maravilha o amanhecer de um novo dia. De parabéns, Paulo, pelo que você faz na vida. De parabéns a Academia pelo que você fará por ela.

Obrigado.





*Titulo de Acadêmico do Ano -
Discurso de Agradecimento*

Acadêmico

Luiz de Gonzaga Braga Barreto

Recife, 10 de dezembro de 2011



ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA
CELEBRAÇÃO DO 41º ANIVERSÁRIO

DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Ilmo. Sr. Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
Professor Geraldo Pereira
Acadêmicos que compõem a mesa de trabalho
Professor Luiz Gonzaga Santos
Estudantes de Medicina:
Isla Santos Bezerra
Juscille de Souza Barros
Polianna Guedes Granja
Rebeca Mangueira Correia
Meus familiares aqui presentes
Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Restam-nos a esperança e o agradecimento.

Quando o mês de dezembro se encontra no seu findar e nos preparamos para celebrar o nascimento do Menino Jesus, eis que a Academia Pernambucana de Medicina, nesse mesmo tempo, se enche de mais alegria para festejar o seu aniversário cuja fundação ocorreu em 17 de dezembro de 1970.

São 41 anos de profícuas atividades nas quais 4 presidentes exerceram com brilhantismos os seus labores de dirigentes e líderes: o professor Fernando Figueira, o professor Salomão Kelner, o professor Bertoldo Kruse e atualmente o professor Geraldo Pereira.

Faz-se da tradição desta instituição, na solenidade comemorativa do seu aniversário, fazer a entrega anual das seguintes honrarias:

O **Título de Acadêmico do Ano** que neste ano me foi concedido. É a 31ª vez que este título é outorgado para um Acadêmico.

A **Medalha do Mérito Médico Professor Fernando Figueira** que foi outorgada ao Professor Luiz Gonzaga dos Santos, sendo esta honraria criada em 2009 com o objetivo de agraciar médicos que tenham se sobressaído pela cultura, capacidade profissional, bons serviços prestados à classe e a comunidade e pela fiel observância dos preceitos éticos da profissão.

Também hoje, nesta celebração a Academia Pernambucana de Medicina confere o **Prêmio Professor Salomão Kelner** aos estudantes de Medicina da Universidade de Pernambuco, Isla Santos Bezerra, Juscille de Souza Barros, Polianna Guedes Granja e Rebeca Manguieira Correia, uma conquista fruto da ação coletiva dessas estudantes pelo trabalho elaborado e apresentado no concurso promovido pela Academia e que foi escolhido como o melhor inscrito.

Coube a mim agradecer a Academia Pernambucana de Medicina, seja em meu nome, como também em nome de todos os agraciados aqui nominados. Sei que muito merecida é a homenagem que se presta ao nosso colega médico Professor Luiz Gonzaga dos Santos pela sua profícua dedicação, por toda a vida profissional, ao bem servir na especialidade médica de hemotransfusão, da qual foi pioneiro no setor público, estendendo suas atividades a implantação dos hemocentros por todo o Brasil.

Para estas jovens estudantes de Medicina que se fizeram merecedoras do Prêmio Professor Salomão Kelner foi justo e oportuno este agraciamento pelo seu trabalho e pelo que elas representam para a nossa mocidade estudantil. Elas são a esperança e a paz que cada qual traz dentro de si.

Quanto a mim, não tecerei outros comentários, pois a outorga dessa comenda creio que é fruto da amizade, do companheirismo e dos corações bondosos dos dirigentes da Academia Pernambucana de Medicina. Talvez até como uma forma de testemunhar a minha retirada dos quadros da Universidade Federal de Pernambuco, pela minha aposentadoria, a meu pedido, assinada pelo Reitor da nossa instituição em setembro deste ano.

Estava por esses dias repassando em meus pensamentos algumas das páginas da minha vida e me vi chegando ao Recife no final da década de 1950. Revivi o meu ingresso na Faculdade de Ciências Médicas e a formatura em 1965. Vislumbrei minha indicação como Diretor do Hospital Escola Oswaldo Cruz, em 1967 e depois o meu ingresso na Universidade Federal de Pernambuco, em 1971, para trabalhar como assistente do diretor do Hospital Pedro II, quando muitas vezes assumi a administração do hospital nos impedimentos do Diretor. Tempos depois fiz parte da equipe que planejou, implantou e gerenciou o Projeto de Saúde Comunitária - Projeto Vitória, durante quase 10 anos. E quando este movimento comunitário foi encerrado, fui levado a assumir a Diretoria do Hospital das Clínicas da UFPE, poucos meses depois da suspensão da greve dos professores e estudantes de Medicina que protestavam pela transferência abrupta das atividades práticas de medicina do Hospital Pedro II para o novo Hospital das Clínicas. Após esta rica experiência assumi a Pró-Reitoria Administrativa da Universidade Federal de Pernambuco por um período de 8 anos e por fim assumi a Coordenação do Memorial da Medicina de Pernambuco em final de 1995, permanecendo nessa função até minha aposentadoria, em setembro deste ano.

Senhores Acadêmicos, Meus Senhores e Minhas Senhoras, se revisei estas emoções profissionais, também refleti e me despertou muita preocupação os rumos que vêm tomando a política nacional e a sua administração pública. Quando cada vez mais se propagam escândalos relacionados com o uso indevido dos recursos públicos.

Dizia **John Randolph**, constituinte na Convenção de Filadélfia, em 1787, reunião deu origem a Constituição dos Estados Unidos da América do Norte, que: **“O mais delicioso dos privilégios é gastar o dinheiro dos outros”**. O ex-ministro e economista Roberto Campos inúmeras vezes repetiu e usou esta frase.

Mas, meus senhores, o que se observa agora não é somente a gastança desmedida do nosso dinheiro, inclusive com obras faraônicas que muitas vezes nunca chegam ao fim, está havendo é um verdadeiro assalto aos cofres públicos.

Ah!, e como tem sido movimentada a capital da nossa República. Dizia **Getúlio Vargas**: **“Os ministérios se compõem de dois grupos. Um formado por gente incapaz e outro por gente capaz de tudo”**.

E daqui a pouco estarão chegando as próximas eleições e passarem a assistir a participação desses políticos não atingidos pela **Lei da Ficha Limpa**, pois continuam reinterpretando e manipulando os enunciados dessa Lei para que ela não entre em vigência plena, mesmo sabendo que ela tenha sido originada em uma iniciativa popular, sendo aprovada como Lei Complementar pelas assinaturas de milhões de brasileiros.

Meus senhores e senhoras continuemos com os assuntos da nossa Academia, pois estamos no tempo da discussão, também, sobre a proteção do Planeta Terra, nossa casa, com a temática principal do aquecimento global. Este ano aqui foram exaustivamente tratadas essa temática, e muitas outras. Discutiu-se sobre a eutanásia e a ortotanásia e seus aspectos jurídicos, morais, éticos e filosóficos quando da abordagem dos temas “Cuidados Paliativos: Entre a vida e a Morte” e da “Humanização da Medicina”. Além do mais, foi abordada a alta tecnologia da informática, quando foi analisado o tema sobre a “Inteligência Artificial”. Palestrou-se sobre a contribuição “Genética dos Judeus à população do Nordeste” e em uma sessão especial foi prestada uma justa homenagem ao Professor Orlando Parahym, acadêmico desta Casa, que se vivo fosse, estaria completando 100 anos.

Outros temas ainda foram minuciosamente apresentados e discutidos. E dois acadêmicos tomaram posse nas suas respectivas cadeiras.

Ver-se senhores e senhoras, que a honraria de **Acadêmico do Ano** mais caberia, por justeza, ser outorgado ao presidente da Academia Pernambucana de Medicina pela sua liderança, organização e sabedoria na condução exemplar desta instituição.

Entretanto, só me resta agradecer emocionado aos dirigentes da Academia Pernambucana de Medicina, em nome de todos, pelas honrarias que nos foram concedidas, prometendo, da minha parte, me aplicar mais nos afazeres da nossa Academia Pernambucana de Medicina.

Muito obrigado!





Homenagem a Orlando Parahym

Acadêmico

Geraldo Pereira – Presidente da Academia
Pernambucana de Medicina

Recife, 23 de novembro de 2011



ORLANDO PARAHYM

O mestre Orlando Parahym, a quem conheci na década de 50, comemora agora o seu centenário, como outros pernambucanos ilustres, cantados em prosa e verso já. Canto, então, o velho mestre, porque dele fui quase um filho e aluno fidelíssimo na disciplina de Higiene, na Faculdade de Medicina. Sei das histórias vividas por ele, porque passei horas de minha vida ouvindo-as. Como aquela em que ele mesmo teve que arrancar um dente, um queixal, de certo paciente em Salgueiro, médico como era, mas sem saber do ofício de dentista.

Foi lá, nas distâncias esturricadas de Salgueiro, que Agamenon Magalhães descobriu Orlando, trouxe para o Recife e o fez Secretário de Saúde. Impressionou-se com o fato de ser um investigador incansável das peculiaridades do sertanejo, sobretudo da alimentação. Da alimentação e da seca, essa condenação que assusta, pela sede endêmica que produz e pela fome que traz. Gente sedenta e esfomeada; gente franzina, desnutrida e raquítica.

Agamenon parece ter antecipado o que disse, muito tempo depois, José Nivaldo, médico como ele e escritor como ele, afirmando que Orlando Parahym é uma prova de que o médico no interior não se desatualiza. De verdade, ele sempre foi um esculápio em dia com os avanços, fazendo mais do que estudar, porque rebuscando detalhes do sobreviver do habitante dessas paragens. Por isso, Josué de Castro foi buscar em Parahym essas conclusões, que lhe serviram de lastro para escrever.

Como professor do Curso Médico, ensinava Higiene e dava suas aulas às 13 horas. Um horário incômodo, pelo que o bedel estipulava um preço para se faltar à exposição do mestre. Na época, Cr\$ 100,00, pagos por uma parte da turma que se interessava mais pela sesta. Eram poucos, pois lembro a sala cheia de gente, ouvindo, atentamente, a

erudita exposição do mestre. Lembro até do assunto da prova: Raiva. Gostava do ponto e escrevi como ninguém.

Fui encontrá-lo, muitos anos depois, em Pau Amarelo, em férias inesquecíveis e tive oportunidade ali de travar diálogos prolongados, em noites de lua cheia. Ali ouvi toda trajetória do mestre, desde sua ida para Salgueiro à volta, para assumir, um tanto assustado, a gerência da saúde estadual. A Academia Pernambucana de Medicina, onde Parahym sentava na cadeira de número 7, assinalou a data e foi o seu substituto, Gentil Porto, quem fez a saudação panegírica.



*Discurso em homenagem ao Dr. Orlando Cunha
Parahym no seu Centenário de Nascimento*

Acadêmico

Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto

Recife, 23 de novembro de 2011



DISCURSO EM HONRA DE ORLANDO CUNHA PARAHYM,
POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO
OCORRIDO EM 23 DE NOVEMBRO DE 1911

Há quase cinco anos, pela generosidade dos meus pares, fui admitido nesta Academia justamente para ocupar a cadeira de nº 07 que pertenceu a Orlando da Cunha Parahym.

Dizia eu numa noite de festa, as palavras que torno a repetir por me parecerem ainda muito apropriadas no dia de hoje: “Estranhos desígnios da vida que determinaram meu encontro com Orlando da Cunha Parahym nesta noite de maio. Seu aluno da então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, tangido pelos anos de chumbo de 1964, cheguei a Floresta no sertão pernambucano para exercer o meu ofício. Orlando Parahym muito antes desbravou os sertões tendo como ponto de apoio a cidade de Salgueiro. Ambos tínhamos namoradas recifenses e nos apaixonamos por moças sertanejas e lá casamos. Tivemos quatro filhos e exatamente três mulheres e um homem. Nos tempos de jovens ambos estudamos piano. Entre tantas coincidências, coroando tudo, saímos do interior para depois exercermos o cargo de Secretário de Saúde do nosso estado.”

Não pretendo, nestas páginas, compor uma minuciosa biografia de Orlando Parahym pois muitos já o fizeram e até com mais propriedade, já que a grandeza do nosso homenageado ultrapassa e muito, folhas de papel.

Cidadão do mundo, Parahym tinha as qualidades que atribuía ao sertanejo: “afetuoso, sincero, cordial.” Segundo Geraldo Pereira, “era uma vida dirigida para o social, sempre preocupado em minorar o sofrimento do seu semelhante especialmente aqueles mais necessitados.” Cientista, entretanto costumava dizer: “A ciência para os cientistas – fiquemos no homem, no intelectual, no familiar e no amigo.”

Elegante no tratar e no trajar, Orlando Parahym era definido pelos sertanejos como um “homem fino.” Entretanto não se arreceava de enfrentar a polêmica, defendendo com insuperável fidalguia os seus pontos de vista, o que fez o escritor Raimundo Carrero, seu conterrâneo, dizer: “Cordial no trato, na atenção com os amigos e até com os inimigos, era radical na maneira como defendia suas ideias.”

“A lei é nossa arma, o direito é nosso escudo.” Assim dizia Parahym.

Por tudo isso, nada mais próprio e mais justo do que a homenagem que a Academia Pernambucana de Medicina presta a um dos seus mais insignes representantes. Justamente ela, que ocupa um dos espaços da antiga Faculdade de Medicina do Derby – hoje transformada no Memorial da Medicina de Pernambuco – sobre quem o nosso homenageado certa feita escreveu: “Aquela casa neocolonial, alegre e inundada de luz, sempre comove aos que ali estudamos e nos tornamos médicos, como se possuísse a sacralidade de um Templo. Em março o rio que deslizava suavemente ao lado esquerdo da Faculdade engrossava as águas. Tornava-se barrento, coalhando-se de “baronezas”. Isso para nós alunos marcava o início do período das aulas. Em novembro nas alegrias da vegetação floria a enorme castanheira, nossa amiga, prevenindo-nos de que chegava a época dos exames finais.”

Nesta singela retrospectiva, o médico, o nutrólogo, o professor, o literato, o acadêmico, o pianista, o cinéfilo, o político Orlando Parahym foi sobremaneira o amigo, o pai extremoso e um marido exemplar.

Por isso, dedico também especiais palavras de carinho para Dona Odete Soares Parahym, companheira por mais de sessenta anos na trajetória terrena de Orlando Parahym e aos seus filhos Fátima, Maria da Encarnação, Carmem Silvia e Paulo Orlando.

Homem de fé e temente a Deus, Orlando acreditava na vida eterna. Relembro pois que no portão do cemitério de Budapeste, existe uma singela inscrição que diz: “Ressuscitaremos.”

É isso – Orlando da Cunha Parahym está aqui conosco.



*Discurso de Agradecimento –
Centenário de Nascimento de
Orlando Parahym*

Filha do homenageado
Fátima Parahym Xavier

Recife, 23 de novembro de 2012



Centenário de Nascimento de Orlando Parahym ¹

“Conheci o sertão euclidiano, um sertão quase sem escolas, sem escolas, sem luz elétrica, sem cinema, sem televisão, sem estradas pavimentadas, um sertão autêntico, onde conheci homens de admirável integridade de caráter, figuras exemplares, que ficaram profundamente gravadas na minha memória”.

Este foi um dos registros de Orlando Parahym, médico recém-formado, idealista, que partiu do Recife com destino à Cidade do Salgueiro, alto sertão pernambucano, para uma aventura profissional e existencial, mas abençoada por Deus.

Um sertão permeado de primitivismo, de coronéis, de charlatões e, sobretudo, da pouca instrução do povo, acostumado a tratar das suas doenças com o uso de raízes, chá de ervas, ignorando, portanto, a técnicas da medicina moderna.

Na assistência médica à população rural, este médico de aldeia, como se auto-intitulava, observou com curiosidade as práticas e os medicamentos tradicionalmente usados na arte de curar: as chamadas terapêuticas bárbaras. Entre elas, o uso do esterco de cavalo em ferimentos que, ao contrário do que se pensava, não causava tétano; o chá de barata, para cólicas intestinais; o de grilo, para retenção urinária; reza forte e benzedura, para mordida de cobra; entre outras do folclore médico.

Um costume muito difundido era colocar a imagem do Padre Cícero sobre a barriga da parturiente. Nesta circunstância, realizou uma pequena intervenção e, com muita habilidade, conseguiu atender ao

¹ Pronunciamento de Fátima Parahym Xavier, feito na Sociedade de Medicina do Recife, por ocasião da homenagem prestada no dia da comemoração de centenário de nascimento de Orlando Parahym.

pedido desafiador da paciente: não tirar a imagem o milagroso “Pádim Ciço” do seu ventre.

Respeitar esses aspectos culturais exigia uma postura conciliadora e, por isso, aconselhava: “usem os seus chás, suas raízes, façam suas rezas milagrosas, mas também tomem os meus remédios”.

Com espírito combativo e praticidade, ele conseguiu reverter situações preocupantes de saúde pública. Diante de uma epidemia de febre tifoide na cidade, iniciou campanha de vacinação, conscientizando também os seus habitantes, sobre a importância da ingestão da água fervida.

Orlando Parahym não se limitou a clinicar. Iniciou as suas pesquisas, analisando o perfil alimentar da população, apresentando-o na publicação “O Problema Alimentar do Sertão”, em 1941.

Esta área deficitária e visitada pelas secas é o marco inicial para o desenvolvimento do seu trabalho, abrindo caminhos para o estudo da Nutrologia no sertão.

Neste rudimentar laboratório, determinou o teor da vitamina C nas frutas, nos legumes e no leite, concluindo que o leite de cabra é mais rico nesta vitamina do que o da vaca. Também, diagnosticou que a cegueira noturna, apresentada pelos retirantes das secas, e já mencionada por Euclides da Cunha em “Os Sertões”, era causada pela hipovitaminose A.

Intensificou os seus estudos experimentais, atualizou e enriqueceu conhecimentos pelo intercâmbio com especialistas, como Josué de Castro – notabilizado mundialmente pela sua consciência da fome -, Jamesson Ferreira Lima, José Nivaldo Barbosa, Nelson Chaves e outros dos diferentes estados do país.

Em 1953, em concurso para a cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Recife, apresenta a tese “Contribuição ao Estudo da Mortalidade Infantil no Recife”.

Através de pesquisas de campo feitas nos morros, córregos e becos, habitados por uma população de renda mais baixa, privada de condições favoráveis à saúde, como a falta de saneamento básico, demonstrou que, naqueles ambientes, o percentual de óbito infantil era disparadamente mais elevado do que nos bairros socialmente privilegiados.

No ano de 1958, Orlando Parahym e Josué de Castro acompanharam Roberto Rossellini em visita à Cidade do Salgueiro, onde o cineasta italiano fotografou as suas ruas e fazendas mais próximas, com a intenção de fazer um documentário sobre o problema das secas.

Com “Endemias Brasileiras”, publicado em 1961, chama a atenção para a problemática do binômio saúde e educação que, no Brasil, responde pela insatisfatória produtividade no trabalho da população marginalizada.

Enfatiza que nenhum programa de recuperação econômica alcançará êxito se essas questões sociais não forem superadas.

O valor nutritivo da alimentação indígena e africana, assim como as suas contribuições à culinária brasileira, é apreciado em sua obra “Antropologia da Alimentação”. O indígena, tendo como base alimentar frutas, peixes e raízes, não sofria de doenças vasculares. Andando numa inocente e asseada nudez, eram beneficiados pelos raios solares, com largo suprimento de vitamina D. Conclui que, do ponto de vista antropológico e social, o homem é fruto da combinação da genética do alimento e da educação, e que as doenças da atualidade resultam, na sua maioria, dos hábitos impostos pela sociedade moderna.

“Medicina Preventiva”, de 1972, é uma obra de caráter essencialmente didática, destinada aos estudantes, visando a uma melhor compreensão da referida disciplina. Nela destaca os trabalhos mais atualizados de especialistas nacionais e justifica que, as publicações mais remotas não poderiam ser ignoradas, pois se tornaram clássicas, representando contribuições pioneiras de valor indiscutível.

Outros estudos e ensaios sobre alimentação e saúde foram publicados: *Vitamina A, Difteria no Salgueiro, Alimentação e Saúde Pública na Área da Seca, ABC da Saúde, Pequena História das Vitaminas, Doenças dos Escravos em Pernambuco, Casa Grande e Senzala Vista por um Médico, A Doença no Nordeste*, dentre outros.

Com emoção, agradeço, também em nome de minha mãe Odete, dos meus irmãos Encarnação, Sílvia, Paulo e familiares, este memorável gesto da Academia Pernambucana de Medicina, por ocasião do centenário de nascimento de Orlando Parahym que, com a sua humildade e a sutileza de seus atos, soube respeitar todos os que os cercaram, despertando em seus corações a saudade e a perenidade de seu espírito.



*Discurso de agradecimento do
Professor Emérito da Universidade
Federal de Pernambuco*

Geraldo José Marques Pereira

Recife, 30 de março de 2012



A DERRADEIRA LIÇÃO

Este auditório do Centro de Ciências da Saúde foi escolhido muito a propósito; muito a propósito, insisto, para acolher a solenidade de hoje. Aqui comecei o meu curso médico, ouvindo a primeira aula, na voz firme e forte, do Prof. Hélio Mendonça. E aqui encerro, formalmente, a minha carreira docente, depois de um percurso, incluindo a graduação, de quase cinquenta anos de bons convívios e de boas convivências. Alguns *stress*, claro, porque na vida nem tudo são flores – é natural!

Nesta Casa de Octávio de Freitas, aprendi muita coisa, como aluno e como professor; muita coisa da fisiologia humana e muita coisa da patologia. Mas aprendi, sobretudo, a importância da integralidade do homem. O ser humano não pode ser visto apenas como um conjunto de aparelhos e sistemas, os quais reunidos e interligados constituem o organismo. É muito mais que isso!

Antes, esta criatura, que veio dos mares, no pensar de Darwin ou que foi criada por Deus, como querem os criacionistas – um pensamento não inviabiliza o outro, explicou Teilhard de Chardin –; é portadora de um psiquismo especialíssimo. Depende de um equilíbrio entre os seus conflitos e as soluções de compromissos engendradas, para ser feliz e viver plenamente. É de igual forma, um ente que precisa se adequar ao meio e aos semelhantes com os quais se relaciona.

É lamentável que as lideranças desse País continental, nunca tenham atentado para as necessidades básicas de seus habitantes, senão agora, muito recentemente. E tenham permitido – essas mesmas lideranças – que uma mesa como aquela que vi na cidade dos Palmares, seja preparada, com o arroz acompanhando o rolete de cana, que fazia o papel da carne inexistente.

Ou nunca tenham atentado para a estatura dos pobres, como a daqueles moradores do Beco dos Casados, em Santo Amaro, nanicos

urbanos; gente carente de tudo, de proteínas e de vitaminas, de afeto e de amor. Eram cópias fieis daqueles seres nanicos vistos por Nelson Chaves em Água Preta e noutros municípios da Zona da Mata Sul.

Um lugar no qual, bem antes de Cabral, desembarcou Vicente Yañes Pinzon, que tendo visto índios de tal forma corpulentos, os comparou aos germânicos, mas deles teve medo e bateu em retirada. Pois é, ali mesmo, naquele massapé garanhão, do dizer de Gilberto Freyre, a colonização portuguesa implantou a monotonia de um vegetal só, como está em *Casa Grande & Senzala*. E tem sido esse verde desbotado, que cobre a Mata inteira, o grande responsável pela precariedade de vida da gente matuta – sofrida gente deste Nordeste de Deus!

Ou ainda personagens que vivem e sobrevivem em ambientes contaminados e insalubres. Gente como aquela do Sítio dos Quintas, no Bonsucesso, em Olinda, onde fiz a pesquisa de minha dissertação de mestrado, que eram figurantes urbanos da injúria humana causada pela esquistossomose mansônica. Pessoas vindas da Mata, mais do que dos sertões esturricados, porque o sertanejo pouco migra e é antes de tudo um forte, no dizer de Euclides. O matuto não, sai de sua terra e vai tentar a vida nesses torrões urbanos, hostis, adversos, em favelas e palafitas. Morar como moram os bichos! Vêm se “amocambar”, disse Mário Lacerda de Mello.

A epidemia de Cólera, que chegou pela cidade de Bezerros, só se mantém agora como endemia, porque não existe saneamento no Recife e muito menos nos municípios do interior. O mosquito *Aedes aegypti*, que hoje responde pelos casos de Dengue, entrou na década de setenta pelo porto e ninguém atentou para os meus reclamos na Comissão Estadual de Dengue, na qual representava a Universidade; Comissão que se reunia extraordinariamente, para analisar as informações trazidas do centro do poder, por um emissário que, diante de minha insistência, foi atender um telefonema e nunca mais voltou.

Essas coisas podem ser cômicas, mas são antes de tudo trágicas, porque dizem respeito ao homem, ao próximo, que deveria ser alvo do

amor de cada um de seus semelhantes. O que se tem neste Brasil de tantos contrastes, é o proletariado largado à própria sorte, sem acesso à moradia, à educação e à saúde. Isso desde a colonização. Foi o que vi a vida toda e foi contra esse estado de coisas que me bati sempre. Quem aproveita o espaço que tem na transferência do conhecimento e prega a boa nova, está cumprindo os desígnios cristãos.

A humanização da medicina, como tem sido defendida, é uma prática que exige urgência. O médico precisa conhecer a sociologia e a antropologia, ter noções básicas de filosofia e de história; de história social, sobretudo. O médico deve entender as razões ecológicas da doença, os motivos ambientais das agressões patológicas. Os habitantes de Itamaracá, que me falaram da caça sistemática da raposa, para que degustassem a carne com cachaça – nunca tinha ouvido falar nisso! –, deslocaram a Leishmaniose da intimidade silvestre e incluíram o cão no ciclo epidemiológico da parasitose. Passaram, então, claro, a adoecer com mais frequência. E um surto foi visto na ilha.

Sempre chamei a atenção em minhas aulas para o compromisso social do médico, daí o meu apelido de Justo Veríssimo, um personagem de Chico Anísio, que ao contrário do que eu defendia, era contra – rigorosamente contra – pobre. E chegaram a dizer a uma secretária do Departamento, muito fiel a minha pessoa, que gostavam de minhas aulas, mas como era tudo muito ligado ao social, deram-me esse apelido. Foi por isso, porque passei a ter uma visão mais larga da medicina, que criei o Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social, o NUSP.

Lembro que na década de oitenta, frequentei o Seminário de Tropicologia, como seminarista, a convite de Fernando Freyre e ali observei o quanto era salutar a convivência dos diferentes. De médicos e de biólogos, de engenheiros e de arquitetos, de antropólogos e de sociólogos, além de artistas plásticos, de escritores e de poetas. Ou de geógrafos e de historiadores. Essas contribuições estão hoje reunidas em diversos números dos *Anais do Seminário de Tropicologia e*

constituem peças do mais alto nível para pesquisadores de variadas vertentes.

Tive na Universidade mestre notáveis, professores do mais alto nível, dos quais recebi não apenas os ensinamentos de Hipócrates, mas com os quais aprendi a não desistir nunca e assim venho fazendo, cumprindo o desiderato de meu existir. Lembro-me das aulas de Ruy João Marques, eruditas exposições de um mestre de muitos saberes, a quem reverencio aqui, porque está completamente esquecido. E Salomão Kelner? E Amaury Coutinho? Ou um Fernando Figueira e seu irmão Antônio? O primeiro, um dos maiores defensores da medicina integral, do ataque à causalidade social como razão básica da doença.

Mas, convivi, de igual forma, com servidores do mais alto valor; valor moral e de honestidade, mas sobretudo de fidelidade. Dentre esses, fiz questão de incluir na Comissão, que há pouco me introduziu no recinto, o nome de Mariza Andrade, que foi – posso dizer – a mais fiel secretária que encontrei até os dias de hoje, quando ainda me auxilia em certos momentos, como esse de agora. Há algumas mais que estiveram muito perto de mim: como Lúcia Venceslau, Luzia da Silva, Elze Suely, Maria José Caminha, Roberta Japiassu e Edione. Silva.

Mas, aqui, nesse convívio diário de Vice-Reitor e de Reitor, devo muito, em termos de aprendizado humano, a figuras do porte de um Mozart Neves Ramos, de quem fui o substituto eventual e que só não está aqui hoje em função de uma viagem que precisou fazer ao exterior. Devo, igualmente, a Amaro Lins, que me deu grandes lições de simplicidade e grandes ensinamentos de generosidade. Desconfio até que ele seja discípulo do padre Edvaldo Gomes e que trabalhe à luz da cartilha de Dom Helder, a qual dá a direção a seu viver. Anísio e Silvio, também, são dois amigos que já tinha antes e vou continuar tendo; amizade que no primeiro caso nasceu de pouco, mas que no segundo caso vem dos anos de calças curtas. Tempo de meus começos! Muito grato Silvio por suas palavras, por suas considerações em

torno e mim e da família. Queira Deus a nossa velha professora, D. Maria do Carmo, esteja nos acompanhando.

Cumpri a minha trajetória toda na Universidade, sendo promovido às custas do mérito. Entrei a convite do professor Ruy João Marques, porque era assim que se tinha acesso à carreira acadêmica. Mas, depois, promoção por promoção, sempre me submeti a concurso. Foi assim quando defendi a minha dissertação de mestrado, sendo de logo elevado à condição de professor assistente e foi assim, depois, quando me submeti a uma comissão examinadora que me promoveu a professor adjunto. O mesmo se diga de meus cargos administrativos. De Chefe do Departamento de Medicina Tropical a Vice-Reitor e Reitor temporário. Passando pela Diretoria do Centro de Ciências da Saúde, que talvez tenha sido o mais prazeroso de todos os lugares.

Foi nessa direção que fundei o NUSP, que reuni vezes e vezes professores de variados ramos dos saberes e com o auxílio deles desenhei a estrutura do Núcleo. Foi aí que um dirigente universitário, tomando conhecimento de que havia um convênio com o Governo do Japão, me disse: “Geraldo! Acabe com essa história de antropólogos e sociólogos, esse dinheiro vem para o Hospital!”. Não veio, porque a proposta não era essa e nós fomos implantar e implementar o Sistema Único de Saúde em Macaparana, em Brejo da Madre de Deus e no bairro recifense do Ibura, com bons resultados. Mas, tive nessa hora a ajuda imprescindível de Ronice Franco de Sá e de Mariza Andrade.

Hoje, fora desse convívio propriamente acadêmico, não perdi o entusiasmo e espero não perder tão cedo. Por isso estou no Conselho Estadual de Cultura, no qual convivo com gente da melhor estirpe. Foi dali que sai para assumir uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras; a cadeira de meu pai, numa noite de muita emoção. Foi ali também que tomei coragem e publiquei quatro livros, sendo que o último parece ter tido uma aceitação melhor, trata das “Histórias Pitorescas de um Reitor”.

Fiquei deveras orgulhoso em receber aqui esse título que muito me honra; título que só os grandes receberam. Sou grato ao meu Departamento de origem, o de Medicina Tropical, à Prof^a Cleide Miranda, sobretudo, pela proposta. Sou também muito grato ao Prof. José Thadeu Pinheiro, Diretor deste Centro, que presidindo o Conselho Departamental, indicou o meu nome e obteve novamente a unanimidade dos votos. Da mesma forma, agradeço ao Reitor Amaro Lins, a apresentação de minha indicação, outra vez aprovando o pleito por unanimidade.

Muito grato a todos.



*Saudação Panegírico ao Professor Geraldo José
Marques Pereira na outorga do Título Professor
Emérito da Universidade Federal de Pernambuco*

Vice-Reitor da UFPE

Prof. Silvio Romero de Barros Marques

Recife, 30 de março de 2012



GERALDO JOSÉ MARQUES PEREIRA – PANEGÍRICO

Caro Professor Geraldo José Marques Pereira, Geraldo batizado, José para ser santo, Marques de Lila e Pereira do Nilo.

Nossas primeiras lembranças são da infância no Bairro da Boa Vista, precocemente distinguido com a vocação de bairro residencial das mais antigas famílias recifenses. Ali nos encontramos aos oito anos de idade. Ambos nascidos em plena guerra mundial a alguns momentos do armistício. Apenas 31 dias separam as nossas datas de nascimento, o que lhe permitiu ser 31 vezes mais sábio do que eu. Foi ali na Rua Conde da Boa Vista, no Grupo Escolar João Barbalho que nos encontramos pela primeira vez. De você guardo a imagem do aluno bem comportado, fervoroso e cumpridor das tarefas escolares. Boas notas e a religiosidade trazida do convívio familiar. O meu colega era “o filho do Prof. Nilo Pereira” e isto era bastante para torná-lo uma referência. Éramos todos crianças de classe média, beneficiados pelos investimentos do “getulismo” no ensino público que transformou alguns educandários em “escolas modelo”. Assim tivemos o privilégio de ter grandes Mestras como a nossa querida Maria do Carmo de Albuquerque Melo, filha do influente jornalista e político Manoel Caetano, hoje e sempre lembrado na história do nosso estado. São deste tempo o bonde com os seus trilhos em frente ao grupo escolar e as filas de alunos organizadas no pátio interno da escola ao som do “Criança Feliz”, para iniciarem às 7h30 da manhã, pontualmente, suas atividades. Vivíamos felizes. No Brasil de então, tão bem humorado e ameno, redivivo em suas crônicas nas lembranças de hoje. Neste cenário ingênuo e fortemente crédulo, adoeci com certa gravidade. Meus pais ausentes em viagem na França, repercutiram na escola as preocupações dos familiares. Aí então, nossa Mestre D. Maria do Carmo lhes obrigou a rezar ainda mais que o habitual. Felizmente deu certo. Parece Geraldo que você e sua prima Ana Lucia eram dos mais fervorosos nas orações, fazendo com que chegasse

às minhas mãos uma medalha do Divino Espírito Santo que durante muitos anos guardei entre meus objetos pessoais de devoção.

Hoje lendo as suas crônicas vejo que sua confiança na intervenção divina não mudou.

“O dia não tinha amanhecido ainda e eu já estava de pé. Dormi como um anjo ou dormi como se fosse um justo. Fiz café e assei queijo, juntei o presunto de peru e me sentei para fazer o que os estrangeiros chamam de desjejum. Saí para andar e o que vejo da paisagem por cá me dá a mais absoluta certeza de que Deus existe. Só um ser superior pode criar tanta beleza em lugar tão pequeno. Estou em minha casa de aldeia.” Domingo 20 de fevereiro de 2012.

Superado este episódio, que me deixou longe dos colegas alguns meses, no ano seguinte terminamos o curso primário. Era necessário prestar o exame de admissão ao ginásio e em 1955 nos despedimos do velho João Barbalho, indo você foi fazer história no Colégio Nóbrega e eu atravessando a avenida para matricular-me no Colégio Marista.

Manifestava-se, precocemente, a sua fluente oratória, seu bom humor e paciência. Bom aluno, ótimo companheiro, você foi eleito Orador da Turma no encerramento do Curso Científico e o Melhor Colega entre os formandos. Sua vocação para a Medicina já se mostrava evidente e prestando vestibular em 1963, você iniciava o curso médico na Faculdade de Medicina do Recife. Nosso reencontro na Faculdade de Medicina não foi um fato corriqueiro. Estávamos no início da famosa década de 60 e mais precisamente em março de 1963 um ano antes do início do movimento militar de abril de 1964.

Nosso curso começou com alguns desafios. O primeiro deles foi a luta dos alunos que excediam ao número de vagas. Nossa turma tinha 162 aprovações no vestibular e a universidade apenas oferecia 80 vagas. Fomos para as ruas, um pouco sem convicção do que poderia representar o nosso gesto. Mas imbuídos de um sentimento de

solidariedade que nos manteria unidos até o dia da Colação de Grau. Alguns problemas surgiram. Em anatomia onde antes trabalhavam dois alunos nas disseções passaram a trabalhar 4 alunos e assim ficamos mais próximos uns dos outros. Nos seis anos do curso de Medicina suas atividades práticas e teóricas seriam intensas. Já em 64, você frequentou o tradicional curso Medicina de Urgência, promovido pela Faculdade de Ciências. Em 65 foi o momento de dedicar-se a Interpretação dos Exames Complementares. Curso promovido pela Cadeira de Clínica Médica também da Faculdade de Ciências Médicas. Ainda no profícuo ano de 1965 uma sinalização pelas Doenças Tropicais: O curso sobre parasitose Intestinais do Nordeste, promovido pela Sociedade de Higiene. Sirvo-me dos detalhes para mostrar que aos 19 anos o seu perfil de pesquisador e mestre estava delineado. Sua lista de atividades de Pesquisa é extensa e qualificada. Além dos estágios práticos na Maternidade Rita Barradas de Jaboatão, no antigo Pronto Socorro do Recife na Rua Oswaldo Cruz, com Bolsa de Iniciação Científica você tornou-se pesquisador sob a orientação dos Professores Francisco Montenegro e posteriormente Ruy João Marques. Em 1968, diplomado médico pela Universidade Federal de Pernambuco, no ano seguinte inicia as atividades didáticas como Professor Auxiliar de Ensino da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias. Uma longa carreira universitária então estava bem delineada. Professor Assistente em 1975, Adjunto em 1983, Coordenador da Pós Graduação em Medicina Tropical, Chefe de Clínica da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias, Chefe do Departamento de Medicina Tropical 1988 a 1991, Diretor do Centro de Ciências da Saúde de 1992 a 1996, Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco de 1996 a 2003 e Reitor em Exercício de março de 2003 a novembro de 2003.

A par de sua atividade médica e acadêmica, você passa a ter o privilégio da convivência com a intelectualidade pernambucana. Fato que sedimenta em sua personalidade a semente do cronista do cotidiano, de fina verve e apurado humor. Fazendo jus a figurar em numerosa lista de sociedades.





*Discurso de agradecimento do Título Professor
Emérito da Universidade Federal de Pernambuco*

Acadêmico

Salustiano Gomes Lins

Recife, 27 de abril de 2012



Este é um dia marcante em minha vida. Sinto-me realizado como médico, como professor e como homem ligado aos amigos e, sobretudo a família.

A ideia de medicina vem da minha infância, quando eu, menino de engenho, “mexia” com os animais. Chegava a “abrir” alguns deles. E essa imagem seguiu adiante.

No curso pré-faculdade despertei para as ciências biológicas. A medicina foi uma consequência lógica. Já na faculdade, me vi fascinado pelo Sistema Nervoso. Para tal, fui influenciado pelos meus professores Avelino Cardoso da Anatomia, porta de entrada para o estudo da medicina que se iniciava com o com o manuseio dos já mortos. Ao cadáver desconhecido o meu respeito e profundo agradecimento. Cheguei à Psiquiatria e em seguida enveredei pela Neurologia. Posteriormente adotei também a Eletroencefalografia. Se por um lado me aprofundava em entender e aliviar o sofrimento humano, por outro me vi ligado a tecnologia da eletroencefalografia, e segui praticando a Psiquiatria, a Neurologia e a Eletroencefalografia.

Mas, havia em mim outro sentimento, a compreensão do coletivo. Éramos poucos especialistas (estávamos nos anos 50). Entendi que não bastava “saber fazer”, era preciso “fazer saber”, ou seja, ensinar. De nada adiantaria um amplo conhecimento individual, se uma parcela considerável de pessoas a este saber não tivesse acesso.

E, ao psiquiatra, ao neurologista e ao eletroencefalografista, somou-se o professor e como consequência, o pesquisador. É por isso que estou aqui recebendo o título de Professor Emérito. A designação “Emérito” é uma distinção muito especial. Então, me permitam dizer: “Estou muito honrado e muito feliz”. Aqui estão os representantes universitários, os amigos e a minha família. Aqui está o menino do engenho, que não chegou por acaso a este momento de extrema gratificação.

Trabalhei muito e muita gente passou pela minha vida. Minha formação recebeu influências variadas e preciosas.

Na Psiquiatria recebi ajuda muito especial de José Otávio de Freitas Junior, José Lucena e principalmente de Galdino Loreto, cuja saudade (o tempo não apagou) ainda hoje perdura.

Aprendi mais do que o exame mental e a terapêutica psiquiátrica. Penetrei no âmbito da mente humana, aprendi a entender os doentes mentais, ouvindo-os com atenção e, sobretudo com respeito. Creio que só podemos ser psiquiatra, somando os conhecimentos científicos com um carinhoso trato humano, com humildade e com respeito.

Mesmo atuando como neuropsiquiatra e eletroencefalografista sentia-me incompleto. O Sistema Nervoso não é só o cérebro. Existem as suas conexões, as manifestações patológicas dessas conexões com o resto do corpo, o Sistema Nervoso periférico. Era o campo da eletroneuromiografia.

Na Enfermaria São Miguel do Hospital Pedro II se situava a Clínica Neurológica da UFPE, então Universidade do Recife. O catedrático era Jarbas Pernambucano, cujo sucessor foi Manoel Caetano de Barros. Na São Miguel, trabalhei e ensinei ao lado de José Alberto Maia, Luiz Ataíde, Mussa Hazin e Alcides Benício, aos quais se juntaram Silvio de Andrade Lima, Fernando Travassos, José Grimberg e Guilherme Abath. Surgiu então a primeira geração de neurologistas e neurocirurgiões pernambucanos: Wilson Farias, meu companheiro de trabalho por longos anos, Célio Spinelli, Alcides Codeceira Júnior, Jorge Chiappetta, Gildo Benício, Aluízio Freire. Os próximos foram Marcos Valença, Hildo Azevedo, Alex Caetano de Barros, Gilson Edmar, Ana Vander Linden, Hélio Vander Linden, Albino Cunha, Eunice Xavier Coelho, Glerystane de Holanda.

No tempo da São Miguel contribuí para formação destas novas gerações de neurologistas e neurocirurgiões.

Desde o tempo da psiquiatria, despertou em mim o interesse pela neurofisiologia clínica, em especial a Eletroencefalografia, estimulado pelo professor Jarbas Pernambucano, e posteriormente por Cesar

Timo Iaria, modelo de professor, pesquisador e amigo incomparável. Comecei no Hospital Pedro II e instalei também um eletroencefalógrafo Grass de 8 canais em meu consultório, em nossa residência, sendo o primeiro serviço particular de EEG no Norte e Nordeste do Brasil. Não havia muito espaço, de tal maneira que Lúcia, minha esposa, todas as manhãs deslocava as crianças e muitos objetos para a parte posterior da casa, liberando assim espaço para o laboratório. Empolgado pela neurofisiologia clínica, estive várias vezes no Canadá, frequentando os departamentos especializados das Universidades de Mac Gill, em Montreal, de Ottawa, Totonto e Mac Master em Hamilton, passando também pelas universidades de Montevideu, Amsterdam, São Francisco na Califórnia e pelo Instituto de Neurologia do Columbia Presbyterian Medical Center em Nova York reciclando e intercambiando conhecimentos nas áreas de, eletroencefalografia, eletroneuromiografia, potenciais evocados e mapeamento cerebral. Em Montreal convivi com o mundialmente conhecido Professor Wilder Penfield, personagem histórico, um dos pioneiros do tratamento cirúrgico das epilepsias além de Theodore Rasmussen, Frederick Anderman e Roger Brouthon. Vê-los interpretando traçados de EEG, ou operando já era muito. Avaliem conviver com eles no dia a dia.

Fui o primeiro brasileiro a ser treinado EEG e epileptologia no Instituto Neurológico de Montreal onde permaneci por cinco meses. A vontade era continuar por mais um ano, porém uma bolsa solicitada a CAPES, infelizmente foi negada. Com o tempo, não fiquei apenas na eletroencefalografia. Cheguei a instalar e praticar *eletroneuromiografia, continuada por meu filho Otávio, hoje professor da UFPE*, potenciais evocados, mapeamento da atividade Elétrica Cerebral (Brain Mapping) e Polissonografia, iniciada na década de 70, sendo reconhecido como pioneiro no estudo do sono no Brasil.

Ligado à atividade de ensinar, participei da formação de alguns especialistas em EEG e neurofisiologia clínica: Manoel Gomes de Andrade (já falecido), Gilson Edmar Gonçalves, Lúcia Lins, Lúcia

Brito, Otávio Costa Pereira Filho (Ceará), Doroty Trinta (Maranhão) e Roberto Low (Brasília), Stella Tavares (São Paulo), que treinaram em polissonografia juntamente com Cláudia Ângela Vilela Almeida. Amdore Asano, Maria Eunice e outros estagiaram no LINS.

Agora, umas palavras à minha família aqui presente. Vocês são tudo para mim. São o meu apoio, a minha grande razão de viver. Obrigado Lúcia, pessoa incomparável, Otávio, Lavínia e Lívia, filhos queridos (médicos como eu), genros e nora, também médicos, e Joana, Beatriz, Lia, Miguel e João, netos do meu coração.

Antes de terminar, permita-me homenagear os que se dedicam à área de ensino no Brasil. A eles, o meu reconhecimento e meu aplauso, pelo esforço que lhes custa o desempenho vocacionado.

Neste dia, é mais do que justo lembrar com especial gratidão, os meus pacientes que atendi nesses 62 anos exercendo a prática médica. Eles me mostraram caminhos. Caminhos que os instrumentos baseados em novas tecnologias apresentados em forma de números, gráficos e imagens jamais serão capazes de mostrar.

Por fim, agradeço profundamente honrado aos que fazem a UFPE, em especial ao Magnífico Reitor UFPE, professor Anísio Brasileiro de Freitas e ao ex vice-Reitor Gilson Edmar. Como disse no início, hoje é um dia marcante na minha vida.

Muito obrigado.



Saudação ao Professor Emérito da
UFPE Salustiano Gomes Lins

Dr. Gildo Benício de Mello

Recife, 27 de abril de 2012



Minhas Senhoras, meus Senhores:

Foi com muita satisfação que assumi a tarefa de saudar Salustiano Gomes Lins nesta ocasião extremamente significativa.

Nesta solenidade estou motivado não só pelo reconhecimento á figura do homenageado, mas também pela amizade pessoal e pela gratidão, aluno que fui de Salustiano.

Assim, me remonto aos anos de convivência na Enfermaria São Miguel, no antigo Hospital Pedro II. Ali se trabalhava, se progredia, se ensinava e se fortificavam os laços de amizade

É prazeroso falar sobre um amigo, ainda mais quando este amigo tem uma trajetória brilhante a ser contemplada.

Salustiano sempre foi um trabalhador, um estudioso, um homem dedicado ao aperfeiçoamento de seus conhecimentos e à pesquisa, à procura do novo e mais atual.

Embora envolvido em múltiplos afazeres ele sempre foi um homem de ensino na acepção da palavra.

Senhoras e Senhores é de minha obrigação, para que fique bem clara a justiça deste ato solene de hoje, que eu informe sobre a carreira de Salustiano. Assim deverei proceder e o farei:

Salustiano Gomes Lins nasceu em Alagoas no dia 10 de Julho de 1926, no Engenho Ouro Preto, Município de Colônia de Leopoldina, Estado de Alagoas. Mais um alagoano que deu certo em Pernambuco. Casado com Lucia Gomes de Barros, com quem teve três filhos, Otávio, Lavínia e Lívia, todos médicos.

Fez o curso médico na Faculdade de Medicina do Recife, tendo se graduado em dezembro de 1950, quando recebeu o prêmio Photodyn, pelo melhor trabalho em psiquiatria intitulado o *Perfil de Rossolimo*

em Esquizofrênicos, publicado na revista “Neurobiologia”. Durante o curso médico foi monitor de Anatomia Descritiva na Cadeira do Prof. Avelino Cardoso e Acadêmico Interno do Hospital de Alienados nos anos de 1948 a 1950

Iniciou suas atividades Universitárias como Assistente da Cadeira de Psiquiatria em abril de 1951 Neste mesmo ano foi contratado como Médico Assistente da Colônia Ulisses Pernambucano, da Divisão de Assistência a Psicopatas do Estado de Pernambuco, quando participou ativamente da organização do Serviço de Praxiterapia. Foi médico plantonista do Sanatório Recife, de 1951 a 1953.

Em 1952, agregou-se à Clínica Neurológica dirigida pelo Prof. Jarbas Pernambucano como Assistente e, em 1972 por concurso foi promovido a Professor Adjunto de Neurologia, cargo onde permaneceu até a sua aposentadoria.

Exerceu suas atividades como psiquiatra no Instituto de Neuropsiquiatria do Recife, criado pelo Prof. José Octávio de Freitas Jr., durante mais de seis anos, tendo recebido orientação em Técnicas de Psicoterapia e Semiologia Psiquiátrica além de realizar sessões de Eletroconvulsoterapia, Insulinoterapia e Ionização Transcerebral.

Em 1955, estagiou durante oito meses no Serviço de Eletroencefalografia da Clínica Neurológica da Escola Paulista de Medicina sob a orientação do Prof. Paulo Pinto Pupo.

Em 1957, durante 10 meses, estagiou na Cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, sob a orientação dos professores Miguel Rolando Covian e César Timo Iaria, importante cientista e homem de enorme conhecimento e foi um grande duradouro amigo de SALU, com quem trocava e deias. Teve forte influência sobre o espírito científico de Salustiano. Neste mesmo ano, estagiou durante dois meses no Departamento de Métodos Gráficos do Instituto de Neurologia da Universidade do Rio de Janeiro e no Serviço de Eletroencefalografia do Prof. Paulo Niemeyer, dirigido

pelo Dr. Hélio Belo. Verifica-se a realização de várias técnicas: era o Salustiano progressista e inovador.

De volta ao Recife em 1958, criou o Instituto de Eletroencefalografia do Recife, situado na Avenida 04 de Outubro, no Derby, serviço este pioneiro do Norte- Nordeste no Brasil, o que foi transferido em 1961 para a Rua Manoel Almeida 174 nas Graças e finalmente em 2000 passou a constituir a LINS (Laboratórios Integrados de Neurofisiologia e Sono), onde eram realizados exames de Eletroneuromiografia, EEG convencional, EEG digital e Mapeamento Cerebral, Polissonografia e Potências Evocados Visual, Auditivo e Somato-Sensitivo.

Em 1961, estagiou no Instituto de Neurologia de Montevidéu, com o Prof. Bartolomé Fuster, nas áreas de Eletroencefalografia, Eletrocorticografia, Eletroneuromiografia e Cronaximetria. Aqui começa a trajetória internacional de Salu. Os retornos para reciclagem evidenciam a procura repetitiva de conhecimentos e a preocupação, o aperfeiçoamento. Retornou a Montevidéu nos anos de 1967, 1971 e 1974, para reciclagem e atualização em Eletroencefalografia tendo aprendido a Prova de Compressão das Carótidas e participado da Monitorização Eletroencefalográfica Intraoperatória durante cirurgia para Tratamento da Estenose da Carótida.

Em 1964, participou de atividades didáticas no Departamento de Fisiologia da UFPE, dirigido pelo Prof. Paulo Saraiva. Neste departamento iniciou a realização de medidas da velocidade de condução motora de nervos periféricos em indivíduos normais e posteriormente em diabéticos.

Em 1965, estagiou durante cinco meses no Montreal Neurological Institute, tendo recebido treinamento em Eletroencefalografia das Epilepsias e Monitorização Eletrocorticográfica durante as cirurgias para Tratamentos das Epilepsias do Lobo Temporal. Montreal era a Meca da epileptologia. Centro respeitado em todo mundo destacado ambiente de ciência e pesquisa. Até hoje Montreal é importante. Lá, os métodos gráficos evoluíram. Neste mesmo ano visitou o

Laboratório de Sono do Prof. William Dement da Stanford University School of Medicine, em São Francisco Califórnia e do Prof. Hernandez Peon, na cidade do México. Embora já cidadão do mundo, Salu voltou às suas origens. O azul do mar de Maceió o levou de volta à Alagoas. Imaginem o corre-corre, a trabalhadeira em responsabilidades em dois estados.

Em 1972 participou de cirurgia para tratamento de três pacientes com epilepsia do lobo temporal, com crises de difícil controle, realizando Eletrocorticografia intraoperatória para localização do foco epileptógeno. Estes pacientes foram seguidos durante vinte anos, permanecendo sem crises depois da cirurgia. Neste mesmo ano exerceu o cargo de Professor Titular da Disciplina de Neurologia do Departamento de Medicina Interna da Escola de Ciências Médicas do Estado de Alagoas.

A partir de 1974, passou a realizar eletroencefalogramas em pacientes hospitalizados para avaliar o diagnóstico de morte cerebral e aperfeiçoou os estudos sobre sono.

Em 1975, voltou a Montreal, Canadá, passando a ser o representante do Brasil no International Committee for the Coordination of Clinic Application and Teaching of Autogenic Therapy (ICAT). Olhem o nosso homem se reciclando em Montreal. E olhem a distinção: representante do Brasil em um comitê internacional

Aqui o reconhecimento dos colegas do Brasil. Seu nome já era nacional, e a condução à presidência da SBENC, retrata a isto. Em 1976, foi eleito Presidente da Sociedade Brasileira de Eletroencefalografia e Neurofisiologia Clínica no biênio 1976-1978. E onde está Salu? Na Holanda sempre progredindo. Em 1977 participou como delegado do Brasil a reunião internacional sobre “Morte Cerebral” presidida pelo Dr. Earl Walker realizada no VII Congresso Latino Americano de Neurocirurgia e XII Congresso Latino Americano de Eletroencefalografia sediado em Santiago do Chile. Em 1979, foi designado pelo Prof. Robert Naquet, presidente da Sociedade Internacional

de Eletroencefalografia e Neurofisiologia Clínica, para participar do “Committee on Standards of Clinical Practice of EEG and EMG”.

Em 1980, permaneceu dois meses em Ottawa, Canadá, onde se aperfeiçoou em Potencial Patologia do sono. Nos congressos, Salu não era um mero assistente. Questionava os apresentadores de trabalho. (aventureiro com ele não tinha vez). Fazia perguntas pertinentes aos conferencistas, que adoravam as perguntas, (era uma forma de ampliar as Conferências).

Em 1990, fez um curso de Capacitação em EEG Quantitativo e Mapeamento Eletromagnético do Cérebro no Slotwart Hospital, como o Dr. H.L. Hamburguer em Amsterdam, na Holanda. É Membro Titular da International Society of Eletromagnetic Brain Topography (ISBET).

Em 2003, durante o congresso da Sociedade Brasileira de Eletroencefalografia e Neurofisiologia Clínica, realizado no Rio de Janeiro recebeu homenagem especial juntamente com o Dr. Paulo Niemeyer e Hélio Belo.

Durante sua vida profissional recebeu os títulos de Membro Fundador e Emérito da Sociedade Brasileira de Neurologia e Neurofisiologia Clínica, da Liga Brasileira de Epilepsia e da Sociedade Brasileira de Sono, quando foi agraciado com uma placa de homenagem pelo fato de ter sido pioneiro dos Estudos de Sono no Brasil, pela Dra. Stela Tavares, presidente, em exercício, da referida sociedade. Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina de Pernambuco (desde 1984), Academia Brasileira de Neurologia e Academia Brasileira de Neurocirurgia e da The American Society for Clinical Evoked Potentials.

Tem Títulos de Especialista em Eletroencefalografia e Neurofisiologia Clínica, áreas de Eletroneuromiografia e Eletroencefalografia.

Publicou dois livros “Diagnóstico e Tratamento das Epilepsias”, pelos Serviço de Higiene Mental da Divisão de Assistência a Psicopatas,

no ano de 1964 e “Epilepsia”, publicado pela Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1983. Publicou ainda duas monografias. “Diagnóstico e Tratamento do Lobo Temporal”, pela Liga Brasileira Contra Epilepsia, no ano de 1980 e “Epilepsia e Gestação” (Capítulo XIV do livro Epilepsia), publicado pela Liga Brasileira de Epilepsia, no ano de 1984.

Participou de 64 jornadas e congressos realizados no Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Espanha, Cuba, França, Holanda Alemanha e Estados Unidos.

Apresentou 45 trabalhos em congressos regionais e nacionais, abordando temas de Epilepsia, Eletroencefalografia e Potenciais Evocados.

Publicou 35 trabalhos científicos em revistas brasileiras, argentina e inglesa.

Foi orientador de três teses de mestrado.

E aqui estamos. Diante do Exmo. Sr. Vice-Reitor da UFPE, Prof. Silvio Romero de Barros Marques e de destacadas figuras não só do meio universitário, como também da própria sociedade pernambucana, para a concessão do título de Professor Emérito a Salustiano Gomes Lins.

Salustiano, por tudo que você já produziu, pela sua trajetória excepcional, pela figura humana que você é, meus parabéns.

Encerro esta minha participação neste evento orgulhoso de ser seu amigo. A amizade é um bem que se constrói aos poucos e com paciência, para durar para sempre.

A você o meu abraço caloroso.



*Saudação ao Professor Salustiano Gomes Lins
na outorga do Título Professor Emérito da
Universidade Federal de Pernambuco*

Vice-Reitor

Prof. Silvio Romero de Barros Marques

Recife, 27 de abril de 2012



SAUDAÇÃO LAUDATÓRIA

Meu caro amigo, professor e colega, Salustiano Gomes Lins¹,

A Concessão do Título de Professor Emérito da Universidade Federal De Pernambuco obedece a um rito, há séculos seguido pelas grandes universidades no mundo, que objetiva louvar, enaltecer e divulgar as virtudes e realizações dos seus docentes afastados por dispositivos funcionais das suas atividades. Particularmente, no seu caso, a sua contribuição científica e o seu notório saber juntam-se à sua atividade docente e à sua dedicação ao ensino para de forma inquestionável legitimar a sua indicação.

Não me deterei em análise do seu currículo, nem tão pouco na relevância do seu pioneirismo. Prefiro de forma afetiva lembrar nossos encontros, como professor e aluno e como colegas dividindo responsabilidades em torno de diversos pacientes. O primeiro contato no já longínquo ano de 1965, 3º período no curso médico, foi durante uma aula do Professor Paulo Saraiva sobre eletro-estimulação nervosa. Sua presença foi anunciada de forma solene e os alunos lhe receberam com respeitoso silêncio e merecida atenção. Era o início, ainda um pouco conturbado pelos eventos de 1964, do nosso curso médico. Mais tarde já ao final do curso, na Disciplina de Neurologia, novas aulas e novos saberes ministrados com maestria e competência. Algumas manifestações de interesse sobre a sua especialidade foram expressas entre os meus colegas de turma. Mas o seu conhecimento iria muito além, Psiquiatra pela Associação Brasileira de Psiquiatria,

1 Salustiano Gomes Lins, filho de José de Assis Lins e Maria Gomes Lins, nasceu na Colônia de Leopoldina estado de Alagoas, em 10 de julho de 1926. Diplomado médico pela Universidade Federal De Pernambuco em 1950 Processo de outorga do Título de Professor Emérito aprovado em 10 de junho de 2009 pelo Pleno do Departamento de Neuropsiquiatria e pelo Conselho Departamental do Centro de Ciências da Saúde em 26 de agosto de 2009. Em 23 de outubro de 2011 recebeu parecer favorável do Conselho Universitário da Universidade Federal de Pernambuco, após análise da Comissão de Títulos Honoríficos, firmado pelas Professoras e Conselheiras Leonor Costa Maia e Florisbela Siqueira Campos e Lucinda Rocha Maia.

especialista em Neurofisiologia Clínica e Eletroencefalografia o senhor tornava-se uma referência local e internacional.

Mas, houve um momento crucial e crítico em que sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento da Cirurgia Vascular em nosso meio. De volta de longa estada na França, onde concentrei grande parte dos meus esforços, pela influência do Professor Manoel Caetano de Barros, no estudo das doenças cerebrovasculares estagiando nos Serviços dos professores Robert La Bauge e Andre Thevenet, respectivamente neurologista e cirurgião cardio-vascular do CHU de Montpellier, procurei o Professor Caetano lhe dando conta do meu desejo de iniciar a Cirurgia das Desobstruções da Artéria Carótida. Cujo começo em Recife havia sido eivado de dificuldades e maus resultados. Foi quando o Professor Caetano me encaminhou à sua presença no hospital Pedro II e fomos reapresentados. Iniciamos aí então uma parceria que foi definitiva para o progresso da cirurgia carotidiana em nossa cidade. Com o controle das alterações eletroencefalográficas durante a interrupção do fluxo carotidiano. A técnica cirúrgica ganhava em qualidade e segurança. Mais tarde juntava-se ao nosso grupo o professor Alex Caetano e todos juntos fixamos as bases técnicas e neurofisiológicas desta cirurgia, que hoje é realizada com mortalidade praticamente nula no nosso serviço do Hospital das Clínicas da UFPE, pelos professores que nos sucederam e seus residentes. Ainda no domínio da cirurgia vascular V. Sa. prestaria inestimável ajuda na compreensão das Síndromes do Desfiladeiro Cervical e na avaliação das difíceis cirurgias de descompressão. Tem sido assim a sua vida profissional, médica e docente. Sua aguçada curiosidade científica, sua afinidade com os métodos eletrofisiológicos, construíram um perfil singular entre os seus pares. O reconhecimento que hoje lhe faz a Universidade Federal de Pernambuco é de justíssima grandeza. Esta Universidade com a força dos seus 44 mil membros entre servidores e alunos, avaliada como a 5ª Universidade, entre as Instituições Federais de Ensino Superior e a 1ª da região Norte e Nordeste encontra na outorga deste título honorífico uma

forma pública e explícita de lhe agradecer o quanto do melhor da sua vida foi por você a ela dedicado.

Caro Salustiano,

Este é também o momento de uma festa familiar. Gostaria de transmitir a você e a todos os seus, sua esposa, filhos e netos o meu carinho e a minha amizade, desejando que logo vocês reunidos na intimidade de suas casas festejem com entusiasmo este momento especial que a ocasião lhes propicia.

Muito boa tarde, e muito obrigado.





*José Grimberg - Acadêmico Emérito da
Academia Pernambucana de Medicina*

Acadêmica

Professora Gilda Kelner

Recife, 30 de maio de 2012



JOSÉ GRINBERG – ACADÊMICO EMÉRITO

Emérito é aquele experiente, sábio, prestigiado. Isso e, mais que isso, é José Grinberg, meu amigo zelinho, como é carinhosamente apelidado pelos mais próximos. Até 1960 era professor de pediatria da faculdade de medicina da universidade federal da Paraíba, quando resolveu transferir-se para o Recife. Foi logo convidado para integrar a equipe de neurologia do hospital Pedro II. De lá para os dias de hoje, brilhou como médico, professor, pesquisador e escritor. Não vou discorrer sobre sua trajetória profissional, conhecidíssima por todos. Apenas destacaria seu brilhantismo no exercício da Medicina, sua competência enquanto pesquisador e professor, tendo lecionado na Disciplina de Neurologia e Neurocirurgia da UFPE durante várias décadas. Seus colegas ilustres figuram também como grandes nomes da neurologia brasileira, Manoel Caetano de Barros, José Alberto Maia, Salustiano Gomes Lins, Guilherme Abath, Luís Ataíde, todos eles, menos Maia, precocemente falecido, membros desta Academia. Um de seus maiores méritos foi o de ter sido o pioneiro da neurologia infantil no Recife, que se tornou, desde então, um núcleo de formação de profissionais desta especialidade. Ingressou na Academia em 26 de junho de 2003. E desde então foi um dedicadíssimo membro, tendo colaborado em todos os grandes projetos da instituição. Aliás, lealdade, dedicação, seriedade, inteligência são características marcantes em zelinho. O amor à ciência o levou a trabalhar como voluntário durante anos seguidos, no IMIP e no Pedro II. Sempre se sentiu melhor atendendo os pacientes pobres, foi uma vocação para a prática hipocrática da Medicina. Referindo-se ao acadêmico Fernando Pinto Pessoa, destacou seu elevado nível de competência e cultura médica, ilibada moral e inegociável ética, profundo respeito e dedicação ao doente e preocupação com os problemas médico-sociais. Estas mesmas qualidades são atributos de Zelinho. Em discurso de saudação ao Acadêmico Luís Ataíde, diz que relembra com saudade aquele tempo em que trabalharam juntos no antigo Hospital Pedro

II, quando a medicina ainda não estava tão escravizada ao tecnicismo das máquinas e ao mercantilismo. Destacou que o rápido progresso da ciência e da técnica não trouxe com a mesma rapidez a equivalência no progresso dos elevados valores humanos. Ele continua sua reflexão: os fatos do cotidiano nos dão, muitas vezes, a impressão de que o “homem científico” é mais eficiente, porém menos humano. E que essa situação agravou-se num mundo cada vez mais globalizado, competitivo, desigual, excludente e mercenário. Este texto de Zelinho nos diz fielmente dele. Olgária Matos nos expressa este pensamento com outras palavras: se Medicina é ciência e arte, o cientista engoliu o artista. Destacando a impessoalidade do ato médico nos tempos pós-modernos, preocupa-se com o congelamento do calor humano, tão necessário ao relacionamento médico-paciente, cujo exercício cotidiano o glorificou perante seus pacientes, seus colegas e seus alunos. A admirável expressão turca “cavar um poço com uma agulha” diz bem da tenacidade de Zelinho, um lutador ferrenho de suas lutas, um disciplinado e competente guerreiro por seus ideais. Nunca recuou, nunca desistiu. Vou contar uma história antiga, melhor dizendo, uma história velha, digamos de quarenta anos atrás. Eu era uma jovem médica à época, e recebi uma criança com retardo de crescimento. O exame clínico detalhado e a precária investigação possível em fins dos anos sessenta não revelou nenhuma doença endócrina, parecia uma baixa estatura familiar. Pai e mãe baixinhos. A mãe era aquela presença maciça, intrusiva. Nenhum movimento da criança de oito anos era possível sem sua intervenção. Parecia colada à criança, não lhe permitia existir sem ela. Essa relação me inquietava, nos meus vinte e cinco anos, já com três filhos. Ainda não conhecia o sábio psicanalista e pediatra Donald Winnicott, mestre na escuta de mães e super mestre no cuidado com as crianças. Mas conhecia Zelinho, para quem encaminhei a família, haja vista a descrição do que poderia ter sido uma convulsão apresentada pela pobre criança. Depois de criteriosa avaliação, Zelinho descartou qualquer quadro convulsivo. Sua capacidade para acalmar essa mãe foi algo de extraordinário. Não a contradisse, não a referendou. Aquela atitude

sábua de quem conhece a medida. Como diz, quando diz, porque diz. Foi minha primeira experiência profissional com o mestre. O'Dwyer Macedo refere que o ser humano se define pela relação que mantém com o mais íntimo de si. Zelinho não tinha segredos para si próprio. O termo intimidade, aqui, expressa a capacidade de estabelecer uma relação com o outro, sem que se perca o contato com o mais íntimo de si-mesmo. Ele soube usar esta sabedoria para relacionar-se com as crianças e suas mães, já que a formação da identidade primária surge a partir de uma amálgama inicial com a mãe. Parodiando o poeta Daniel Lima, zelinho tem o dom de transformar “o espaço e o tempo irrealis em realidades sublimes, nascidas das asas de seu voo”. Sua presença sempre engrandeceu esta Academia. Somos gratos a você por esta parceria.





A Arte Terapia

Acadêmico

Dr. Reinaldo Oliveira

Palestra proferida na Academia Pernambucana de Medicina

Em 27 de julho de 2011



A ARTE TERAPIA

O meu agradecimento inicial a todos os que me convidaram para essa palestra despreziosa, porém cheia de boas pretensões, nesta querida Academia Pernambucana de Medicina. A Arte Terapia é abrangente. Envolve uma série de manifestações artísticas, por algumas das quais, me sinto envolvido. Pelo tempo de vida e pelas oportunidades que me foram ofertadas. Não pretendo me ater à análise de cada uma delas, porém às experiências que vivi, como médico e como artista, nos palcos da vida.

No meu discurso de posse nesta Casa aludi a algumas frases colhidas pelo meu espírito de expositor para utilizá-las nos momentos precisos. É o caso de hoje quando pinço a do grande His quando ajunta, num outro feixe, o de palavras, suas ideias maravilhosas: “Se a Medicina fosse, apenas, a arte de curar, a muito pouco estaria reduzida”. De fato, nós médicos, a maioria na idade do metal, com muita prata nos cabelos, algum ouro nos bolsos e bastante chumbo nas pernas, sabemos e recordamos a quantas artes recorreremos para indicá-las como terapêuticas adequadas. Cada caso que se nos apresente tem um perfil diferente do outro e, no afã de restituir a saúde de cada paciente, podemos buscar redutos terapêuticos nos quais se incluem as outras artes, além da fundamental, para nós, que é a arte de curar. E para justificar essa busca dos melhores meios de acudir aos anseios de um paciente, aflito, desejoso de recuperar a harmonia de seus gestos e pensares, lembramos as palavras de outro mestre, da Fisiologia, Alberto Garcia Mata que deixou escrita esta verdade inquestionável: “Aquele que só sabe Medicina, nem Medicina sabe”.

A ampliação dos saberes contempla o ser humano com uma convicção e uma compreensão dos fenômenos do mundo, que só um pleonasmo registra e reforça o que quero dizer: A Cultura tem que ser cultivada. É por isso que durante minha vida temporal e profissional, procuro ampliar os meus conhecimentos, estudando o corpo e alma

do Homem para tentar entender os dois lados, o do Bem e do Mal que alternam na composição de cada personalidade ou, às vezes, para o Bem ou para o Mal, sobressaírem, independentemente.

A Arte Terapia é um conjunto de atividades artísticas com sentido terapêutico. É desse modo que vejo esses meios artísticos à disposição da melhoria das condições de vida do Homem, obstaculada pelas psicoses, depressões, síndromes maníaco-depressivas, enfim pelo desequilíbrio emocional que perturba a eugenia, a melhoria das condições de vida da raça humana.

Não me vou ater à análise de cada uma das artes no sentido de revelar suas potencialidades em benefício do ser vivente. Prefiro trazer, numa inversão de direção, o que se pode passar no íntimo do paciente que começa a compreender o processo de retorno à normalidade, obtido pela ação da arte terapia. É começo por analisar, minha condição de ator teatral, com atividades desde os oito anos de idade, ao participar de Branca de Neve e os Sete Anões, no palco do Teatro de Santa Izabel, compondo o elenco do Grupo Cênico Espinheirense, dirigido pelo médico, nosso professor de Histologia e Embriologia, Coelho de Almeida, tragicamente desaparecido após desastre, a 50 metros desta nossa Faculdade, numa manhã de fim-de-ano, na esquina da Jener de Souza com a Praça do Derby, quando o seu Pontiac Preto foi abalroado no cruzamento, indo de encontro a um poste de aço, deixando ali a incrível marca do impacto, exibida, a mais de dois metros de altura. O Teatro temo poder de transformar o público num espelho no qual o ator se vê, como gostaria de ser visto. A cada representação.



A Escatologia em Mozart (*1756 † 1791)
– O Homem e o Mito

Acadêmico

Gentil Porto

Palestra proferida na Academia de Medicina de Pernambuco

Em 31 de maio de 2011



A ESCATOLOGIA EM MOZART (* 1756 † 1791) O HOMEM E O MITO

Nos bons e velhos tempos dos filmes de “farwest”, um deles deixou-me profundas marcas, principalmente pela lição que encerra no famoso “The End”.

Numa pequena cidade do oeste americano, um jovem advogado em início de carreira trabalhava também como auxiliar de cozinha.

Recém-chegado, poucos amigos, entre eles um vaqueiro rude, pouco falante e bom de tiro. O primeiro, representado por James Stewart e o segundo, pelo eterno “cowboy” John Wayne. O “tertius” é um bandido que aterrorizava a cidade e a região. Interpretado por Lee G. Marvin, termina por provocar, sem nenhum motivo, o pacato advogado que ante o medo de todos travestido de indiferença, fica à mercê do terrível facínora. Mesmo sabendo que ia ser morto, Stewart resolve enfrentá-lo com um velho revólver que possuía. Os dois puxam das armas, ouve-se um tiro e o valentão tomba morto. Na escuridão da rua, o autor do disparo foi Wayne e Stewart transformou-se em herói apesar de tentar esclarecer como realmente tinham acontecido os fatos. Virou celebridade local e regional, meteu-se na política elegendo-se senador.

Muitos anos depois recebe um chamado da sua cidadezinha comunicando o falecimento do velho amigo. Deixa Washington às pressas e em chegando ao lugar onde iniciou a sua trajetória, encontra nos fundos da antiga cozinha onde trabalhou, um tosco caixão de madeira com os restos mortais daquele que em vida foi apenas um “cowboy”.

A imprensa, avisada do fato, aborda o senador e futuro candidato a vice-presidente da república que mais uma vez repete a história tantas vezes contada como realmente aconteceu. O repórter, lápis à mão, fazia anotações. Depois de algum tempo e madura reflexão, resolve rasgar tudo que havia escrito e exclama: “Quando a lenda se torna fato, publique-se a lenda.” Termina assim o velho “movie” “O homem que matou o facínora”.

5 DE DEZEMBRO DE 1791

Violenta tempestade assolava Viena, capital do Império Austro-Húngaro, governado pela dinastia Habsburgo. Tempo inclemente também nos arredores para onde se dirigia um esquálido cortejo fúnebre rumo ao cemitério de St. Marx. Lá chegando os poucos acompanhantes e os coveiros retiram da carruagem os despojos que lá se encontravam e jogam-nos numa vala comum. Tratava-se dos restos mortais de um dos maiores gênios da humanidade que foi batizado com o nome de Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus Mozart ou simplesmente **Mozart**. Morria o homem, nascia o mito.

Os mitos, como o sabemos, têm sua vida e os seus feitos modificados através dos anos mercê da necessidade que os outros sentem de transformá-los em semi-deuses e até deuses. Kierkegard, por exemplo, tentou criar uma seita para adorar Mozart por achar que a ópera Don Giovanni era divina.

Os mitos devem morrer necessariamente de morte gloriosa ou na mais profunda pobreza (caso de Mozart) na defesa dos mais humildes ou pequenos e depois serem sepultados em condições infames ou com “pompa e circunstância”. (caso de Beethoven).

O que não se diz ou pouco se diz é que os mitos são seres humanos geralmente geniais, mas com virtudes e defeitos, às vezes muitos defeitos.

Não se divulga (quase) que Mozart foi sepultado daquela maneira devido ao costume na Viena de então – por decreto do Imperador Joseph II – de os corpos serem sepultados em vala comum, sem caixão e sem embalsamamento e fora dos muros da capital austríaca. Essa prática seria talvez uma maneira de reduzir os índices de insalubridade da capital do império, realmente terríveis. Mozart é bem exemplo disso pois foi um dos dois filhos sobreviventes dos sete que nasceram fruto do casamento de seus pais, Johann Georg Leopold Mozart e Maria Anna Pertl Mozart. Dos seis filhos de Mozart apenas dois

sobreviveram. Ele mesmo chegou aos trinta e seis anos de idade, quando morreu, a duras penas, pois teve escarlatina, febre reumática, febre tifóide, varíola, eritema nodoso e provavelmente sífilis.

Na mitologia de Mozart, caracterizando com todas as tintas a pobreza do seu sepultamento, poucos referem que antes disto acontecer, ele foi velado numa das capelas da Catedral de Stº Estevão onde se encontram as tumbas dos imperadores Habsburgos.

Ao seu velório compareceram além de parentes, amigos e músicos, muitos maçons já que o compositor era um fervoroso maçom. No velório encontrava-se também o compositor Antonio Salieri, admirador do gênio de Salzburgo, grande músico que passou à história, graças ao filme “Amadeus” de Milos Forman, como um homem roído pela inveja e quase um assassino do próprio Mozart. Aliás, um dos maiores desserviços já prestados à música e à história do compositor é justamente tal filme. Segundo o maestro Lanfranco Marcelletti, “Mozart não era a figura ridícula, exótica e infantil apresentada no filme. Mozart era um homem de ideais humanitários elevados.”

Além do piano, tocava outros instrumentos, cantava muito bem e falava três idiomas. Entretanto no seu estilo desabrido, muitas vezes defendia de forma cáustica os seus princípios. Odiava Voltaire pelo ateísmo do filósofo.

No dia em que perdeu a mãe, em 03 de julho de 1778, de Paris escreve Mozart ao pai: “Agora tenho uma novidade para você que já deve ter chegado aos seus ouvidos, ou seja que Voltaire, aquele arquiapatife sem Deus, bateu as botas feito um cão, feito um animal! Bem feito!”

O compositor realmente não media termos ao escrever cartas – existem mais de mil e seiscentas catalogadas. Grande parte delas era dirigida aos familiares onde expressa as mais variadas opiniões e nas quais envereda pelo caminho da escatologia – o que parecia ser do agrado da família que, diga-se de passagem não era muito afeita aos pressupostos do puritanismo.

A vida sexual de Mozart foi iniciada com a prima Maria Anna Thekla Mozart apelidada de Bäsle. Com a mãe Maria Anna Pertl, Mozart manteve uma longa correspondência e “os assuntos favoritos das cartas eram as funções digestivas e suas conseqüências eróticas.”

Com a morte de Mozart, a imagem de mito tinha de ser preservada a partir da própria mulher Constanze Weber com a qual o compositor teve um relacionamento conturbado, porém amoroso. Mozart, como se sabia, gostava de roupas e bebidas finas, além de dar suas “escapadelas.” Os defensores do mito tentavam apresentar Constanze como uma libertina, o que não era verdade, sendo imputado a ela que o último filho de Mozart – Franz Xaver – seria filho do mais talentoso e fiel discípulo do mestre austríaco, Franz Xaver Sussmayr a quem coube concluir com competência e sensibilidade uma das maiores obras da arte musical: **O Requiem**.

Constanze que morreu aos oitenta anos, embora tenha se casado outra vez, defendeu até o fim o seu primeiro marido.

Na verdade todos os familiares de Mozart eram “chegados às caçoadas chulas envolvendo situações sexuais e descrições literais das atividades excretórias do corpo e o interesse jocoso de Mozart pelo ânus e pela defecação se mantiveram por toda a sua vida.”

Precisou que alguém baseado na verdade indiscutível do que Mozart e familiares escreviam, viesse publicar sem meias tintas, o resultado das suas pesquisas. O autor da proeza é o alemão Wolfgang Hildesheimer, escritor e artista plástico, nascido em Hamburgo e que viveu na Suíça.

O livro editado no Brasil em 1991 por ocasião dos duzentos anos da morte de Mozart, traz trechos detalhados da quase obsessão do compositor e seus familiares pela escatologia.

INTERMEZZO

Salzburgo à época em que viveu Mozart era um estado papal governado por um príncipe – arcebispo nomeado pelo Papa, o que

representava uma situação estranha pois a cidade era encravada na Áustria, governada pelo imperador austro-húngaro da dinastia Habsburgo com capital em Viena. Portanto, Mozart era súdito do príncipe – arcebispo e na sua vida teve que conviver com dois deles. O primeiro, Siegmund Von Schrattenbach “homem de grande cultura e trato extremamente cordial com os seus súditos,” permitiu que o pai de Mozart viajasse por toda a Europa apresentando o filho nas cortes do Velho Mundo. Diga-se de passagem que Leopold era um músico preñado, autor de várias obras, destacando-se como professor.

Decorridos mais de duzentos anos, sua obra maior “Método para o estudo do violino” é referência para os estudiosos do assunto. Leopold não era um “amestrador de crianças” nem um pai desumano como pretenderam descrevê-lo. Entretanto era um bajulador das cortes, sem o que ele e a maior parte dos músicos de então não sobreviveriam. Na Áustria, como em outros países, músicos viviam quase trancados em “gaiolas de ouro”, prontos a serem exibidos como bichinhos de estimação ao bel-prazer dos seus “donos.”

Com a morte de Schrattenbach, Mozart foi obrigado a se submeter ao novo príncipe-arcebispo Hyeronimus Joseph Franz Von Paula, conde de Colloredo que também gosta de música e reconhece o talento de Mozart; de espírito arrogante e prepotente, porém, resolve submeter o jovem e rebelde compositor. Depois de vários atritos, o conde de Colloredo chama o seu valete – o conde Arco – que termina por expulsar o irrequieto músico da sala do Arcebispo num incidente registrado pelo próprio Mozart que diz: “Então é essa a maneira de convencer, de amolecer as pessoas! Jogá-las porta a fora com um chute na bunda. Esse é o estilo!”

De bunda como veremos, Mozart entendia e muito!

A escatologia etimologicamente pode ter dois sentidos – um deles é o que trata dos últimos eventos da história do mundo, do destino final do gênero humano. O outro é relativo ao tratado dos excrementos. Mozart, pouco preocupado com o final dos tempos, terminou

por dar uma enorme contribuição ao segundo. Ao redigir os seus textos, Mozart conseguia ser vulgar, sem nunca vulgarizar a música.

Referenciando sua obra ele solta na KV560 (1778) “O Martin sua besta” e prossegue “merda na boca” e na KV233 “Lambe meu rabo até ficar bem bonito e limpinho.” Na KV231 (1788) “Lamba-me o rabo.”

No âmbito familiar, a mãe de Mozart escreve para o marido aos 26/09/1757 em viagem pela Europa com o filho, a seguinte “pérola”: “Addio ben mio. Cuide-se bem meu amado. E enfie na boca esse rabo cagado. Desejo-lhe boa noite meu queridinho; mas primeiro cague na cama e faça um montinho.”

Escrevendo para a mãe diz Mozart (1788): “Há mais de uma semana estamos viajando e todos os dias nós cagamos” e continua “o concerto para Paris vou cumprir, estou lhe falando / vou rabiscá-lo um dia desses quando estiver cagando.”

A família de Mozart era particularmente atraída pela “comédia fecal” com a possível exceção da irmã Nannerl diz Hildesheimer. Acrescenta que o linguajar fecal aparentemente inflama a fantasia verbal de Mozart que certa feita escreve para a sua iniciadora sexual a prima Bäsle (1778) dizendo num trecho da carta: “Não creia nisso, imploro, pois acreditar e cagar são duas coisas diferentes.” Como eles andavam se desentendendo ele pede paz e diz “se não solto um por trás”, “símbolo de nossa reconciliação os nossos rabos serão.” Não satisfeito, acrescenta “se não recebesse sua carta receberia uma cagada.”

“Cagada, cagada – ah cagar. Oh doce palavra! Cagar, peidar, cagar, peidar, cagada, chupada – Oh charmante cagada chupada. É disso que gosto – cagar, peidar, chupar! Peidar cagando e cagar chupando.”

Escrevendo para a família em 25 de outubro de 1777 diz “onde quem sabe, merda cagarei” e reconhecendo as besteiras conclui “e o mesmo tolo de sempre, sou e serei.”

Em carta para a prima Bäsle ele exprime sua revolta das mais diferentes maneiras, criticando os “desertores, canalhas, covardes, néscios, bestalhões”, mas não perde o velho hábito e conclui: “possamos voltar a cagar e como quem quer que seja” e conclui em francês falando em “pilares do meu rabo.”

A esposa Constanze, também não muito pudica, não escapa (1779) e ele dispara uma evocação falando no seu “cuzinho adorável, beijável.”

Tem mais, muito mais; entretanto este não é o único objetivo deste trabalho. Também não pensei fazer uma minibiografia de Mozart, o que seria uma temeridade, considerando-se que no Mozarteum de Salzburgo a biblioteca sobre a sua vida e obra tem 126 volumes e 26.000 páginas que aumentam a cada dia.

Não é meu objetivo defender a escatologia de Mozart porque ele era gênio. Quis tão somente, reconhecendo a genialidade do compositor austríaco, apresentá-lo como um ser humano, contraditório, explosivo, amoroso, ou seja, com qualidades e defeitos.

A escatologia sempre conviveu com o ser humano e em Mozart não foi uma gloriosa exceção e sim apenas uma simples constatação.

EPÍLOGO

Em sua curta vida Mozart produziu mais de seiscentas obras entre missas, oratórios, cantatas, óperas, música de balé, conjuntos vocais com instrumental, árias, canções, cânones, sinfonias, serenatas, miscelâneas, obras para conjuntos de sopro, concertos, música de câmara, enfim quase todos os gêneros musicais.

As obras de Mozart são antecipadas de K ou KV. Significa Kochel Verzeichnis, em alemão. Catálogo Kochel, alusão a Ludwig Alois Ferdinand Ritter Von Kochel, musicólogo, escritor, compositor, botânico e editor austríaco que num trabalho primoroso catalogou as obras de Mozart.

Constanze Weber Mozart era prima do compositor Carl Maria Von Weber.

O pai de Mozart trocou o nome Theophilus para Gottlieb em alemão. O próprio compositor mais tarde mudou para Amadeus em latim, o qual permaneceu. Todos os três nomes tem o mesmo significado.

Anna Maria Walpurga Inatia Mozart, a irmã, apelidada de Nannerl era também prendada, tocava piano muito bem e cantava melhor ainda. Casou-se com um nobre alemão.

Karl Theodor Mozart, um dos filhos sobreviventes de Mozart, enriqueceu com as apresentações da Bodas do Fígaro no Teatro Scala de Milão.

Franz Xaver Mozart, o outro filho, tornou-se músico e pintor, sem nenhum brilho nas duas artes.

O imperador austríaco Leopold II concedeu uma pensão vitalícia à família Mozart.

Mozart morreu em uremia, como decorrência da insuficiência renal provocada pelas várias doenças que teve na infância e juventude. Falta-se também que o comprometimento renal teria sido agravado pelo uso de mercúrio no tratamento da sífilis.

Mozart não soube que pouco antes de morrer, Voltaire tinha se convertido à religião católica.

Sören Kierkegaard (1813 – 1855) que pretendia deificar Mozart, principalmente pela ópera Don Giovanni, era filósofo e poeta, considerado por muitos o verdadeiro pai do “existencialismo” e não Jean Paul Sartre como se diz.

Finalizando, uma observação muito pessoal: como contribuição à arte musical, Joseph Haydin e Ludwig Van Beethoven nada ficam a dever ao gênio de Salzburgo. Ou seja, geniais também!



*A contribuição judaica na genética
da população do Nordeste*

Professor

Caesar Sobreira

Palestra proferida na Academia Pernambucana de Medicina

Recife, 26 de outubro de 2011



A CONTRIBUIÇÃO JUDAICA NA GENÉTICA DA POPULAÇÃO DO NORDESTE

O *problema* identidade, tanto individual quanto coletiva, é de magna importância para a realização de um projeto civilizacional. O Nordeste, habitado por três étnias (euroibérica, afrobrasileira e ameríndia), tem assistido nas últimas décadas a movimentos de afirmação identitária.

No contexto da uma nova era de afirmações étnicas, da busca de raízes culturais através das quais as populações possam exercitar o orgulho de suas especificidades, no momento em que tais afirmações identitárias convivem em harmonia com a multiculturalidade, a população eurobrasileira é a única que não pratica o culto às suas mais ancestrais raízes.

Ainda que múltiplas, as raízes dos euronordestinos estão vinculadas em Portugal, onde há mais de dois mil anos os judeus já estavam presentes. Então, quando, em 1492 os reis Fernando e Isabel expulsaram os judeus da Espanha, os israelitas foram para Portugal, aumentando em mais de 120 mil judeus (*megorashim*) a comunidade israelita portuguesa. Isso acirrou conflitos que culminaram com a exigência dos reis castelhanos para Portugal expulsar os judeus de seu território.

Em 1497 o rei Dom Manuel, apesar de reticente, cumpriu os desígnios dos monarcas espanhóis e obrigou os judeus de Portugal a escolher entre conversão e expulsão. Kayserling estima em **mais de vinte mil pessoas** que, por bem ou por mal, aceitaram (ou receberam mesmo sem aceitar) o batismo porque na última hora de expirar o prazo para esta “escolha de Sofia”, o rei não dispôs os navios para os judeus que preferiram o exílio à apostasia.¹

Então, aqueles milhares de judeus portugueses, mais os judeus espanhóis que então viviam em terras lusas, se viram parados, em pé, no

1 KAYSERLING, M. *História dos Judeus em Portugal*. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 2009, p. 170.

porto de Lisboa, ao *Deus dará* e foram batizados à força, exceto os que preferiram a morte. Segundo Kayserling, tão somente “sete ou oito homens heroicos firmes e corajosamente opuseram resistência, a tal ponto que a própria tirania não pode negar respeito a esta excepcional firmeza de fé: o rei ordenou que estes heróis, cujos nomes a história não nos transmitiu, fossem conduzidos através do mar até a África.”²

Eis aqui a grande questão que move nossas pesquisas: identificar os descendentes daqueles 120 mil judeus espanhóis e 20 mil judeus portugueses chamados de “os batizados em pé” porque receberam batismo coletivo enquanto estavam parados, espavoridos, nos Estaus de Lisboa, de onde deveriam sair os navios que os levariam ao exílio.

Espremidos entre a intolerância católica e o mar, esta multidão aumentou o contingente dos chamados cristãos-novos, que povoaram este novo mundo da terra brasilis. Aqui fincaram raízes e, através de casamentos interétnicos que aconteciam desde antes do decreto de expulsão, entrelaçaram o sangue lusitano ao sangue judaico.

O Nordeste do Brasil foi povoado por gente destas ramas hibridizadas de judeus e cristãos. De tal modo foi intensa essa miscigenação que português era sinônimo de judeu. Assim, aquela gente branca e nobre da cepa dos primeiros povoadores lusitanos no Nordeste era formada pela mistura de sangue ibérico com variadas dosagens de sangue israelita, árabe e berbere.

A tal “pureza de sangue”, tão exigida para alcançar as cobiçadas ordens militares e as sinecuras políticas, era um engodo porque não existia sangue puro em Portugal, “onde todo mundo era judeu”, como ensinava o polêmico padre Vieira, grande defensor dos cristãos-novos e também ele vítima da Inquisição.

Tanto era verdade que uma das principais famílias pernambucas (Paes Barreto) praticou falseamento genealógico, para encobrir sangue judaico, como provou Evaldo Cabral de Mello, em *O nome e o*

2 KAYSERLING. *História dos Judeus em Portugal*, p. 172.

*sangue*³. O impacto da etnia judaica no Nordeste está comprovado por todos os estudiosos do tema: José Antonio Gonsalves de Mello, com dois livros clássicos: *Tempos dos flamengos*⁴ e *Gente da Nação*⁵; Arnold Wiznitzer, em *Os judeus no Brasil colonial*⁶; Anita Novinsky, a partir de *Cristãos-Novos na Bahia*⁷ e em toda sua obra.

A presença dessa *gente da nação* na genética do Nordeste brasileiro foi estudada por dois importantes pesquisadores estrangeiros:

1. Nathan Wachtel, do *College de France*, autor de *Fé na Lembrança: Labirintos Marranos*⁸ e *Memórias marranas*⁹, lançado no início deste ano, em Paris, ambos livros abordando o Nordeste brasileiro; e
2. James Ross, da *Northeastern University*, de Boston, autor de *Fragile branches*¹⁰, que também estudou nossa região.

Ambos os autores descrevem grupos de nordestinos que, ainda neste século XXI, reivindicam pertencimento genético, cultural e religioso à gente da nação, aos judeus sefarditas, contra os quais foi imposto o sacramento do batismo, que vieram morar no Brasil desde o século

3 CABRAL DE EMILLO, Evaldo. **O nome e o sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

4 CABRAL DE MELLO, José Antonio. **Tempos dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil**. Recife: Massangana/Fundaj, 1987.

5 CABRAL DE MELLO, José Antonio. *Gente da nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco – 1542-1564*. Recife: Massangana/Fundaj, 1989.

6 WIZNITZER, Arnold. **Os judeus no Brasil colonial**. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1966.

7 NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia: a Inquisição**. [2ª ed.]. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1992.

8 WACHTEL, Nathan. **A fé na lembrança: labirintos marranos**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 2009.

9 WACHTEL, Nathan. **Mémoires marranes: itinéraires dans le Sertão du nordeste brésilien**. Paris: Seuil, 2011. Importante destacar que este autor, professor do College de France, esteve em 21/10/2011, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, onde proferiu conferência intitulada “Memórias marranas: legado judaico no Sertão nordestino”. Na oportunidade, confirmou sua presença no Congresso Internacional sobre Cristãos-Novos e Inquisição no Brasil e no Mundo, de 4 a 7 de dezembro de 2012, na UFRPE.

10 ROSS, James. **Fragile branches: travels throug the jewish diaspora**. New York: Riverhead, 2000.

XVI em diante, em grandes contingentes fixados do norte ao sul do país. Sua presença no Nordeste foi tão forte que causou duas visitas da Inquisição, inclusive a Pernambuco.¹¹

Considerando que essa presença era significativa, ela deve ter provocado um impacto étnico (no sentido genético e cultural). Se esta assertiva for verdadeira, tal presença deve ser detectada através dos estudiosos da cultura (antropólogos, sociólogos) e da genética (médicos e geneticistas). Segundo James Ross, há no Brasil 15 milhões de descendentes de judeus ibéricos. Deste modo, se James Ross estiver correto, o Brasil é a nação com maior população judaica do mundo, contendo mais judeus descendentes de *cristãos-forçados* que a totalidade da população judaica atual.

No que se refere à antropologia da cultura do homem nordestino, nosso principal historiador social, Gilberto Freyre, ofereceu uma das interpretações mais criativas em relação ao estabelecimento e adaptação do homem ibérico situado na região tropical do Brasil.

Seguindo as trilhas abertas por Gilberto, concordando ou discordando dele, muitos foram os que se aventuraram no desafio de decifrar os enigmas da nossa formação étnica e cultural, enigmas que remontam aos primórdios da ocupação humana na Ibéria e, sobretudo, na Lusitânia *in illo tempore*, pois “não há dúvida de que o território português serviu de ponto de encontro a gentes de várias origens, que nele acabaram por se mesclar e confundir”.¹²

A ocupação do território português durante o período neolítico, há seis mil anos, deu ensejo ao desenvolvimento da cultura megalítica, expressa nos numerosos dólmenes, que teriam sido construídos por populações oriundas da Ásia Menor.

Durante a idade do bronze (2000 a 800 AC) novos movimentos migratórios penetraram o território. Neste sentido, “o povo português

11 Neste particular, leia-se **Confissões de Pernambuco 1594-1595: Primeira Visitação do Santo ofício às partes do Brasil**, editado por José Antonio Gonsalves de Mello (Recife: UFPE, 1970).

12 SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Mira-Sintra: Europa-América, 1984, p. 21.

resultou assim de um milênio de processo de miscigenação de sangue e de sucessivas sobreposições culturais. A pré-história modelou um determinado tipo humano, **mas não definiu uma raça.**”¹³

As grandes levas de invasores celtas se mesclaram às populações locais, formando um novo povo. Quando os romanos invadiram a Península, em 219 AC, encontraram no noroeste um povo chamado *Calaicos*, ou *Kelticoi*, nome com que os romanos denominavam os celtas, daí gentílico *galego*, ou natural da Galícia.

No território que fica entre os rios Douro e Tejo, os romanos se depararam com os *Lusitanos*, a quem se referiam como resultado da fusão dos celtas com os iberos. Depois vieram os suevos (411 DC), os visigodos (416 DC) e, finalmente, os árabes e bérberes (711 DC). Quanto à presença judaica na Península, considera-se que eles já estavam nela instalados quando da conquista romana. Assim, a fusão de todos esses povos foi sintetizada por “três matrizes contraditórias [que] contribuíram para a cultura que inseminava a população portuguesa” nos primórdios do segundo milênio da nossa era: a católica, a islâmica e a hebraica.

Quando os representantes dessa cultura e dessa *neoetnia* portuguesa aportaram no Nordeste do Brasil, experimentaram novo período de adaptação multicultural, de hibridização interracial, de mestiçagem desbragada, acrescentando ao seu *estoque genético* novas dotações provenientes dos povos ameríndios e dos africanos subsaarianos.

Essa mistura de gentes, cores, raças e credos resultou em um novo tipo de homem, que se desenvolveu no espaço ecológico do massapê e da caatinga. Produzindo um novo homem, uma nova cultura e uma nova identidade. Deriva dessa mestiçagem de todos com todos, um novo tipo sociobiológico e uma nova cultura que estabelece uma identidade ao mesmo tempo social e cultural.

13 Cf. Idem, op. cit., pp. 19-21.

As pesquisas relativas à identidade levaram os estudiosos a pensar de uma maneira diferente sobre o que é o Nordeste, quem são os nordestinos e qual destinação está reservada ao povo e à região mais genuína, no sentido de mais arcaica ou arquetípica, do país.

Refletindo sobre essas questões, Laércio Souto Maior chega a cogitar que os nordestinos seriam uma minoria étnica com características culturais e biológicas bem demarcadas, em relação à sociedade brasileira.¹⁴ De modo análogo, ainda que sob a égide do conceito de identidade nas sociedades complexas, Maura Penna também se ocupa da questão identitária dos nordestinos, mas para ela a *identidade nordestina* é uma abstração, e não uma qualidade intrínseca.

Assim, cremos ser evidente a existência de uma representação de identidade social, coletiva, muito demarcada no Nordeste. Tal identidade individual e coletiva não implica, obrigatoriamente, em vocação ou volição independentista. Mas a realidade sociológica, antropológica, exige uma *interpretação* diferenciada do Nordeste e dos nordestinos. De todos modos, cremos ser verdadeira uma consciência de diferença entre nordestinos e não-nordestinos. Um antropólogo francês, François Laplantine, parece ter compreendido a divisão cultural do Brasil, ao descrever o Nordeste nestes termos:

De volta de uma missão científica no Nordeste do Brasil, posso relatar o seguinte: uma população constituída em sua maioria de descendentes de europeus (...) soube criar formas de sociabilidade plenamente originais, encontráveis no menor comportamento da vida cotidiana, e que não se deixa levar de forma alguma pelos modelos culturais vigentes em Paris, Londres ou Chicago [de modo que] a cultura popular não só resiste notavelmente à cultura dominante, como também, frequentemente, consegue se impor a esta, de uma maneira dificilmente imaginável no Ocidente.¹⁵

14 Vide SOUTO MAIOR, Laércio. **São os nordestinos uma minoria racial?** Londrina: Arles, 1985.

15 LAPANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 189.

Para existir tal resistência é necessário que as matrizes culturais em choque sejam antagônicas, como é o caso das culturas semitas e anglo-saxônicas. Esta parece ser uma diferença fundamental entre o Nordeste e as demais regiões brasileiras, sobretudo o Sul e o Sudeste, porque seu fundamento é a forte herança judaico-mourisca que se perpetuou no homem e na cultura do Nordeste.

Pesquisas recentes provam a atualidade e a importância do tema. O fenômeno marrano tem sido objeto de muitos artigos e investigações, reunidos por Lina Gorenstein e disponíveis na internet.¹⁶

Mas a grande autoridade e matriarca dos estudos sobre inquisição no Brasil é Anita Novinsky, da USP. Com uma produção intelectual imensa, reconhecida dentro e fora do Brasil, Novinsky é autora de inúmeros artigos, livros e ensaios sobre o tema.¹⁷ Entretanto, uma de suas maiores contribuições foi o depoimento muito emocionado escreveu sobre os marranos de Campina Grande, na Paraíba. Nesse depoimento, Anita Novinsky afirmou ter encontrado no Nordeste “famílias brasileiras que nunca souberam que seus hábitos e costumes cotidianos eram judaicos”.

Anita Novinsky relata que foi convidada para participar de uma cerimônia de *Kabalat Shabbath* por um grupo intitulado “Amigos da Torá”, de Campina Grande. Esse grupo tinha como *rosh* (“cabeça”, líder) Davi Meneses e era constituído por uma centena de pessoas, “gente culta, letrada, escritores, historiadores, poetas, políticos”, diz a professora Novinsky, que acrescenta:

16 Consulte-se, de GORENSTEIN, Lina. “**Brasil marrano: as pesquisas recentes**”, no qual a autora apresenta relatório sucinto das pesquisas relacionadas à Inquisição e aos cristãos-novos que foram realizadas em anos recentes. Comunicação apresentada no Seminário Interno do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância, 2005. Disponível em: <http://www.rumoatolerancia.ffclh.usp.br>. Acesso em: 25 Nov 2008.

17 Além das obras já indicadas, leia-se ainda, de Anita NOVINSKY, “Ser marrano em Minas colonial”. In Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Humanitas, vol. 21, nº 40, julho de 2001, pp. 161-176; e da mesma autora, “**A sobrevivência dos judeus na visão de Baruch Spinoza: o exemplo da Paraíba**”. In VAINFAS, R., FEITLER, B. e LIMA, L. (Orgs). Inquisição em xeque: Temas, controvérsias e estudos de caso. Rio de Janeiro: Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2006.

*Fiz duas descobertas na minha trajetória intelectual e nas duas descobri um 'outro' Brasil, subterrâneo e velado. Na primeira [descoberta] registrei os nomes de descendentes de judeus que ajudaram a construir o Brasil. Sabemos hoje que cristãos-novos foram os primeiros escritores, poetas, médicos, comerciantes, agricultores, políticos e artesão na sociedade colonial. Na segunda [descoberta], presenciando a revivescência após cinco séculos de vida clandestina (...) encontrei um 'outro' Brasil que palpita nas franjas da sociedade brasileira, cuja história ainda tem de ser desvendada por aqueles que a vivem, e escrita pelos antropólogos e historiadores que a ouvirem.*¹⁸

Novinsky finaliza seu depoimento, afirmando que considera os marranos como legítimos judeus, e alerta: “Polêmicas e mais polêmicas têm surgido em torno desses brasileiros cristãos-novos que hoje se chamam de judeus. Críticas partem de vários setores do judaísmo, protestos de rabinos, dúvidas dos próprios judeus, que negam a esse brasileiro a liberdade de escolherem o que querem ser.”¹⁹

O resgate das nossas tradições, tão em voga na pós-modernidade, implica em reconhecer o impacto genético dos judeus na população nordestina e brasileira. Com a realização de tal resgate etnocultural, um novo trabalho deve ser realizado no sentido de *reinterpretar* o Nordeste e sua cultura.

Igual preocupação em *interpretar* o Nordeste, seu povo e sua cultura, está presente em toda imensa e profunda obra de Gilberto Freyre. A ele devemos as mais criativas especulações sobre nossa cultura, as mais saborosas descrições dos hábitos da nossa colonização, as mais ousadas reflexões sobre os benefícios da miscigenação, da hibridização

18 NOVINSKY, Anita. “Os ‘marranos’ de Campina Grande: uma experiência inesquecível”. Artigo postado por Henrique Veltman, em mensagem na qual afirma: “Eu insistia, já em 1973, que o Brasil era a maior nação marrana do mundo e cheguei a pensar, junto com Boris Blinder, na época presidente da Organização Sionista do Brasil, num Encontro Nacional de Marranos Judeus Brasileiros”. Retransmitido por Chaim Samuel Katz, em 23 Jul 2008. Disponível, a pedido, em chaimsk@globo.com.

19 Idem, *ibidem*.

das culturas e das gentes. A vastidão epistêmica necessária à análise e interpretação das características de cada uma e de todas as culturas que contribuíram para a formação das civilizações do açúcar e do couro no Nordeste brasileiro, por sua própria imensidão, exige esforço multidisciplinar.

Necessário, pois, o empenho não de um, mas de vários pesquisadores trabalhando no mesmo projeto. É tarefa monumental que pressupõe articulação teórica entre vários campos do saber, incluindo história, antropologia, sociologia, psicologia, filologia, geografia, economia, além da contribuição fundamental e ainda a ser elaborada pela medicina e pela genética.

Gilberto Freyre realizou o mais profundo mergulho na alma lusitana do homem nordestino e brasileiro. Entretanto, nos propusemos realizar um mergulho ainda mais profundo e mais radical: uma imersão nas camadas abissais da cultura semita que subjaz na (e é anterior à) etnia lusotropical instalada e adaptada ao Nordeste do Brasil.

Na busca da elucidação das nossas raízes mais profundas, o auxílio da genética será fundamental. Dois artigos publicados na revista *IstoÉ* indicam como as pesquisas com DNA pode ajudar na decodificação da nossa herança genética. Na seção *ciência & tecnologia*, Norton Godoy afirma:

*Mesmo sendo quase só européia e muito semelhante à distribuição em Portugal, essa patrilinhagem apresenta curiosamente uma grande variedade. O que se deve [segundo o geneticista Sérgio Danilo Pena, da UFMG] à alta diversidade genética dos ibéricos, fruto de muitas invasões e imigrações para aquela região: celtas, fenícios, gregos, romanos, suevos, visigodos, judeus, árabes e berberes. O que ajuda a explicar uma taxa alta de cromossomo Y que ocorre em toda a área mediterrânea, **mas atinge frequências máximas entre judeus e libaneses.** Até o final do século XIV havia grande quantidade de judeus na Península Ibérica. No século seguinte, a discriminação e perseguição*

*católica aos judeus aumentaram até o ponto de serem expulsos de Portugal. Embora fossem proibidos de migrar para as Américas, muitos que se converteram ao cristianismo (cristãos-novos) acabaram vindo para o Brasil.*²⁰

Logo depois, a mesma revista publicou uma entrevista com Eduardo Cruz, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual afirma: “Um quarto da população brasileira é formado por cristãos-novos, judeus convertidos à força que vieram da Europa.”²¹ Estamos, pois, falando da dotação genética que grande parte [50 milhões de pessoas] da população brasileira compartilha com os semitas, de um modo geral, e com os judeus em particular.

Gil Guerra Júnior, livre-docente da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, escreveu importante artigo sobre genética molecular dos cristãos-novos, em referência ao caso de anões da cidade de Orobó, Pernambuco. Diz o autor que, no final do século XVI, “quando da primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil (1593-1595), já era considerável o número de cristãos novos em Pernambuco. Numa amostragem com base nos depoimentos, pode-se estimar em 14% da população desta capitania nesta época.”²²

O artigo se refere a pesquisas realizadas em Orobó, onde seis crianças (de quatro famílias da região) com quadro clínico de síndrome de Laron foram objetos de descrição hormonal. Segundo os autores: “Este trabalho foi aprovado pela comissão de Ética do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo (...).”²³ Dois dos seus pacientes estudados foram acompanhados no Instituto Materno In-

20 GODOY, Norton. “Pé na taba: pesquisa com DNA prova a forte herança indígena e africana na população brasileira”. *IstoÉ*, nº 1592, 05 Abr 2000, p. 87.

21 Cf. VANNUCHI, Camilo. “Religião é um perigo”. *IstoÉ*, nº 1593, 12 Abr 2000, p. 9..

22 GUERRA Jr., Gil. “Cristãos-novos no Nordeste e os anões de Orobó (PE): a genética molecular ligada à história do Brasil”. *Arq. Bras. Endocrinol. Metabol.* Vol. 49, nº 3, Junho 2005, pp. 337-338.

23 JORGE, Alexander et al. “Efeito Fundador da Mutação E180splice no Gene do Receptor de Hormônio de Crescimento Identificada em Pacientes Brasileiros com Insensibilidade ao GH”. *Arq. Bras. Endocrinol. Metabol.* Vol. 49, nº 3, Junho 2005, pp. 384-389, p. 385.

fantil de Pernambuco, informa o estudo, pois este trabalho teve como objetivo descrever do ponto de vista clínico, laboratorial e molecular, 6 novos casos de IGH oriundos de 4 famílias procedentes do interior de Pernambuco, sendo avaliada a presença de efeito fundador da mutação identificada. No final, os autores afirmam: “Em conclusão, a mutação E180*splice* é uma causa importante de IGH no Brasil e *decorre de um efeito fundador provavelmente com origem em comunidades judaicas do Mediterrâneo.*”²⁴

Sobre tal estudo, escreveu o professor Gil Guerra Junior: “Em todas as crianças deste estudo foi realizado minucioso estudo molecular do gene do *GHR* (...). A avaliação complementar de 4 regiões intragênicas neste gene em todos os pacientes e familiares permitiu confirmar que todos apresentavam haplótipos idênticos.”²⁵

Segundo o professor Gil Guerra, o mesmo haplótipo foi observado em equatorianos descendentes de espanhóis e em uma família de judeus orientais, o que sugere “a ligação da origem dos judeus do Nordeste do Brasil aos judeus sefardins.”²⁶ Afirma Gil Guerra:

*Recentemente, em estudo avaliando a síndrome de Laron em Israel e a relação com as origens étnicas, esta mesma mutação foi identificada também em judeus marroquinos, porém a ausência de dados sobre os polimorfismos não permitem estabelecer uma ligação entre os judeus marroquinos e aqueles provenientes da Península Ibérica para o Nordeste do Brasil e outros locais da América do Sul; porém, deve-se lembrar que os judeus sefardins também migraram da Espanha e de Portugal após 1492 para o Norte da África e Oriente Médio.*²⁷

24 Idem, op. cit., p. 389.

25 GUERRA Jr., Gil. “Cristãos-novos no Nordeste e os anões de Orobó (PE): a genética molecular ligada à história do Brasil”. *Arq. Bras. Endocrinol. Metabol.* Vol. 49, nº 3, Junho 2005, pp. 384-389, p. 338.

26 Idem, ibidem.

27 Idem, ibidem.

Embora seja bastante discutível a demarcação de *pertencimento* e identidade étnica a partir de estudos genéticos, não se pode desprezar a contribuição que a genética molecular pode oferecer aos estudos da antropologia física, no que se refere à herança judaica incrustada na cultura e na população do Nordeste brasileiro.

Há quinze anos, foi apresentado e aprovado em determinada universidade federal brasileira um projeto de pesquisa no qual o antropólogo Joseph Lévy, professor da Université du Québec à Montreal, que tinha acesso pessoal a dois pesquisadores judeus integrantes do Projeto Genoma, com o objetivo de realizar um estudo comparado entre o DNA da população do Seridó e de outras regiões nordestinas, para verificar se havia pertinência na reivindicação de ascendência judaica por parte dos seridoenses.

Na época, em conversa com Anita Novinsky, ela rejeitou o método genético, afirmando a primazia da historiografia, lembrando o perigo político implícito em tais investigações, sobretudo devido aos crimes em nome da *genetização ideológica*, cometidos pelo regime nazista. Essa rejeição foi o principal motivo pelo qual a pesquisa não foi realizada.

Não obstante a repulsa de Anita Novinsky a pesquisas dessa natureza, existem rabinos que as apóiam. É o caso de Iaacov Kleiman, autor do artigo *Los genes judíos*, no qual se reporta a uma pesquisa sobre a sequência de DNA entre diferentes populações da diáspora judaica, confirmando a existência de um perfil comum que identifica a ascendência judaica e sua distribuição geográfica.²⁸

Os pesquisadores colocaram a seguinte questão: “Os grupos dispersos de judeus contemporâneos são realmente descendentes dos antigos hebreus da Bíblia ou algum grupo de judeus modernos são

28 KLEIMAN, Rab Iaacov. “Los genes judíos: investigación confirma la ascendencia (...) del mundo judío”. Disponível em http://www.aishlatino.com/actualidad/cienciamedicina/Los_Genes_Judios. Acesso em 25 nov 2008.

descendentes de convertidos ao judaísmo e/ou resultantes de casamentos mistos nos quais seriam escassos os ‘genes judaicos’?”²⁹

O resultado da pesquisa mostrou a permanência das características genéticas das populações judaicas, ainda que dispersas pelo mundo. O rabino Iacov Kleiman afirma que hoje, com o aperfeiçoamento do método genético, é possível provar essas hipóteses. Segundo o rabino Kleiman, os pesquisadores planejam continuar os estudos relativos a variações genéticas nas populações que pretendem identificar seus antepassados judeus, no caso específico da Europa. O mais importante é que o rabino afirma: a tradição judaica, tanto escrita quanto oral, aprova estes estudos genéticos.³⁰ Portanto, é possível que estejamos muito próximos do dia em que, grande parte da população, através de um simples exame de DNA elucidará em definitivo os mistérios da nossa formação étnica e cultural.

James Ross afirma, no seu livro sobre o judaísmo da diáspora, que há no Brasil 15 milhões de pessoas (mais que a população judaica mundial) que descendem dos judeus ibéricos. Deste modo, se James Ross estiver correto, o Brasil é a nação com maior população judaica do mundo.

Nesse particular, basta um exemplo ilustrar a prevalência da “condição judaica” no povo nordestino, ainda que desconhecida e inconsciente não obstante inscrita em seu DNA. Trata-se de um fato da mais alta relevância, ligada às raízes judaicas de Gilberto Freyre. Na busca de afirmação identitária, descendentes do mestre de Apipucos fizeram exames de DNA para averiguação de suas origens. O resultado indicou que também a família Freyre descende dos judeus ibéricos. Assim, ficou demonstrado cientificamente que o próprio Gilberto Freyre tinha ascendência judaico-sefardi, como informa o jornalista Lauro Jardim, na revista *Veja*:

29 Cf. Idem, *ibidem*.

30 Idem, *ibidem*.

Durantes décadas, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre foi tachado de anti-semita — injustamente, ressalte-se — por causa das referências aos judeus em sua obra capital, Casa-Grande & Senzala. Bem, acaba de sair do forno os resultados de uma investigação de DNA do sociólogo, feita pelo especialista Sérgio Pena. Dois netos de Freyre cederam células bucais para a pesquisa. Ironia das ironias, descobriu-se que ele descende de judeus sefarditas, expulsos de Portugal no final do século XV. Freyre morreu sem ter tido a menor idéia dessa ancestralidade.³¹

Revelação que implica reconhecer, em Gilberto Freyre, raízes judaicas provenientes dos cristãos-novos. Portanto, nem a orgulhosa cepa espanhola dos Freyre escapou da expansividade genética da *gente da nação*. Assim, pelo fato de os exames de DNA terem comprovado a ascendência judaica da família Freyre, podemos afirmar que Gilberto e seus parentes integram a metarraça formada pelos, por assim dizer, **velhos cristãos-novos** ou **novos-judeus velhos**.

Esses cristãos-novos são descendentes dos antigos judeus ibéricos, que, transplantados para o Brasil, floresceram sob o sol da civilização luso-tropical situada e adaptada neste **Nordeste** que — como o próprio Gilberto Freyre — também é **Semita**.³²

Então, se desde o ponto de vista histórico, antropológico e sociológico, as pesquisas sobre a especificidade judaica na cultura nordestina estão muito avançadas, o mesmo não se pode dizer dos estudos genéticos sobre tal especificidade. Deve-se reconhecer, entretanto, que as investigações de Sérgio Pena são auspiciosas e abrem novas perspectivas nessa área.³³ Ao elaborar o retrato molecular do Brasil, Pena afirma:

31 Cf. JARDIM, Lauro. “Origem revelada”. *Veja*, nº 38, 20/setembro/2000.

32 Cf. SOBREIRA, Caesar. **Nordeste Semita**. São Paulo: Global, 2010.

33 Vide PENA, Sérgio (Org.), **Homo Brasilis**: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002. Nesta obra, leia-se, de AMORIM, Antonio. “Linagens mitocondriais e do cromossomo Y em Portugal. In Idem, op. cit., pp. 29-39.

O haplogrupo 9, o quarto mais prevalente no Brasil (8%), apresenta frequências máximas em judeus e outras populações do Oriente Médio, embora seja visto também no Mediterrâneo. Portugal, onde o haplogrupo 9 foi encontrado em 6 dos homens, parece ser a maior fonte desses cromossomos Y para o Brasil. Sabe-se que havia grande população judia em Portugal, até 1509, quando, então, eles foram expulsos pela Inquisição. Para escapar ao degredo, muitos judeus converteram-se ao catolicismo e tornaram-se ‘cristãos-novos’; um número significativo deles imigrou posteriormente para o Brasil, trazendo cromossomos Y do haplogrupo 9.³⁴

Portanto, abre-se para a medicina e para a genética um imenso campo de investigação ainda a ser explorado, e a ambas cabe a palavra mais abalizada porquanto gozarem de maior prestígio dentro da comunidade científica.

Em suas conclusões, Sérgio Pena ressalta: “Outra observação interessante é a alta frequência do haplogrupo 9, característico de judeus, em portugueses e brasileiros. Como vimos, isso pode dever-se ao fato que muitos cristãos-novos vieram para o Brasil, trazendo o haplogrupo 9.”³⁵

Neste sentido, a pergunta colocada pela historiadora Anita Novinsky – “*Como conhecer e identificar o elemento de origem judaica na população brasileira?*”³⁶ – deverá ser respondida com a certeza habitual, próxima à certeza absoluta, conferida por pesquisas científicas produzidas por médicos e geneticistas.

E com este repto à medicina e à genética, encerro minha reflexão ante tão culto e seletto público, nesta vetusta Academia Pernambucana de Medicina, agradecendo ao honroso convite formulado por seu insigne presidente, professor doutor Geraldo Pereira.

Muito obrigado!

34 Cf. PENA, Sérgio. “Retrato Molecular do Brasil, versão 2001”. In Idem, op. cit., p. 21.

35 Idem, op. cit., p. 26.

36 NOVINSKY, Anita, op. cit., p. 15.





A Medicina Espacial e a Conquista da Lua

Acadêmico

Fernando Pinto Pessoa

Palestra proferida na Academia Pernambucana de Medicina

Recife, 28 de março de 2012



As pesquisas sobre foguetes principalmente na primeira metade do século XX e na Segunda Grande Guerra Mundial, e o invento dos mísseis, resultaram no grande interesse para a observação do espaço sideral. Uma consequência foi o nascimento da corrida espacial entre americanos e russos. Estes foram os pioneiros em levar o homem ao espaço, mas a corrida foi vencida pelos americanos que conduziram o primeiro homem a pisar na superfície lunar. Mas o melhor acontecimento foi o advento da medicina espacial.

Os principais fatos, descobertas e ações foram resultantes dos serviços da NASA e de grupos de engenheiros, tanto americanos como russos em pesquisas médicas e de engenharia. Sobressaem-se nesses grupos o engenheiro e físico Wernher von Braun, o maior responsável pela conquista da Lua, premiado pelo presidente dos EUA Gerald Ford com a Medalha Nacional da Ciência, e os médicos e cientistas convocados pela NASA.

Vejamos alguns fatos relatados no meu livro *A História da Conquista da Lua e o Advento da Medicina Espacial*:

- I. A medicina espacial é uma medicina do indivíduo sadio sujeito aos perigos do voo espacial, e não do homem ou mulher doente como na Terra. Os problemas já começam desde o lançamento da espaçonave. Na partida do voo o tripulante sente as vibrações e a aceleração da nave. Quando em órbita vai experimentar a ação da ausência de peso e exposição aos raios cósmicos. Já a aceleração é tão intensa que o corpo do astronauta fica 3 vezes mais pesado nas naves mais modernas. Nas mais antigas, dos anos 60, a aceleração (*aumento da ação da gravidade*) é 5 a 10 vezes maior, o que afeta a fisiologia cardíaca devido ao elevado peso do corpo, ocorrendo perturbações visuais e da consciência, além de dores epigástricas. Felizmente existem roupas antigravitação e a adoção da posição inclinada no assento da nave para amenizar os referidos efeitos. A seguir, em órbita terrestre ou além, com

uma velocidade de 8 km por segundo, aparecem os efeitos da ausência de peso ou microgravitação (não existe absoluta ausência de peso), a ação dos raios cósmicos e a variação de temperatura entre -150°C e $+150^{\circ}\text{C}$, dependendo da posição da nave em relação ao Sol. Existem manobras do veículo para se evitar tais temperaturas, a fim de mantê-la em torno de 0° fora da nave. Biologicamente no espaço livre existe o vácuo, a ausência de ar. A radiação solar ultravioleta é outro fator que vai influir no comportamento biológico do homem no ambiente de microgravitação e vácuo. Nesse ambiente a radiação é muito intensa porque não existe o escudo atmosférico. As reações termonucleares do Sol emitem raios ultravioletas e infravermelhos causadores de lesões patológicas, especialmente no vácuo em temperaturas elevadas. Existem também efeitos penosos para a saúde do astronauta na desaceleração, quando da reentrada da nave na atmosfera, de volta para a Terra. Os braços do tripulante ficam pesados e acontece dificuldade de andar, devido ao costume de falta de peso no espaço. O astronauta fica desajeitado nas atividades físicas. É que o sistema vestibular do ouvido não ajuda na coordenação dos movimentos. A cabine da nave sempre ajuda na manutenção do mais próximo das condições ambientais terrestres. A roupa espacial também é um auxílio para minorar os efeitos biológicos do espaço. A microgravitação causa sério estresse fisiológico e, por isso, a sobrevivência no espaço ainda não está totalmente sob controle. Esta longa permanência ainda é um problema a ser avaliado. Imagine-se uma viagem de 2 anos, no futuro, para o planeta Marte! Isto para não falar de possíveis mutações genéticas produzidas pelos raios cósmicos. Todavia, recentes declarações de um diretor que trabalha na Estação Espacial Internacional (ISS) o corpo humano procura facilmente se adaptar a esses estresses, contanto que haja as medidas preventivas. Efeitos Cardiovasculares: No voo em espaço vazio os líquidos do corpo se avolumam no tórax e na cabeça (fig. 123): o tripulante apresenta o rosto vermelho e edemaciado, as veias dos braços e do pescoço

túrgidas; a cabeça fica pesada e as fossas nasais produzem abundante secreção; as pernas ficam delgadas. É o que se denomina “desvio de fluidos”. Os líquidos orgânicos sobem para as partes superiores do corpo porque 2/3 das nossas atividades diárias ocorrem com o indivíduo de pé ou sentado. Mas na ausência de peso a quantidade e a distribuição dos fluidos corporais se alteram quando ficam livres do efeito gravitacional. Ora, se os líquidos se acumulam no alto do corpo ativam os mecanismos contra a hipervolemia. Então sobrevém a perda de água corporal. Porém, a seguir, ocorre moderada adaptação fisiológica, como se verifica no mergulho ou no leito. A aurícula direita, inervada pelo vago, se dilata e responde como se fosse uma grande massa de líquidos. A resposta neuroendócrina é a maior diurese e a baixa no volume plasmático. Aos poucos ocorre uma lenta adaptação fisiológica no espaço vazio, que se complementa no voo de volta para o ambiente da gravidade terrestre. Contudo existem distúrbios, eventuais ou não, decorrentes da atividade extraveicular (EVA) espacial: arritmias, frequência cardíaca alterada, lipotímias, náuseas, vômitos, tonturas. São sintomas passageiros. Existem medidas para minorar ou anular os sintomas e sinais resultantes da microgravitação: LBNP (pressão negativa das partes baixas do corpo); ingestão de 1 litro de soro fisiológico logo antes do regresso para a Terra; exercícios durante o voo espacial; balonete de pressão nas coxas para a redistribuição da massa sanguínea. Efeitos no Esqueleto: A ausência de peso produz alterações no metabolismo do cálcio oriundas de modificações físicas no osso. Por exemplo, os espaços intervertebrais se alargam, pois a sobrecarga por compressão dos discos entre as vértebras desaparece (fig. 124). O indivíduo fica mais alto. Ocorrerá uma descalcificação progressiva de alguns ossos e um quadro de osteoporose aparece, mais cedo ou mais tarde, o que é comprovado pela densitometria. A calcemia resultante diminui pelo aumento da excreção cálcica pela urina. Tudo isto acontece porque o esqueleto fica em repouso na ausência de peso. Ocorrerão alterações

metabólicas do cálcio e de hormônios, conforme a duração da microgravitação. A fragilidade do esqueleto pode ficar muito séria após o término de uma longa missão. Até fraturas espontâneas poderão acontecer após o regresso para a Terra. Nesse caso o tempo de recuperação será equivalente ao período de permanência no espaço. As medidas preventivas são as seguintes: Dieta rica em cálcio, exercícios físicos, manobras de tração e pressão do esqueleto (bicicleta ergométrica e extensores). Medicamentos: bifosfatos por via oral, hormônios. Todavia, ainda resta muito tempo para se resolver o problema da osteoporose do astronauta.

Efeitos nos Músculos: Estudos antropométricos revelam que na microgravitação acontece uma redução de volume muscular nos membros inferiores e o aparecimento de pernas finas (ver fig. 123). Este fenômeno, como foi referido, resulta do movimento de volume sanguíneo e intersticial no sistema cardiovascular. A ressonância magnética revela atrofia muscular. A força muscular diminui em 20% nas pernas e muito menos nos braços, de modo que mover objetos requer pouco esforço no espaço. Logo, a tendência é a atrofia. Eletromiografias comprovam as alterações na fisiologia muscular, que são consequências de mudanças estruturais. A degradação da proteína muscular está aumentada. Essas mudanças estruturais com as consequências metabólicas nada mais são do que adaptação ao novo ambiente espacial. Os programas de exercícios de astronautas em parte impedem um maior conhecimento sobre a patologia muscular na microgravitação. As medidas paliativas dos exercícios musculares não são totalmente satisfatórias. Por exemplo, se a permanência no espaço é muito prolongada os músculos extensores das pernas terão sua força reduzida a 50%. São necessárias mais pesquisas para se obter drogas que previnam os resultados negativos da microgravitação no sistema neuromuscular.

Efeitos no Aparelho Vestibular: Na microgravitação os filetes nervosos dos glúteos e da sola dos pés não são estimulados quando a pessoa fica de pé ou sentada, pois ela está flutuando. Os receptores dos tendões também não são

estimulados. Igualmente no ouvido a atividade vestibular está alterada. Essas alterações repercutem no cérebro que recebe as informações com erro. Os sintomas mais importantes são: ilusões (a impressão que o ambiente roda em torno do astronauta parado), sensação do movimento de um objeto, postura inclinada no chão da nave e doença do enjôo (náusea, vômito, cefaleia). Apesar dos testes de admissão para a astronáutica, o aparecimento do efeito vestibular no astronauta é imprevisível, cuja incidência é de 50%. Tratamento: escopolamina; cloridrato de prometazina (oral, supositório ou intramuscular). Efeitos no Sangue e Sistema Imunitário: Uma alteração relevante nos sistemas hematológicos e imunológicos é a transformação das hemácias na microgravitação. Sua conformação ovoide torna-se esférica, com tendência à reversão após as missões espaciais. O resultado é uma discreta anemia pela redução da hematimetria em 15%. A atividade dos linfócitos, principalmente os linfócitos T, torna-se reduzida no combate aos microorganismos, o que excepcionalmente constitui problema. Fato interessante é que surgem casos sérios de evidente infecção no astronauta, mas a infecção desaparece rapidamente na volta para a Terra. As infecções dos astronautas nos voos espaciais são em geral de pele, do ouvido ou urinária. Talvez seja uma infecção latente trazida da Terra que se desenvolve na presença da microgravidade. A redução de secreção de interferon observada nos astronautas sugere uma resposta imunitária alterada na microgravitação. Efeitos na Respiração: O volume pulmonar corrente (“tidal”) e a capacidade vital diminuem 10%, mas ao cabo de 1 semana aumenta a capacidade funcional do pulmão, ou seja, a quantidade de gases que passam pelos alvéolos por minuto. Pensou-se que o volume de líquidos que passa nas partes superiores do corpo podem causar edema pulmonar. Esta hipótese já foi descartada. Estes são as mais recentes informações sobre os efeitos da microgravitação no corpo humano. Sobre o resto do corpo são insignificantes quaisquer outras alterações. Nada de importante ocorre quanto ao aparelho digestivo e sobre o sono,

por exemplo. Quanto à visão existe mesmo uma maior acuidade; o astronauta em um passeio extraveicular chega a ver a 80 km de altitude enxergando estradas, luzes enfileiradas, navios e seus rastros. Enfim, felizmente os centros nervosos humanos promovem razoável adaptação ao novo meio ambiente. Efeitos da Radiação: A radiação espacial está constituída de raios solares e das galáxias pelas explosões de estrelas que podem afetar levemente ou seriamente o homem no espaço, de acordo com a dose de radiação e o tipo de partículas. A dose no espaço é de 20 a 100 vezes maior do que na Terra. Mesmo assim o risco pode ser considerado irrelevante conforme o local da nave, o grau (ions leves, ou muito pesados – o chamado HZE) e o tempo (viagens curtas ou longas) de radiação. Apenas a órbita terrestre baixa é o local onde o risco é insignificante. O Sol emite 3 tipos de raios: 1- luminoso; ultravioleta e infravermelho; 2- vento solar (raios X, raios gama e outros); 3- raios mortíferos de 4 em 4 anos, durante 1 a 2 dias, chamados “flare”. Graças à atmosfera e à magnetosfera a proteção da Terra é segura, mas não total. A radiação pesada (HZE) e os episódios de “flare” é que são preocupantes para o cientista e o astronauta, pois o impacto desses raios é considerável e penetrante. A catarata pode ser uma complicação médica. As medidas protetoras se baseiam na programação e na devida ocasião da viagem espacial. A nave e o astronauta devem utilizar escudos apropriados. Monitores devem dosar o grau de radiação. As paredes da nave devem ter a espessura e a qualidade certa para a proteção.

- II. PALAVRAS DO ASTRONAUTA Joseph Kerwin sobre a viagem à Lua: *“Este é um artefato histórico futuro para o povo do século XXV que ao olhar para o passado vão dizer, com aquela ciência grosseira do século XX, como eles conseguiram ir à Lua ?”*
- III. Imigração de cientistas: Após a IIª Grande Guerra, em junho de 1945, o governo americano ordenou a transferência para os EUA de von Braun e de todo o grupo de especialistas alemães

de foguetes. Essa transferência denominou-se “Operação Clipe de Papel”. Havia um grande número de alemães colocados em alojamentos do exército americano na Europa. A referida operação consistia no registro e seleção de alemães destinados a emigrar para os EUA, identificados por cliques de papel em seus documentos.

- IV. Os programas Mercury e Gemini: Os programas para a conquista da Lua não começaram após a fala de Kennedy sobre o projeto de levar o homem à Lua. Estavam em jogo as consequências negativas para os Estados Unidos resultantes dos voos do Sputnik e do Vostok I com o cosmonauta Gagarin. A viagem à Lua era um projeto antigo do Arsenal Redstone, no Alabama, sob a direção de von Braun, que não se sentia satisfeito com os obstáculos que sofria. As pesquisas de um grande foguete estavam emperradas... O governo estadunidense acordou e apressou o planejamento dos projetos e programas. Já existia desde 1958 o programa Mercury para explorar os voos orbitais, uma época após o voo do Sputnik. O programa de mísseis balísticos continuava na área militar (ver cap. I).
- V. A decisão de von Braun sobre baldeação e troca de nave em órbita lunar (LOR): – “A existência de 2 veículos separados é imprescindível, o de pouso e o de volta da Lua. São 2 funções de simples execução, com uma economia substancial de tempo, de facilidades técnicas e financeiras”. Não só o Centro Marshall, como também o grupo do Centro Espacial Tripulado, recebera com ceticismo a proposta de Houbolt, porém, o estudo apurado e o tempo proporcionaram a adoção do método LOR. Assim os dois grandes centros da NASA abraçaram a terceira fonte, o Centro Langley... O diretor administrador da NASA James E. Webb, em carta ao presidente Kennedy explicou a razão da NASA pela seleção do LOR. O modo de desembarque dos astronautas na Lua como o mais simples possível era um dos numerosos argumentos favoráveis aos trabalhos na órbita da Lua.

VI. Uma pequena cronologia antes do voo da Apolo 11 para a Lua:

1958	Decreto da criação da NASA (julho) Início do programa Mercury (outubro)	1963	O último voo do programa Mercury
1959	Seleção de astronautas (abril); Programa Saturno aprovado (dezembro)	1964	1º voo da espaçonave (boilerplate) com o Saturno I (maio)
1960	Aprovação do programa Apollo (julho)	1965	1º voo orbital com 2 astronautas no Gemini III (março); 1ª ação extraveicular no voo Gemini IV (junho); 1º rendezvous no voo do Gemini VII (dezembro)
1961	Voo suborbital com A. Shepard e discurso de Kennedy (maio); Criação do Grupo de Tarefas e o Centro de Naves Tripuladas (novembro)	1966	1º voo do Saturno IB com nave Apollo (fevereiro); 1º engate de nave com o Gemini VIII (março); 1º voo em órbita da Lua (agosto)
1962	Voo do astronauta John Glenn (1º voo orbital dos EUA) (fevereiro); Seleção do rendezvous lunar para as missões do programa Apollo (julho)	1967	Incêndio do Apollo 1 (janeiro); 1º voo de sucesso do Saturno V na missão Apollo 4.

VII. As etapas finais do programa Apolo: 1º - Construção final do foguete para a partida da Terra, o Saturno V. 2º - A adoção do rendezvous lunar com os veículos apropriados, os módulos de serviço, de comando e o lunar.

- VIII. O gigante veículo espacial SATURNO-APOLO: A nave Apollo com seus 3 módulos e o foguete Saturno V juntos mediam em altura 110,6 metros, veículo espacial mais alto do que a Estátua da Liberdade dos EUA em 18 metros e cerca de 3 vezes mais alto do que o Cristo Redentor do Morro do Corcovado do Rio de Janeiro (fig. 51). Esse gigante, com a largura de 10 metros, continha 5.625.000 de libras de combustível. Compunha-se de 3 estágios.
- IX. Os cientistas espaciais: O inventor da bazuca, o engenheiro do exército americano Edward G. Uhl, que participou intensamente da vida de von Braun nos EUA, disse...: “ Quando vencemos a Segunda Grande Guerra não ganhamos qualquer território, não ganhamos navios, nem fábricas, nem ouro, nem espólios. Nós ganhamos um trunfo importante. Nós ganhamos um grupo de 117 engenheiros e cientistas profissionais liderados por von Braun. E esse grupo tornou os EUA o líder espacial no mundo”.
- X. Sobre von Braun: Sua vida nos EUA se caracterizou pelas ações e desenvolvimento dos mísseis, dos satélites Explorer, dos foguetes Redstone, Jupiter, Junos e da família Saturno; dos programas Mercury, Gemini e Apollo; da estação espacial Skylab; e pelas contribuições sobre os ônibus espaciais. Após uma vida fecunda de 65 anos von Braun morreu de um câncer no Hopkins Hospital de Boston. O seu amigo eng. Edward Uhl o visitou pela última vez trazendo um presente do presidente dos EUA. Uhl viu surpreso aquele homem robusto agora parecendo um esqueleto, somente com a pele cobrindo os seus ossos, e disse: “*Wernher, o presidente Gerald Ford premiou-o com a Medalha Nacional da Ciência, e como você sabe, esta é a maior das honras em nosso país que se pode conceder a um cientista*”. Von Braun com lágrimas nos olhos virou-se para Maria, a sua esposa, e disse: “*Não é este um grande país? Vim para cá com tudo o que possuía numa caixa de papelão, como um antigo inimigo, não cidadão, e nos deram todas as oportunidades de cidadania. Este país me tratou tão bem e*

agora o presidente está me oferecendo esta alta honra". Uhl estava convencido de que von Braun nunca considerou o foguete uma arma, mas um meio de alcançar e explorar o espaço. O presidente Jimmy Carter distribuiu uma declaração louvando o cientista que partiu como "um homem de visão intrépida. Para milhões de americanos o nome de Wernher von Braun esteve inextricavelmente ligado a nossa exploração do espaço e à aplicação criadora da tecnologia. Não apenas o povo de nossa nação, mas todos os povos do mundo tiveram proveito do seu trabalho. Nós continuaremos a tirar o proveito do seu exemplo".

- XI. A volta da Lua com os astronautas Armstrong, Aldrin e Collins: No oceano Pacífico, a sudeste do Hawaí, militares, técnicos, engenheiros, médicos, jornalistas e convidados famosos a bordo do porta-aviões USS Hornet olhavam o céu na alvorada e viram de repente uma faísca avermelhada entre as nuvens. Era a Apollo 11 ressurgindo dos céus. Viram os três paraquedas amarelo e branco. A cápsula com os "descobridores" da Lua caía no oceano (fig. 110).



Neurônios Espelho

Acadêmico

Salustiano Gomes Lins

Palestra Proferida na Academia Pernambucana de Medicina

Recife, 30 de maio de 2012



Durante muito tempo os neurocientistas questionavam como percebemos quase de imediato e automaticamente, os pensamentos, sentimentos, intenções das outras pessoas e porque reagimos tão espontaneamente às ações dos outros. A resposta a estas questões teve início em meados da década de 90, quando neurocientistas italianos fizeram por acaso, uma descoberta importante que denominaram “NEURONIOS ESPELHO”. Este tipo de células nervosas localizadas no córtex pré-frontal, é ativado não apenas quando um animal executa uma ação, mas também quando observa a mesma ação ser executada por outro, de preferência da mesma espécie.

Os neurônios são ativados quando uma determinada ação é realizada, mas também quando assistimos alguém executando uma ação qualquer. Esta descoberta sugere que nós fazemos mentalmente o que assistimos alguém fazer. Quando você me vê executando uma ação, automaticamente esta ação é replicada no seu cérebro.

A imitação é um mecanismo clássico para o aprendizado. Pode ser observada nos primeiros meses de vida, atingindo o máximo desenvolvimento aos 12 anos.

Pesquisas recentes em psicologia do desenvolvimento sugerem que a capacidade da criança de imitar os outros está na origem da teoria da mente e outras realizações sócio-cognitivas como a possibilidade de presumir o que vai acontecer e a empatia. De acordo com Meltzoff, a compreensão inata da criança de que os outros são como ela, lhe permite reconhecer a equivalência entre os estados físicos e mentais aparentes nos outros e os sentidos pela própria criança.

Todos nós fazemos constantemente inferências sobre o que se passa na cabeça das outras pessoas, embora normalmente façamos isso de forma inconsciente. Os cientistas cognitivos chamam esta habilidade Teoria da mente e até recentemente pouco se sabia sobre os mecanismos cerebrais por traz dessa habilidade. Nós usamos um modelo abstrato tal como acreditamos como a mente do outro funciona para

presumir o que ele está sentindo mesmo que a pessoa que julga nunca tenha passado pela mesma experiência.

Os neurônios espelho explicam como as crianças podem aprender, porque as pessoas gostam de esportes, danças, música e arte, bem como de assistir filmes de violência e pornografia.

Em 1994, pesquisadores da Universidade de Pádua na Itália, estavam trabalhando com macacos nos quais eram inseridos eletrodos em neurônios da área F5 no córtex pré-frontal, para estudar os neurônios especializados no controle dos movimentos das mãos.

Certo dia, quando um dos cientistas pegou uma uva passa, alguns neurônios da área F5 do macaco foram ativados como se o próprio animal estivesse pegando o alimento.

Depois de replicar o experimento várias vezes, perceberam que haviam descoberto algo novo ao qual deram o nome de Neurônios Espelho. Desde então a equipe de Parma vem publicando uma série de pesquisas em colaboração com Michel Arbid da Universidade de Groning, na Holanda, expandindo a nova descoberta de forma significativa. Foi constatado que neurônios espelho são encontrados em outros animais além do macaco, como por exemplo, golfinhos, elefantes, cães, certas aves como papagaio e no homem.

Em trabalho publicado na revista Science foi divulgado que pesquisadores estudando um grupo de macacos treinados para pegar uma fruta sobre a mesa e comê-la, ou depositar num copo, concluíram que os neurônios ativados não eram os da área F5, mas de uma região do lobo parietal posterior. Foi verificado também que 75% deles eram ativados mais intensamente quando a intenção dos macacos era comer a fruta e 25% exibiam uma ativação mais forte, quando a intenção era depositá-la no copo.

Na espécie humana os neurônios espelho são mais desenvolvidos e numerosos, sendo estimados em 5% dos 100 bilhões de neurônios existentes no cérebro. Este tipo de células nervosas é encontrado não

apenas na área F5 que corresponde à área de Broca, relacionada intimamente com o aprendizado da linguagem falada, porém se distribuindo em outras áreas cerebrais envolvidas na identificação de movimentos realizados por outras pessoas, bem como imitação, intenções e emoções.

Alguns neurocientistas acreditam que este sistema neural tem implicações nas funções cognitivas superiores. É através dele que se torna possível compreender não apenas as intenções e ações de outras pessoas, mas também compartilhar seus sentimentos, fornecendo uma base biológica para a empatia. Este sistema é involuntário e automático.

Os neurônios espelho são ativados não apenas quando uma determinada ação é realizada, mas também quando assistimos alguém realizando uma ação qualquer. Esta descoberta sugere que nós fazemos mentalmente tudo o que assistimos alguém fazer.

No homem, sistemas de neurônios espelho vêm sendo estudados através de imagens da Ressonância Magnética funcional, da Tomografia Computadorizada por Emissão de Póstron (PET SCAN) e de registros da atividade elétrica e magnética do cérebro. A análise das imagens da RMF demonstram que quando uma pessoa sente nojo ou quando vê outra pessoa tendo o mesmo sentimento, os neurônios da região anterior da ínsula são ativados conjuntamente com os do córtex cingular. Estes mesmos neurônios disparam quando uma pessoa experimenta sentimento de desgosto, medo, dor, e também de felicidade. Através deles podemos explicar como as crianças aprendem a imitar expressões faciais dos adultos, e ainda por que o ritmo musical mexe conosco emocional ou fisicamente. Parsons e Fox (1998) analisando imagens de PET-SCAN de voluntários numa tarefa de discriminação da lateralidade manual propuseram que o sistema espelho esteja envolvido com a discriminação da lateralidade da figura da mão, detectando a postura e a lateralidade automaticamente, para haver depois o movimento implícito da própria mão do sujeito em

direção à figura para comparar as formas e assim julgar (conscientemente) a lateralidade da figura. Os neurônios espelho desempenham uma função crucial para o comportamento humano. Eles são ativados quando alguém observa uma ação de outra pessoa.

Esse espelhamento não depende obrigatoriamente da nossa memória. Se alguém faz um movimento corporal complexo, que nunca tenha realizado antes, os neurônios espelho identificam no sistema corporal os mecanismos proprioceptivos e musculares correspondentes e tendemos a imitar, inconscientemente, aquilo que observamos, ouvimos ou percebemos de alguma forma.

Crianças com o diagnóstico de autismo têm problemas de interação social, comunicação verbal e não verbal, identificação de situação de perigo, imitação e empatia. Recentes investigações apontam para uma disfunção no sistema de neurônios espelho dos autistas, tendo consequências no desenvolvimento destas crianças. Os circuitos cerebrais que nos permitem compreender as ações dos outros parecem estar alterados na pessoa com este tipo de perturbação. O fato dos indivíduos com o diagnóstico de autismo terem grandes dificuldades em “ler a mente” dos outros e estabelecer relações de empatia pode estar associado a alterações no funcionamento dos neurônios. Daí a dificuldade destas crianças em compreender e responder adequadamente aos outros. Aprendemos por modelação. Deste modo, uma disfunção no mecanismo que é responsável pela imitação, irá comprometer a capacidade de aprender.

Pesquisas com a utilização da eletroencefalografia demonstram alteração no sistema de neurônios espelho. A análise de gravações do EEG da área onde se registra o ritmo MU, cujo bloqueio ao flexionar os dedos da mão, é necessário para a sua caracterização, demonstra que o bloqueio é menos evidente em crianças autistas. Segundo Rachamandram os neurônios do sistema espelho de crianças portadoras de transtornos do espectro autista eram funcionantes, porem menos sensíveis à reatividade do que em crianças normais.

Baseados na descoberta dos neurônios espelho e da plasticidade neural, vem sendo desenvolvidas novas formas de tratamento, como a terapia de utilização de um espelho que vem sendo usada na recuperação de sequelas de AVC. Esta técnica consiste no paciente movimentar o segmento não paralisado diante de um espelho, de modo que as imagens refletidas são percebidas pelo paciente como sendo do membro paralisado, movimentando-se simultaneamente com o segmento não paralisado. Esta técnica requer a ajuda e orientação de um fisioterapeuta especializado.

Para finalizar, na visão de Rachamandram os neurônios espelho podem esclarecer não apenas como aprendemos as coisas e entendemos os outros, mas como os seres humanos deram um grande salto à frente, cerca de 150.000 mil anos atrás quando adquiriram novas habilidades em organização social, uso de ferramentas e linguagem, tornando possível a cultura humana.





O Médico Cientista Bezerra Coutinho
e o Arquiteto Le Corbusier

Professora

Selma Vasconcelos

Palestra proferida na Academia Pernambucana de Medicina

Recife, 25 de julho de 2012



O CIENTISTA, O ARQUITETO E O POETA



Iniciamos este artigo com a proposição do grande poeta e pintor inglês, William Blake: “o aprimoramento acerta os caminhos, mas as sendas rudes e tortuosas são as do gênio”.

Esta formulação cabe, á medida, para definir o nosso cientista Aluizio Bezerra Coutinho.

Tentando dissecar de forma modesta a assertiva de Blake, podemos dizer que a cosmo visão do gênio aponta-lhe e o impulsiona para os múltiplos caminhos em direção ao entendimento do mundo. Por isso dada a premissa do espírito vultoso do mestre Bezerra, compreende-se o aprimoramento de seu gênio buscado durante toda sua vida. Esta atitude garantiu-lhe o enveredar pelas múltiplas facetas do conhecimento, não só científico, como também artístico, permitindo-lhe formular suas sábias opiniões desde a medicina (sua formação básica) filosofia, ética, arquitetura, geofísica, indo até às artes como literatura, pintura e cinema.

No entanto, todo esse enredo antevê o olhar do cientista como antropocêntrico, o que lhe confere o atributo de humanista por excelência.

Esta a grande diferença entre os homens de ciência, particularmente após o advento da era industrial e principalmente na pós-modernidade, caracterizada pelos avanços tecnológicos que trazem na esteira de seus supostos benefícios, um perigo eminente de desconhecimento do humano com risco até de descaracterização do homem como espécie.

Numa atitude própria dos humanistas e filósofos, a cada avanço de seu conhecimento científico associava-lhe a reflexão filosófica de “escavação” dos fundamentos da ciência. Testemunho disto é a publicação em 1989 de “A filosofia da ciência na Escola do Recife” Na

contramão do tecnicismo Bezerra Coutinho aliava o todo seu cabedal de cientista médico e biólogo, o pano de fundo das humanidades, das reflexões filosóficas, éticas e bioéticas e em torno da ciência.

Vamos iniciar situando-o como homem adiante do seu tempo, no exercício de educador. Graduou-se em medicina no Rio de Janeiro e quarenta anos depois faz sua oração de paraninfo aos médicos de 1970, impregnada de modéstia, ao citar o seu próprio paraninfo, o professor Pacheco Leão dizendo: “poderia eu desejar de que as palavras que vos dirijo agora pudessem ter uma sombra, um vestígio ao menos, da sabedoria e da elevação das que ele transmitiu”.

Alerta em contraparte aos novos médicos que a natureza da medicina permanece como ideal e arte desde as civilizações primevas passando pela antiguidade clássica com Hipócrates e chegando aos nossos dias. Percussor no seu pensamento chama a atenção dos formandos: “se atualmente os praticantes da ciência médica contam com a ajuda que não poderia ser sonhada na antiguidade, este desenvolvimento produziu apenas uma **substituição de dificuldades**”.

Estendia-se em aconselhamentos diante dos perigos da especialização, e mais ainda, diante da “robotização da medicina” que entende o paciente como objeto quando deveria ser visto como pessoa. Nesta afirmação, denunciava todo o seu conceito holístico do homem, não só funcionalidade, mas personalidade e suas implicações no estado de saúde e na doença. Chamava a atenção da assembleia de novos médicos para as implicações político-sociais de acesso ao bem da saúde e convocava-os para soldados em prol da causa dos menos favorecidos.

Vale, mais uma vez, realçar a essência humanística de seu ensinamento. O mestre, apesar de profundo conhecedor das filigranas da ciência biofísica e fisiológica fundou o seu discurso na “aula de despedida”, no aspecto humano e social da ciência médica tão pouco relevantes para muitos, principalmente, entre os cientistas considerados de primeira grandeza, muito mais preocupados mais com os avanços da máquina sobre o homem e a despeito dele.

Para exemplificar, lembrava aos alunos que o cientista do porte de Einstein chegou a afirmar que se lhe fosse dada outra oportunidade de voltar a viver, gostaria de ser um obreiro comum e não um cientista, para não sofrer o desespero de testemunhar suas contribuições ao conhecimento voltarem-se contra a humanidade.

Profundo conhecedor da biologia celular, em seu livro *“A natureza da vida”* discutia brilhantemente as diversas concepções da origem da vida, desde as teorias do continuísmo hilozoista, passando pelos criacionistas, distinguindo, entre estes, os retrógrados, denominados pelo mestre com “bibliólatras”, daqueles dos movimentos deístas mais liberais, que admitem, contudo, a criação inteligente da vida.

Distingue assim duas categorias de “modelo explanatório” para o fenômeno da origem da vida. Entre os hilozoistas agnósticos cita Darwin e Haeckel e Lê Dantec passando pelos hilozistas deístas, crentes no plano divino do Universo, aos vitalistas “quase agnósticos” como Driesch e Bérqson, até Schroedinger e os de inspiração mística como Teilhard de Chardin. Apesar de discordar deles, nosso mestre faz uma consideração amenizadora, dizendo-os brilhantíssimos quando não tocados pela especulação espinosista ou pelos misticismos de inspiração cósmica oriental. Considera que, pelo menos “depositam esperanças de que a vida seja uma função de complicação molecular suficientemente elevada, envolvendo combinações capituladas da química inorgânica, a química dos compostos de carbono, emanado do caos material necessariamente todas e tantas vezes quantas conjunções favoráveis surjam.

O segundo “modelo explanatório” da origem da vida, a do pensamento casualista que admite a descontinuidade, a não necessidade, de um conceito de evolução direta “não carecida para o entendimento dos estágios – evolução mineral, evolução prebiótica e o advento da vida.

O mestre discorre entre esses dois modelos usando toda a sua bagagem de conhecimento bio-físico-químico e lógico de maneira magistral.

Nessa brilhante discussão aponta para a contribuição de Von Neumann, o matemático, tido como o pai do computador. Neumann apresentou, em 1948, durante colóquio no Califórnia Institute of Technology, a sua teoria dos autômatos autoreprodutores e insere aí a noção de complexidade. Dizia o cientista que nos sistemas complexos, ao contrário do que preconizavam os cibernéticos, só tem sentido a tentativa auto-reprodutora ascendente, ou seja, geradora de mais complexidade (bottom-up) e por isso preconizava: “o construtor de autômatos estaria tão desarmado diante de sua criação quanto o cientista, diante de fenômenos naturais complexos”.

Note-se a correspondência de ideias de Von Neumann referido por Bezerra Coutinho com a especulação filosófica de Hannah Arendt em seu livro *Condição Humana*, diante do conflito que a tecnologia nos coloca: “enquanto os poderes humanos aumentam sob o estímulo do progresso tecnológico, somos cada vez menos senhores das consequências de nossas ações(!)

O mestre mostra-se um entusiasta do modelo autômato autoreprodutor do Neumann afirma; “Se quiser formular um critério ao abrigo de objeções claramente ineptas, mas que frequentemente são feitas, pode-se dizer que os seres vivos são estruturas construídas de matéria orgânica que se comportam como sistemas abertos, dissipatórios, e satisfazem o tipo de complexidade dos autômatos autoreprodutores de Von Neumann”. Conclui enfático: Uma só propriedade caracteriza a vida. É a autorreprodução!

A leitura do livro *A natureza da vida* é uma verdadeiro manancial de cientificidade, com caráter transdisciplinar em que o autor lança mão de seu infinito acervo pessoal nas diversas áreas do conhecimento trazendo páginas, não só de cientificismo, mas de literalidade da melhor gema. É um livro atemporal, de fundamentos para a discussão da origem da vida. Ressalte-se que os estudiosos da nanotecnologia, a disciplina que estuda novos materiais, “átomo por átomo”, consideram a

conferência de Von Neumann, referida por Bezerra Coutinho, como um dos momentos fundadores deste novo campo da ciência.

Na sua produção intelectual de Bezerra Coutinho destacam-se seus estudos sobre a Schistosomiase Mansonica, *Genética e Evolução* (dois volumes). *A filosofia da ciência na Escola do Recife* (1989).

Uma característica comum aos homens de visão é o interesse pelo mundo das artes. Neste particular, Bezerra Coutinho não fugia à regra. Homem de vanguarda, estava no Rio de Janeiro nos fins da década de 20, quando fazia sua graduação médica. Assistiu a eclosão do movimento modernista brasileiro, tendo convivido com os arautos do movimento, na literatura, e nas artes em geral como os irmãos, Mário e Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e outros. Associou-se ao Clube Charles Chaplin que congregava, segundo ele, em entrevista a Geraldo Gomes da Silva (UFRPE), literatos, críticos de arte, historiadores e cinéfilos. Na sua fase de cinéfilo publica no jornal o Fan, nº5 de julho de 1929, o artigo *Em demanda do cinema brasileiro ou vendo o barro humano nos estúdios da Benedetti filmes*.

O Rio de Janeiro, então capital do país, atraía artistas e intelectuais. Era lá que estavam a Academia Imperial de Belas Artes e a Academia Brasileira de Letras criada em 1899. Por outro lado, a cidade de São Paulo com sua pujança econômica e seu cosmopolitismo, era um terreno fértil para o abrigo dos ideários das vanguardas artísticas europeias.

Os paulistas, estimulados pela riqueza gerada pelo ciclo do café, efervescem culturalmente nos salões modernistas dos mecenas Penteado, Paulo Prado e tantos outros.

Nas artes, a conexão euro-brasileira era feita por nomes que circulavam no velho continente como Anita Malfati, Tarsila do Amaral, Cícero Dias, Sergio Milliet, Segall.

A busca de uma identidade nacional era a característica comum entre os artistas.

Na literatura, marcos desta ruptura com o arcadismo parnasiano-simbolista foram os Manifestos Pau-Brasil (1924) e o Antropofágico (1928).

Na arquitetura, o grupo paulistano iniciava a redescoberta da arquitetura colonial, da arte popular baseada em estudos sobre o folclore. Mário de Andrade realizava suas incursões país adentro em busca de nossa cultura autóctone.

No Rio de Janeiro, buscava-se também a modernidade e a valorização do nacional. O salão moderno de 1931 organizado por Lucio Costa, a edificação do prédio do Ministério da Educação, são exemplos da transposição cultural entre o eixo Rio São Paulo

A tudo isto assistia o nosso, então jovem, cientista que não se deixou passar ao largo destas inquietações, exacerbadas, sem dúvida, pelo convívio com a elite da intelectualidade carioca.

A revolução na arquitetura eclodiu na Europa, graças ao surgimento de grandes estruturas industriais, portuárias e de transporte como fábricas, pontes, grandes aviões e navios, o automóvel.

A arquitetura teve que atender á estas novas necessidades. O nome do franco-suíço Charles-Édouard Jeanneret, que se fez conhecido internacionalmente como Le Corbusier despontou como um dos mais respeitáveis, em meio a polemicas que suas ideias vanguardistas suscitavam.

Autodidata, definia-se como *homme-des-lettres*; foi pintor, escultor, desenhista brilhante e urbanista. Em 1940 foi reconhecido pelo governo francês como único profissional da arquitetura sem diploma.

A sua visão moderna para a arquitetura privilegiava a liberdade do edifício diante do espaço, nova concepção de janelas que deveriam ter a possibilidade de se abrir inteiramente para a luz e ocupando toda a fachada, o *pilotis*, pavimento térreo vazado permitindo a interposição entre o verde e a estrutura de cimento, bem como maior ventilação, hierarquização funcional dos espaços interiores. O terraço

como cobertura, o teto-jardim. Concepções totalmente revolucionárias para o que vinha sendo concebido até então.

Le Corbusier visitou o Brasil por três vezes. A primeira viagem foi em 1929, tendo feito duas conferencias no Rio de Janeiro e duas em São Paulo. Podemos inferir que o nosso Bezerra Coutinho tenha se feito presente (!). Na década de trinta, retornou ao nosso país a bordo do dirigível Hindenbourg, que fez uma escala em Recife. Veio desta vez, a convite do Ministro Gustavo Capanema. Foi consultor do projeto do edifício onde funcionaria o futuro ministério da Educação e Cultura – MEC, hoje palácio Gustavo Capanema. O grupo de arquitetos brasileiros responsáveis pelos projetos incluía entre outros nomes, o do jovem Oscar Niemayer, futuro urbanista responsável pelo plano de Brasília.

Le Corbusier, voltado para a racionalidade de seus princípios e funcionalidade das estruturas concebeu um frase que entraria no dicionário das artes de vanguarda de tendência racionalista: "Une maison est une machine a habiter (uma casa é uma máquina de morar). Este princípio atendia à ideia de uma casa feita por máquinas, utilizando matérias oriundos da industrialização, sem se destituir da beleza das linhas retilíneas, abundantes em claridade e salubridade. É também sua, a definição de arquitetura como "um jogo sábio, correto e magnífico das formas reunidas sob a luz"

O *homme-des-lettres*, Le Corbusier, foi autor de inúmeros projetos avançados e inovadores desde residências a conjuntos residenciais. A concepção da casa com três funções básicas: morar, trabalhar e recrear representam os pilares desta nova proposta urbanística. Não nos vamos adiantar nestas ideias porque fogem ao interesse central deste artigo. No entanto, recomendamos aos leitores conhecê-los.

Como não deduzir a certa identificação de preocupações e ideias, entre a tese de conclusão de curso do nosso mestre Bezerra Coutinho e a arquitetura moderna preconizadas por Le Corbusier a partir da contemporaneidade, do boom da industrialização (também iniciado

em nosso país), da convivência com a intelectualidade carioca modernista, da acurada observação ao que ocorria em todo mundo, no campo das artes, da arquitetura, e sua preocupação com as necessidades do homem.

A questão climática sempre foi alvo de interesse entre os estudiosos da saúde humana. A partir da concepção de Hipócrates que atribuía relação entre as alterações de clima, mudanças bruscas de estações, de um lado, e os vários temperamentos e qualidades fisiológicas do homem.

Questões preconceituosas a respeito das raças dos trópicos, consideradas inferiores, faziam face com as preocupações do avanço da colonização destes territórios, como forma de garantir o domínio europeu. Com relação a estes últimos, a aclimação era sentida como uma necessidade “para aliviar a inserção humana” em latitudes julgadas críticas pelo ideário civilizador do velho mundo. Janelas e portas, no final do século dezenove, eram tidas como fontes de doença, vetores de insalubridades, portadores de miasmas.

A investigação da causa das epidemias, partindo das teorias dos miasmas chega à questão maior, ambiental, a partir da medicina de base científica, das investigações de Pasteur e com surgimento da microbiologia como ciência.

Toda esta discussão teve reflexos, sem dúvida, na engenharia sanitária e arquitetura exemplificadas pelos códigos de engenharia que valorizavam a altura do pé-direito das casas como forma de renovar o “ar viciado”.

No Brasil, no início do século XX já alguns engenheiros preocupavam-se com a arquitetura de inspiração colonial em completa inadequação com o nosso clima a coincidir com o emergir das manifestações de nacionalismo bem caracterizadas nas artes em geral pela década de 20.

Partiu, então, o nosso mestre para colocar a disposição dos preceitos da “Arquitetura Viva” seu conhecimento da biologia e fisiologia do homem brasileiro.

A conclusão de curso não exigia tese a ser defendida. Mas a inquietação do cientista era uma exigência interior da qual não teve escapatória. A escolha do tema revela o biólogo, o médico sanitariano, o ambientalista, o sociólogo, o antropólogo o geofísico que nele existiam. Vale notar que interdisciplinaridade aplicada estava longe de ser o viés comum naquela época. A tese denominou-se: **O problema da habitação higiênica nos países quentes em face da “Arquitetura viva”**. Entregue na Secretaria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em um de Dezembro de 1930, devidamente registrada pelo secretário Dr. Eugenio de E.S. de Menezes.

Já na introdução, o autor, inspirado nas ideias de Corbusier, discorre sobre a reforma arquitetônica iniciada naquele momento histórico; sobre a valorização dos novos materiais e o novo modelo de produção em série de elementos standardizados.

Mostra-se um entusiasta das novas ideias da arquitetura racional. Mas não se descuidava da arte como propulsora do novo:

“A architectura é também assumpto de arte. A casa

além de preencher a função de moradia, deve agradar pela harmonia de suas linhas, pela proporção de seus volumes, pela unidade de seu conjunto”.

“A impressão de beleza é a synthese de todas as impressões favoráveis que o individuo percebe. Somente a justa satisfação de todas as exigências, psychicas ou physicas pode determinar semelhante estado de espírito”.

Fascinava-o na arquitetura racionalista a adaptação da casa às exigências estruturais da sociedade moderna, bem como, o encontro de soluções naturais para atendê-las.

Apontava para o “o império das tradições” que predominava nas cidades, com suas vivendas de inspiração europeia cujas únicas “adaptações” sofridas foram a supressão das lareiras e dos dispositivos de aquecimento.

Voltava-se para as soluções naturais que dizia não serem encontradas senão nos lugares distantes dos centros cultos *“É entre os aborígines, entre os que vivem longe dos centros cultos, que as formulas naturais, filhas das condições do lugar, tem maiores probabilidades de existência, principalmente porque sendo construídas, via de regra, com materiais os mais primitivos e modestos, são subtraídas à influencia de padrões estrangeiros, podendo assim realizarem espontaneamente, as formas convenientes ao seu meio”*.

A tese tem, segundo ele, a finalidade de exaltar as ideias arquitetônicas da cabana dos nativos da terra, aproveitar as suas vantagens, descartar os defeitos e juntar ao projeto as conquistas técnicas da arte de construir. Finaliza: *realizar a habitação hygiencia para os países quentes.*

É admirável como continua a exposição do problema da casa adaptada aos climas quentes com um minucioso estudo de racionalização dos materiais e aspectos arquitetônicos da casa dos nativos do campo e indígenas. Corresponde a um estudo de base antropológica que mistura-se com as fundamentos da arte de construir, sem resvalar para o puramente técnico, números equações etc.

A arquitetura moderna apresentava uma nova forma de olhar para o problema da moradia, que até o século XVII era vista não como um local que proporcionasse bem-estar, mas um local que agradasse a vista. Observe-se “a disposição em planta dos cômodos, nas formas dos móveis, mais para serem vistos do que usados, na escassez de vãos iluminantes ...”

A preocupação central de Bezerra Coutinho era associar ao plano da casa, o uso de materiais adequados ao clima que garantissem a

temperatura, a luminosidade e a salubridade para que ela pudesse proporcionar ao seu habitante o necessário conforto ambiental.

“A sensação de bem-estar, de conforto, se produz quando as qualidades do ambiente são tais que permitam a realização das funções do corpo.”

É admirável como coloca a análise das variações climáticas e seu efeito sobre as sensações experimentadas pelo homem. Mais admirável ainda é a defesa que faz da adequação da estrutura da choça à elevada temperatura dos países quentes, por permitirem uma ventilação adequada e natural, desde os materiais empregados no teto (em geral de palha, má condutora de calor), até a disposição fenestrada do frontão das choupanas.

“é evidente que numa habitação em que se completam de modo tão perfeito o isolamento termico para com o exterior e a ventilação continuada, estão realizadas as condições mais propicias para o bem estar do homem”.

O nosso mestre com seu olhar de antropólogo foi buscar na simplicidade da choupana o modelo de “realizar a casa racional” evitando, no entanto, “seus defeitos, oriundos evidentemente dos recursos precários de que pode dispor o nativo”.

É bem clara a identificação de suas ideias com a arquitetura racional de Le Corbusier a qual refere-se ao longo de sua argumentação

A obra do franco-suíço, considerada manifesto do ideário de liberdade no espaço, luz, funcionalidade, foi a Ville Savoy construída nos arredores de Paris em 1928. É a obra-modelo de sua concepção de casa como uma “máquina de morar”, expressão surpreendente e que provocou bastante polemica entre seus pares.

Um aspecto interessante é a concepção das janelas e sua funcionalidade. Nas palavras do “homme-des-lettres”:

“A janela em fita, ou *fenêtre en longueur*, também consequência da independência entre estrutura e vedações, se trata de aberturas longilíneas que cortam toda a extensão do edifício, permitindo iluminação mais uniforme e vistas panorâmicas do exterior”.

Na argumentação de Bezerra Coutinho um defeito da choupana, a ser evitado, era a conformação da janela:

“as portas e janelas são via de regra, estreitas. Por si mesmas contribuem bem pouco para a iluminação e arejamento do interior. Não acumulam funções. A janella é apenas um espiadouro, uma vigia, aberta sobre o mundo em redor. As portas são a justa passagem de um homem”.

Nas recomendações de sua tese, volta aos princípios de racionalidade preconizados por Le Corbusier:

“Uma janella, porém, não é uma simples solução de continuidade. Consiste também nos dispositivos controladores como as vidraças, persianas, etc. que regulam a maior ou menor iluminação e devem merecer um estudo detalhado até o estabelecimento de modelos definitivos, cuja produção possa ser empreendidas em série”.

No gran-finale de seu estudo o mestre volta-se para as questões sociais:

O problema da habitação é um problema de toda a humanidade... mas há desigualdades de fortuna.....mais que nunca as massas operárias precisam de moradia confortável...”

“É preciso ter na lembrança que o homem que é abrigado confortavelmente, dispõe de capacidade de trabalho muito maior... repouso não é só descanso dos músculos, é também a distração do espírito pela imediata satisfação dos sentidos e pela despreocupação das cousas materiaes”.

“Positivamente a casa “minimum” deve ser collocada fora da questão financeira de possibilidade de lucro monetário, Não é um negócio a realizar, porém um dever social a cumprir”.

O mestre Bezerra Coutinho foi também um *homme-des-lettres*. Leitor voraz, conhecia como poucos os românticos alemães, Goethe, Novalis, Augusto e Fiedrich Schegel, a filosofia de Kant e Hegel.

Escreveu em 1932 um ensaio sobre o romantismo, com o título **Romanticismo**, e com ele concorreu para o concurso da Cátedra de Literatura do Ginásio Pernambucano. Considerado um dos melhores trabalhos sobre o movimento romântico europeu e sua influencia na literatura brasileira. Muito jovem (22 anos) dedica-se a dar “uma contribuição para uma fisiognomica da história literária”.

Trabalho robusto, tem seu particular ineditismo ao dedicar-se a analisar o romantismo à luz das obras de Oswald Splenger *Decadência do ocidente e o Homem e a técnica*.

“O Romanticismo” é de leitura densa, escrito sobre a égide de uma bagagem profundamente recheada de conhecimento histórico das civilizações, história da filosofia, mesclando, inclusive, fundamentos de biologia para conceber o sentido de cultura como organismo vivo. Defende a descontinuidade dos fenômenos culturais: *“cada instante significa na vida da cultura o mesmo que na vida animal ou da planta: uma possibilidade esgotada porque realizada”.*

Analisa os estados “merovigios”, pré-culturas, como o tempo dos anseios explicativos, um continuo formar de um paradigma geral de percepção do mundo. Este estado se resolve “no seio de uma comoção profunda” que os homens traduzem em “símbolos primários” que correspondem ao retrato do universo: *“um plano de mundoporque a existência da cultura nada mais é que a realização em planos diversos, políticos, artísticos, econômicos, filosóficos, do seu conteúdo cósmico”.*

Trazia da ciência dos organismos vivos, o modelo para a cultura.

Como no mundo animal a existência de um “*protofenomeno entre as diversas formas individuais que, no caso, é o tipo; para a história o protofenomeno é a cultura. Nisto consiste a contribuição de Splenger ao mundo multiforme dos fatos históricos*”.

Esta concepção Splengeriana o nosso mestre aplica na análise das correntes literárias românticas antes e depois do século XIX.

Afirma enfaticamente a dependência dos românticos brasileiros ao romantismo europeu; Só exclui da influencia europeia os pré-românticos como Silva Alvarenga e Basílio da Gama. Desde então, incluindo o brilhante Castro Alves “*tudo é artigo de importação*. Faz um atenuante quando considera que houve uma aclimação brasileira do estilo europeu.

“Não se pode deixar de ouvir, nos poemas de um Gonçalves Dias a tonalidade, a cor de um Wordsworth; é inútil negar que a inspiração do Poema dos escravos, por mais regional que seja, está vazada em moldes hugoanos.”

Finaliza, no entanto, redimindo a todos: “*Não poderia ser de outro modo. O momento em que se vive não é objeto de escolha, tem que ser aceitado*”. Refere a cultura europeia vivenciada, ou livresca como a de Alencar, Álvares de Azevedo “saturado de Byron”, Castro Alves, “feito na influencia germantizante de Tobias”.

Faz blague com a possibilidade de São Paulo vir a tornar-se a urbe mundial da América do Sul, de onde poderá surgir “algum nome brasileiro que figurará como os romanos, depois dos gregos e depois dos alexandrinos..(!)”.

Confirmando a observação do mestre Bezerra Coutinho acerca da influência europeia nas artes brasileiras do início do século XX. Gostaríamos ainda, de fazer um paralelo do nosso mestre, com outra personalidade das letras brasileiras, também pernambucano de brilho estelar: João Cabral de Melo Neto.

Há a identificá-los a origem nordestina, pernambucana, o fato de pertencerem a mesma geração, a formação cultural livresca, como disse Bezerra Coutinho a propósito de José de Alencar, o gosto pelas arte da literatura, da pintura e da arquitetura. O fato de terem vivenciado na então capital do país (década de trinta e quarenta, o Rio de Janeiro, a eclosão do modernismo que já vinha sendo gestado desde o começo do século por trocas entre artistas brasileiros e europeus. Por ultimo, havia de identificá-los serem ambos, espíritos iluminados, de uma percepção refinada da realidade imediata, de uma análise aprofundada desta mesma realidade usando os múltiplos instrumentos do conhecimento de que dispunham. Finalmente uma identidade declarada de ambos, as ideias racionalistas de Le Corbusier.

O arquiteto de Neuchâtel, filho de pais franceses, foi uma influencia reconhecida pelo poeta pernambucano. Declarou em entrevista à revista *Veja* (28 jun. 1972): “nenhum poeta, nenhum crítico, nenhum filósofo exerceu sobre mim a influencia que teve Le Corbusier. Durante muitos anos, ele significou para mim lucidez, claridade, construtivismo. Em resumo: o domínio da inteligência sobre o instinto”. João Cabral iniciou sua obra com *Pedra de Sono*, obra reconhecida pela crítica como de influência surrealista, pelo domínio de imagens oníricas e nebulosas como o sono.

Reconsiderou sua rota literária (pela primeira vez) quando do segundo livro, o qual intitulou de *O Engenheiro*. O poeta dizia a respeito desta obra que “era pura criação do intelecto... troquei a atmosfera meio mórbida e noturna do primeiro livro por outra mais solar e clara... A inteligência desconfia da noite, do enorme banho de vago a que submete as coisas, só confia no preciso”. João Cabral considerava que a partir da leitura do livro de Le Corbusier. *Quando as catedrais eram brancas*, curou-se do surrealismo considerado como arte fúnebre pelo arquiteto: “a partir de *O Engenheiro* optei pela luz em detrimento das trevas e da morbidez”. O poeta coloca na epígrafe inicial da obra a expressão “machine à emouvoir” (máquina de emocionar) inspirada numa exclamação de Le Corbusier diante de um trabalho de artes plásticas.

O poema pensado como uma “máquina de emocionar” foi a ideia central que dirigiu o projeto poético do pernambucano. Máquina no sentido de encadeamento, concisão, lucidez, eliminação do supérfluo, racionalização da linguagem. O poema confundindo-se com seu objeto a tal ponto de precisar explicar-se repetida e continuamente.

A trajetória de Le Corbusier, no entanto, sofre mudanças radicais ao longo do tempo, deflagradas pelo conflito vivido desde a juventude entre o racionalismo imposto pela formação científica, afastado das crenças, e a substituição de Deus pela percepção da beleza, natureza, cosmo e a fé no homem. O arquiteto foi um viajante, peregrino pelo mundo, havendo visitado culturas as mais diversas. O que muito lhe impressionou foi a sacralidade contida nos símbolos dos diferentes povos e os mitos relativos á natureza. Durante uma viagem feita ao oriente, visita mosteiros e se impressiona com a “atmosfera do sagrado “de que estavam impregnados os projetos dos templos. Com o passar do tempo compreendera que “a natureza está carregada da história humana”.

O que é certo é que somando-se àquelas experiências vivenciadas pelo mundo o artista foi profundamente afetado pelo isolamento imposto pela Segunda Guerra Mundial. O fato é que no período pós-guerra admite desenvolver projetos religiosos que lhes foram oferecidos.

Estes projetos causaram muita discussão nas sociedades locais, mas foi a Capela de Notre-Dame-du-Haut, em Ronchamp a que mais controvérsia causou entre a comunidade não só de técnicos mas dos fiéis da antiga capela que havia sido bombardeada pelos alemães e que preferiam vê-la restaurada.

Ronchamp apresenta um projeto arquitetônico de formas fechadas que privilegia o sagrado, a introspecção e a celebração cósmica. Como tal, nega toda os antigos corolários do construtivismo racional como lucidez, clareza e racionalidade.

Esta ruptura provocou no nosso poeta João Cabral tamanho descontentamento que o fez compor o poema *Fábula de um arquiteto* que ele próprio considera como “a descrição de uma antiarquitetura”

*A arquitetura como construir portas,
De abrir; ou como construir o aberto;
Construir, não como ilhar e prender,
Nem construir como fechar secretos;
Construir portas abertas, em portas;
Casas exclusivamente portas e teto.*

*O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
Portas- por- onde, jamais portas-contra;
Por onde, livres: ar luz razão certa.*

*Até que, tantos livres o amedrontando,
Renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
Opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem: naquela capela-útero,
Com confortos de matriz, outra vez feto.*

A ruptura definitiva do poeta com o antigo arquiteto racionalista, que chega até aos confins da magia, não sabemos se foi acompanhada pelo mestre Bezerra Coutinho. Desconfiamos, que não, pois as bases teóricas usadas pelo mestre pernambucano para a construção da casa nos trópicos, ainda hoje permanecem atualíssimas.

Recife, Outubro de 2009.

* Selma Vasconcelos é médica sanitária; Professora da UPE; escritora. Autora do livro *João Cabral de Melo Neto- retrato falado do poeta*. CEPE. Recife, 2009

BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, Aluízio Bezerra – *Oração de paraninfo aos médicos de 1979*. Imprensa Universitária UFPE, Recife, 1970.

COUTINHO, Aluízio Bezerra – *Oração de paraninfo aos médicos de 1979* – Editora Universitária da Universidade Federal de PE- Recife, 1979.

----- . *Problema da Habitação higiênica nos países quentes em face da “Arquitetura Viva”*. Tese de doutorado. Cadeira de Higiene, UFRJ. 1930.

----- . *O Romanticismo – contribuição para uma fisiognomica da historia literaria*. Tese de Concurso para Cátedra de Literatura no Ginásio Pernambucano. Tipografia ALBA, de Moreira, Cardoso & Freitas Ltda. Rio de Janeiro, 1932.

----- *Da Natureza da vida*. Editora UFPE. Recife, 1985.

GULLAR, Ferreira. Ronchamp: o pecado de Le Corbusier

www.continenteonline.com.br/index?option.php.com_content&view=article&id. Acesso em 25/09/2009

LIRA, José Tavares correira. A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30). *Análise Social*. vol. XXIX (127), p733-753. São Paulo, 1994.

MULLER, Fábio. Ronchamp e La Tourette: machines à emouvoir.

www.continenteonline.com.br/arquitextos/arq058/arq058_01.asp. Acesso em 29/09/2009

SANTANA, Geraldo. A invenção da arquitetura moderna. www.continenteonline.com.br/index?option.php.com_content&view=article&id. Acesso em 25/09/2009

SANTOS, Paula Cristina Gaudelli do; SOUZA, Adalberto de Oliveira. As vanguardas européias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira. In: *Celicolóquio de Estudos Linguísticos e Literários*. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p789-798.

SEGAWA, Hugo. O problema da habitação higiênica nos países quentes em face da “Arquitetura Viva”. *Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo EESC- USP*. nº2. p.83-91. São Paulo, 2005

SEGAWA, Hugo. Clave de Sol: notas sobre a história do conforto ambiental. *AMBIENTE CONSTRUÍDO*. Porto Alegre, v.3 nº2, p. 37-46, 2003.

SILVA, Geraldo Gomes. Aluizio Bezerra Coutinho – um cientista a serviço da arquitetura racionalista. in: *Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo EESC-USP* v.23, p.79-82. São Paulo, 2005





Wagner – o outro lado

Acadêmico

Gentil Porto

Palestra proferida na Academia Pernambucana de Medicina

Recife, 29 de agosto de 2012



WAGNER – O OUTRO LADO

OVERTURE

13 de fevereiro de 1883

Ancorada no píer do Palácio Vendramin – Calergi em Veneza, uma enorme gôndola decorada com motivos fúnebres, balançava lugubrememente. Um pequeno cortejo com homens e mulheres vestidos de preto acompanhava um caixão carregado por serviçais. À frente, uma mulher e um menino abriam o préstito – Cosima Liszt Wagner e Sigfried Wagner, esposa e único filho de um dos maiores gênios da humanidade cujos restos mortais estavam sendo levados para a gôndola: Wilhelm Richard Wagner, ou simplesmente Wagner.

Dali o grande compositor seria levado ao continente, em direção à sua Alemanha natal, para a glória eterna. Wagner tinha falecido há pouco vítima de um mal cardíaco que o atormentava durante anos. Exatamente um mês antes, o protetor e sogro de Wagner, o húngaro Ferenc Liszt (e não Franz Liszt, como se costuma grafar) havia feito um improviso ao piano que dedicou ao genro dando-lhe estranha e coincidentemente o nome de “La gôndola lúgubre”.

Muitas outras coincidências entremeadas de contradições marcaram a vida do compositor alemão. Quem era na verdade Richard Wagner? O que ele fez de tão importante para se tornar uma das personagens humanas sobre quem mais se escreveu na face da terra? Amado e odiado com igual intensidade, Wagner com seu temperamento vulcânico deixou uma obra que continua sendo avidamente estudada, questionada e sobre a qual não se tem meio termo no julgamento; ou seja, Wagner não tem explicação. Ou teria? Alguém chegou a perguntar: “Seria Wagner uma pessoa ou doença?”

INTERMEZZO

Wagner nasceu no dia 22 de maio de 1813 na cidade de Leipzig uma das maiores cidades do reino protestante da Saxônia. A Alemanha, como a conhecemos, não existia e os povos de língua alemã viviam divididos numa miríade de reinos, ducados e principados que só depois foram unidos sob a liderança da Prússia de Guilherme I. Após a vitória sobre a França de Napoleão III formaram o Império Alemão.

Wagner era filho de Carl Friedrich Wagner e sua mulher Johanna Wagner que tiveram 9 filhos. Carl Friedrich morreu vítima de febre tifoide e sua viúva casou-se com um amigo do casal, o pintor e ator Ludwig Geyer. Foi o suficiente para que os desafetos de Wagner espalhassem aos quatro ventos que ele era filho bastardo e criticassem a sua possível origem judaica. (Disso se aproveitou maldosamente Friedrich Nietzsche, nos seus escritos, para atacar Wagner).

A essa altura o menino Wagner é levado para Dresden, onde o casal Geyer se estabeleceu. Mas aí outra tragédia acontece: Ludwig Geyer morre vítima de tuberculose, quando Richard tinha apenas oito anos. Já então o menino não apresentava características de bom aluno; entretanto mostrava fortes pendores para o teatro. Ficou logo empolgado com o clima de magia da ópera, dos duendes, dos heróis míticos, paisagens fantásticas e todo o ambiente que terminou por envolver sua obra. Realmente a verdadeira aptidão de Wagner é o teatro para o qual canalizou todo o conhecimento adquirido pela leitura dos clássicos da literatura grega e de Shakespeare, influência do tio Adolf Wagner, possuidor de uma imensa biblioteca.

Mas não ficou só nisso. Logo estará partilhando do entusiasmo de sua família por Weber, Mozart e, sobretudo, por Beethoven que exerceu uma enorme influência sobre o “adolescente indisciplinado”. A música de Beethoven “desperta nele turbilhões de desmedida paixão.” Começam aí os seus planos para se tornar compositor e regente além de demonstrar indiscutível vocação literária e de polemista.

Inscribe-se em 1831 na Universidade de Leipzig. Aluno relapso, costuma frequentar tabernas e bordeis. Gasta o que não tem, perde dinheiro no jogo. Chega ao ponto de desafiar para um duelo um exímio esgrimista que, por sorte dele, sofre um acidente poucos dias antes do duelo. Wagner nada sabia de esgrima.

Daí parte para conquistas amorosas que seriam exercidas por longo período da vida. Também, pudera, as mulheres se lhe atiravam aos braços atraídas por sua personalidade fascinante e pelos penetrantes olhos azuis. Fora isso, estava muito longe de ser um Apolo: baixo, feio, com uma cabeça desproporcionalmente grande. Mas aí é onde estava o diferencial - a cabeça, e que cabeça!

Com apenas 20 anos, lhe oferecem um trabalho como maestro do coro do teatro de Wurzburg, charmosa cidade universitária da Baviera. Para lá se dirige já com o esboço do libreto da sua primeira ópera (*As Fadas*). Depois vai para Magdeburg onde conhece uma atriz, quatro anos mais velha do que ele, com quem terminaria se casando. Chamava-se Christine Wilhemine Planer – Minna, como era conhecida e com esse apelido passou para a posteridade. O amor por Minna não o impedia de ter aventuras amorosas, motivo de brigas infundas e causa de profundo sofrimento para os dois, com idas e vindas no relacionamento. Foram infelizes juntos embora Minna, sempre dedicada, muito o tenha ajudado na vida de miséria e penúria a que levaram os desregramentos e brigas do compositor.

Wagner é designado mestre-capela de Riga que então fazia parte do império russo. Nesta cidade começou a escrever a sua primeira ópera – *Rienzi*. Mas logo e logo o temperamento difícil e a ambição por ambientes maiores, o levam depois de muitos desentendimentos a ser demitido.

Gastador nato, sempre endividado, sonha com Paris onde, acredita, vai “conquistar fortuna e glória”, sobretudo glória.

A viagem num pequeno cargueiro transforma-se numa verdadeira odisséia. Submetido a terríveis tempestades, o navio esteve na iminência de soçobrar. Entretanto a quase tragédia lhe servia de inspiração para no futuro compor a ópera “O Navio Fantasma”. Em Paris não teve o sucesso de que se achava merecedor. Sua obra em gestação, já revolucionária, não agradava aos parisienses acostumados com as óperas de Meyerbeer. Judeu rico, Meyerbeer inicialmente recebeu Wagner muito bem, mas depois mandou-o às favas ao perceber o perigo que para ele representava o compositor alemão. É em Paris que ele cria o termo “leitmotiv” – termo que ficaria definitivamente incorporado à arte musical qual seja à música associada a personagens, ideias e sentimentos que junto ao teatro constituiriam a “arte total”. Posteriormente o compositor a definiria como o instrumento de redenção do homem e daí motivo para monumental desavença com o filósofo alemão Nietzsche.

Atormentado por dívidas, magoado com o tratamento recebido e sempre em desacordo com Minna, Wagner retorna à Alemanha. Na sua Saxônia, na cidade de Dresden, vê sua ópera *Rienzi* encenada com sucesso total. Recebe o apoio de Liszt e Schumann, o que não é suficiente, pois logo se envolverá em brigas políticas. Recebe em casa extremistas e outros revolucionários como o violinista August Rockel e até o anarquista Mikhail Bakunin de quem se torna amigo.

Estava pronto o cenário para uma revolução que realmente aconteceu no ano de 1848 tendo como epicentro a cidade de Dresden. Wagner lutou nas barricadas e após cinco dias a revolução foi esmagada com mortos e feridos. Rockel e Bakunin foram presos quando dormiam e Wagner conseguiu escapar. Daí começou um exílio que durou 13 anos. Depois de uma fuga rocambolesca, Wagner chega a Zurich onde desprezando a moral convencional se aproxima de mulheres ricas procurando conquistá-las. Assim aconteceu a Mathilde, mulher de Otto Wesendonk, rico comerciante, que o protegeu por muito tempo, sustentando-o com vultuosas somas, Wagner conquistava as mulheres e os seus maridos que apesar de traídos, continuavam seus

amigos. Ele costumava dizer que tudo era permitido ao homem superior. Daí...

Influenciado por Liszt, seu grande admirador e protetor, Wagner retorna a Paris com projetos de conquistar a Cidade Luz, apesar da antipatia – muito comum entre os alemães – que dedicava aos franceses. Com a solidariedade do Imperador Napoleão III, Wagner esperava conquistar desta vez o apoio francês. Ledo engano. Os aristocráticos membros do Joquei Clube, com o apoio de Meyerbeer, recebem a apresentação da ópera *Tannhauser* com vaias e apupos de todos os tipos. Desgostoso, volta a sua Alemanha e inicia então temporada de turnês por vários países da Europa durante três anos.

Encerrando o banimento, finalmente a Saxônia o recebe. Logo depois, no seu estilo desregrado, começa a gastar o que não tem. Perambulando pela Alemanha, com os credores no seu encalço, sem um tostão no bolso, passa privações de todo tipo. Chega a pensar em suicídio. Mas eis que um “milagre” acontece – o jovem e desmiolado rei Ludwig II da Baviera, admirador do compositor, manda um emissário procurar Wagner oferecendo-lhe todos os recursos necessários ao exercício de sua arte. Esses recursos permitiram a Wagner gastar despudoradamente – como sempre quis – inclusive morar num palacete, a Vila Pellet, nas cercanias de Munique, capital da Baviera. É nesse momento que entra em cena uma mulher que desempenhará papel fundamental na vida afetiva de Wagner – Cosima, filha de Liszt, casada com o maestro Hans Von Büllow, fanático admirador da obra de Wagner.

Depois de algum tempo, Cosima e Wagner se apaixonam. Desprovida de beleza, Cosima porém era dotada de refinada inteligência e muita sensibilidade. Büllow sabia do caso dos dois. Sem o menor constrangimento, Wagner consegue fazer de Cosima sua amante que se tornou o grande amor de sua vida, transformando-o num homem sereno com repercussões inclusive na sua música. Wagner chegou mesmo a escrever que a mulher redime pelo amor. Hans Bullow, triste

sem dúvida, aceitou a traição da mulher da qual não queria se separar. Terminou afinal por acontecer a separação permitindo ao compositor, após o divórcio, um casamento formal e a Cosima, superar a ira momentânea do seu pai, Liszt, aborrecido com aquela união ilegal.

Mas, pressionado pelos seus súditos, horrorizado com os gastos e a influência de Wagner sobre o rei, Ludwig exila o amigo. Num exílio dourado, em Tribschen na Suíça, Wagner no seu estilo costumeiro gasta desadoradamente, recebe e hospeda incontáveis amigos, inclusive Von Büllow, o traído e conformado marido, e Nietzsche que mostraria depois não ser digno da hospedagem recebida de Wagner e Cosima.

Finalmente o grande triunfo: “Os mestres cantores de Nuremberg”, com regência de Büllow, é apresentado em Nuremberg com sucesso total.

Daí em diante, especialmente com o nascimento do filho – Siegfried – Wagner é um homem que diz: “Só agora tenho motivo para viver satisfeito e feliz.” Foi pai aos 56 anos de idade.

Deixa então o seu exílio em Tribschen e parte para Bayreuth, encantadora cidade medieval da Baviera, onde pretende construir um nada modesto teatro, ou melhor, um templo – o Festspielhaus – destinado a executar suas obras.

O rei Ludwig o apoia, mas ele precisava de mais, muito mais. Passou então a se apresentar em inúmeros concertos para arrecadar fundos. Concomitantemente começa a construir a sua casa a “Vila Wahnfried” como a chamará.

Finalmente, no dia 13 de agosto de 1876, ocorre a inauguração do Teatro dos Festivais de Bayreuth, um evento prestigiado pelos maiores artistas da Alemanha e cabeças coroadas de várias partes do mundo. Ludwig II e, claro, o recém-coroadado imperador da poderosa Alemanha unificada, o Kaiser Guilherme I, compareceram. Pedro II, nosso imperador, amante das artes, lá estava também.

Começa a degradação do seu estado de saúde, mas mesmo assim funda o jornal Bayreuther Blätter (Folha de Bayreuth).

Cada vez mais doente, consegue concluir o Parsifal, sua última obra, que significa o reencontro definitivo de Wagner com Deus e o amor. O comentário de Claude Debussy diz tudo: “É um dos mais belos monumentos jamais erigidos à glória eterna da música.”

Depois então Wagner parte para Veneza de onde só voltaria no trem fúnebre que o conduziria de volta à Alemanha.

Foi homenageado em todas as estações onde parava com destino à sua última morada – modesto túmulo mandado construir por ele nos fundos da Vila Wahnfried. Coisa estranhável para os hábitos do compositor. Lá também seria sepultada sua bem-amada Cosima.

O Círculo de Munique, que abrigava intelectuais alemães, colocou sobre a campa uma coroa de louros com os seguintes dizeres: “Ao libertador a libertação.”

Perto, muito perto, como se estivesse vigiando o túmulo, encontra-se também sepultado o seu fiel cão Russ.

INTERMEZZO

WAGNER E O JUDAÍSMO

Até hoje o tema é motivo de polêmicas e discussões muitas vezes apaixonadas.

Wagner teve muitos amigos judeus que o acompanharam até o fim, como Herman Levi que regeu o Parsifal meses antes da morte do compositor. Entre outros frequentavam habitualmente a casa de Wagner o pianista Joseph Rubinstein, o compositor Engelbert

Huperdinck e sobretudo o pintor Paul Jukowsky, hóspede assíduo de Wagner e Cosima.

Wagner escreveu um virulento ensaio, intitulado “O Judaísmo na Música” onde atacava os seus desafetos Giacomo Meyerbeer e Felix Mendelssohn passando à história como antissemita. Disso se aproveitou Adolf Hitler para endeusar o compositor cujas músicas eram habitualmente tocadas nos eventos nazistas.

Hitler utilizava mais ainda as músicas de Beethoven como prova da superioridade do homem ariano, sobretudo o alemão.

O judeu – austríaco Otto Maria Carpeaux naturalizado brasileiro, conhecido como o sábio Carpeaux, embora deplorando o infeliz ensaio de Wagner, reconhece nele um gênio da música, a quem chama de “mestre”.

WAGNER E OS AMIGOS

Wagner era homem de muitos amigos.

Na sua casa existia um verdadeiro cenáculo onde se discutia arte, literatura, política, teatro e música, sobretudo música. A comida era farta, a bebida idem mesmo que depois ele não pagasse aos fornecedores. Capaz de atos de grande generosidade, apaixonava-se pelas causas e sobretudo pelos mais fracos.

Foi assim que hospedou refugiados poloneses que haviam sido derrotados numa guerra contra a Rússia. Ao compor uma música de batalha, verdadeiro hino, deu-lhe o nome de “Polônia”.

Complicado, Wagner atrai também pessoas complicadas que faziam parte do seu círculo de amigos onde ele pretendia ser adorado. Cite-se entre outros os exemplos de Mikhail Bakunin, o anarquista; Arthur Schopenhauer, o pessimista e o filósofo Friedrich Nietzsche. Este último privava da intimidade do casal Wagner; mas desgostoso

com o músico que repassava nos seus últimos anos sentimentos de aproximação com Deus e o amor – quando para ele só deveria existir a “lógica” – esqueceu dos tempos de amizade e, de certa maneira covardemente, escreveu dois virulentos ensaios (“O caso Wagner” e “Wagner x Nietzsche”) quando o compositor já estava morto. Depois o filósofo enlouqueceu, mas isso já é outra história.

FINALE

Tudo em Wagner é grandioso. Até o filme sobre sua vida – estrelado por outro Richard, o Burton, e Vanessa Redgrave – tem seis horas de duração na sua versão original. Uma obra vista por poucos, vendida a preço insignificante nas lojas especializadas.

~

Vila Wahnfried – a residência de Wagner por ele assim chamada, em alemão tem o seguinte significado: Wahn “desilusão” e Fried “liberdade”.

Na frente da casa existe um jardim com o busto do rei Ludwig II da Baviera que financiou a obra. No portal está escrito: “Aqui onde a minha loucura encontrou a paz.”

~

Wagner tinha também veleidades de arquiteto. Influenciou poderosamente nos detalhes do Festspielhaus de Bayreuth, o seu teatro.

Registre-se inclusive que o fosso onde hoje fica instalada a orquestra, nos teatros, é criação do compositor. Antes dele a orquestra dividia o espaço com os atores no palco.

Mathilde Wesendock, mulher sensível e muito culta, escreveu poemas que foram musicados por Wagner - os Wesendock Lieder, uma das poucas obras não operísticas apresentadas no Festspielhaus em Bayreuth.

Wagner teve três filhos – Siegfried, Isolda e Eva. Siegfried seguiu uma trajetória conturbada. Era compositor, regente e instrumentista. Bissexual, casou-se quase à força por imposição da família com Winifred Williams, nascida em Hastings, Inglaterra, com a qual teve dois filhos Wieland e Wolfgang. Siegfried morreu no mesmo ano em que a mãe Cosima faleceu (1930).

Winifred assumiu os rendosos negócios da família capitaneados pelo Festspielhaus. Tornou-se uma fanática nazista tendo recebido em sua residência por várias vezes o Führer alemão Adolf Hitler. Foi presa por pouco tempo após o fim da Segunda Guerra mundial. Seus filhos Wieland e Wolfgang assumiram o controle do Festival de Bayreuth.

~

Wagner influenciou na literatura entre outros W. H. Auden, Charles Baudelaire, Stephane Mallarmé, Paul Verlaine, Thomas Mann, Marcel Proust, Rainier Maria Rilke, D. H. Lawrence, Romain Rolland e James Joyce.

Na sua obra literária analisou o mito de Édipo antes de Freud.

Na música Wagner influenciou fortemente Gustav Mahler, Arnold Schoenberg, Richard Strauss, Pyotr Tchaikowsky, Igor Stravinsky, Sergei Prokofiev, Bedrich Smetana, Claude Debussy, sem esquecer, claro, o nosso Heitor Villa Lobos.

Todos, inclusive Wagner, foram também influenciados por Mozart que deu os primeiros passos na dissonância.

~

Leit Motiv – Exerceu grande influência também sobre Giuseppe Verdi e Georges Bizet. E até no cinema, sobre o famoso filme do grande cineasta alemão Fritz Lang – “O Vampiro de Düsseldorf”.

~

De forma aleatória, à época em que este trabalho foi escrito a NET registrava entre outras as seguintes visitas:

Jesus Cristo _____ 840.000.000 de resultados
Wagner _____ 210.000.000 de resultados
Bach _____ 198.000.000 de resultados
Mozart _____ 140.000.000 de resultados
Beethoven _____ 94.000.000 de resultados
Napoleão _____ 3.760.000 de resultados

~

No livro História dos Gênios da Música diz a escritora Maria Lucia C. Monteiro:

“Wagner sempre despertou a atenção de todos quantos dele se aproximaram. E continua ainda hoje, a suscitar paixões violentas pró e contra. Como armas apenas a genialidade e uma força de vontade férrea que lhe permitiram vencer e morrer coberto de glórias”.





Prêmio Professor Salomão Kelner – 2010
Publicação do Trabalho Premiado

*A Odisseia De Ulysses Pernambucano:
dos Primórdios ao Legado Histórico de um Mito*

Recife, dezembro de 2010



A ODISSEIA DE ULYSSES PERNAMBUCANO: DOS PRIMÓRDIOS AO LEGADO HISTÓRICO DE UM MITO¹

Henrique Toscano Siebra Brito²

Não é possível conhecer adequadamente uma determinada coisa – seja ela o que for – sem que se vire os olhos ao passado, e daí se acompanhe suas origens. É preciso que se entenda, pois, que por trás do que se aparece como fixo, no presente, como se sempre estivesse ali, guarda-se toda uma idealização, todo um esforço para que aquilo se mostre como posto está. Assim é o que acontece, por exemplo, com um determinado sistema de saúde que vemos adequadamente funcionando – guarda na verdade uma história de luta para sua idealização e sua construção. Assim são os modernos recursos terapêuticos que vemos à nossa disposição nos dias modernos – guardam as ideias e princípios obstinados de homens da ciência que acreditaram em sua elaboração. Daí afirmar-se que nada poderá ser completamente entendido se não se buscar suas origens. Portanto (e por aí adentramos no território que será causa de todo o presente trabalho), como se pode pensar em entender, adequadamente, a psiquiatria pernambucana; entender o hospital “da Tamarineira”, o hospital Correia Picanço, a revista Neurobiologia, os primórdios da Psicologia no Brasil, a Associação Brasileira de Psiquiatria, a reforma psiquiátrica em Pernambuco e no Brasil, o pioneirismo na fundação das escolas para crianças excepcionais, dentre tantos outros itens – sem entender o grande vulto histórico que foi Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho?

1 Trabalho para participação no concurso “Prêmio Prof. Salomão Kelner” promovido pela Academia Pernambucana de Medicina com o tema “História da Medicina de Pernambuco ou vultos da Medicina que marcaram época no Estado”.

2 Acadêmico de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS / IMIP

Parece coerente afirmar que uma outra classificação histórica da psiquiatria de nosso Estado, que não considerasse com a devida gravidade o marco que foi a chegada de Ulysses no cenário psiquiátrico local – como por exemplo uma tentativa de ensaiar uma classificação em “pré-” e “pós-”Tamarineira – seria essencialmente injustificada. Conforme afirma Tácito Augusto Medeiros, em seu texto “Primórdios”,

“Em 1919, Ulysses Pernambucano encontrou Carlota, Faustina e Virgínia, órfãs insubordinadas dos Colégios da Santa Casa, nos calabouços da Tamarineira. O asilo servia apenas ao castigo da desobediência, desnudando o equívoco e a perversão da lógica pineliana, nosológica ou terapêutica. A tecnologia terapêutica da associação asilo-alienista tornava-se mero instrumento de punição dos insubmissos. O fracasso do convencimento confirmava a desrazão destes e a razão do arbítrio autoritário. Era antiga e regular prática”. (...) Em 1924, quando Ulysses assumiu a direção, a Santa Casa acordara entregar a instituição da Tamarineira ao Estado. Passava a existir o Hospital de Doenças Nervosas e Mentais. Foram abolidos calabouços e camisas-de-força. Não mais existiam alienistas e alienados. Os tempo mudavam.(...)”

E foi a 6 de fevereiro de 1892, em Recife, que nasceu aquele que seria o grande iniciador e líder nato da Escola de Psiquiatria do Recife. Caberia bem, nesse primeiro momento, uma problemática inicial a ser levantada, conforme a resume Walmor J. Piccinini: “Ficou no ar um pequeno problema, alguns autores escrevem Ulysses com Y e outros com i. [Luís] Cerqueira escreve Ulisses. Resolvemos não mudar e deixar para o futuro um esclarecimento.” Podemos afirmar que, diante das fontes que serviram de substância a esse trabalho, nos deparamos com uma convincente maioria de “ipsilons”. A questão, possivelmente, remete àqueles velhos problemas de ortodoxia da língua, do qual foi vítima por exemplo a escritora Rachel de Queiroz, nome que alguns

gramáticos postulavam como incorreto (o certo seria “Raquel de Queirós”...). Essa é somente uma explicação hipotética, que tenta lançar alguma luz sobre esse “mistério inicial” que cerca a figura já mítica de Ulysses Pernambucano.

Seus pais foram José Antônio Gonçalves de Mello, que era bacharel em direito, e D. Maria da Conceição de Mello. Sua família era relativamente bem conceituada, assim como de boa condição financeira, e ele a princípio foi educado em sua própria residência, por seu pai, terminando os estudos primário e secundário no Educandário Aires Gama, situado à rua do Hospício.

Ainda adolescente decidiu-se pela carreira na área médica. Entretanto, aqui em Recife ainda não havia um formal curso superior de Medicina – a Faculdade de Medicina do Recife só iria se estabelecer em definitivo no ano de 1920. Em relação a isso, inclusive, há algo interessante a se registrar: nesse ano, quem teve o nome indicado para professar a cátedra de Psiquiatria da recém-criada Faculdade foi o próprio Ulysses, já formado médico, tendo este renunciado ao posto. Quem explica melhor a questão é Zília Codeceira, em seu livro “A Psiquiatria que Conheci”:

“Quando a faculdade de medicina foi fundada, em 1915, coube ao professor Alcides Codeceira a cadeira de Clínica Psiquiátrica. Ocorreu então um episódio interessante: mesmo tendo sido fundada em 1915, a Faculdade só iria funcionar mais tarde, em 1920. Foi então que ao ser organizada a Congregação, foi indicado o Professor Ulysses para a cadeira de Clínica Psiquiátrica. O professor Ulysses, demonstrando ser um homem desprovido de ambições pessoais, e reconhecendo o mérito pessoal do Professor Alcides Codeceira que participara das demarches da fundação da Faculdade, cinco anos antes, não hesitou em renunciar a cátedra que lhe era oferecida (...).”

Pois bem. Voltando à questão de seu período formativo: se não há faculdades por essas bandas, vai-se o Pernambucano até o Rio de Janeiro. Lá, tem contato com figuras do porte de Juliano Moreira, Fernandes Figueira, Antônio Austregésilo e Ulisses Viana – mestres esses que iriam influenciar fundamentalmente sua formação médica e psiquiátrica, dar-lhe bases e experiências sólidas, para que o psiquiatra pernambucano pudesse alcançar voo posteriormente, já de volta à sua terra natal, moldando e recriando a psiquiatria que lhe havia sido repassada. Assim, lhe seria repassada uma visão de modelo psicopatológico predominantemente kraepeliniano, baseado nas ideias do então atualíssimo pensamento alemão, que tinha como expoente o psiquiatra Emil Kraepelin (1856-1926).

É importante que se enfatize a considerável influência formativa e de conduta ética que esses mestres legariam ao jovem Ulysses. Citemos a figura, por exemplo, de um Juliano Moreira – psiquiatra de origem muito humilde, mulato, que chegou aos mais altos graus da psiquiatria nacional, tendo tido inclusive grande relevo internacional representando o Brasil, sendo considerado o fundador e patrono da psiquiatria brasileira. Moreira repassou a seus aprendizes as bases de um modelo médico-psiquiátrico calcado em pontos como as bases orgânicas para as manifestações das doenças mentais, as observações e comparações clínicas rigorosas, o reconhecimento de padrões síndrômicos e o estabelecimento de diagnóstico preciso (elementos do modelo kraepeliniano). Foi também um estudioso das ainda pouco compreendidas ideias psicanalíticas que aportavam da Europa, e tendo igualmente atuado na rejeição das teses eugenistas que pairavam em alguns setores (inclusive na Psiquiatria) do panorama social da época.

Ulysses Pernambucano se forma, então, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912, aos 20 anos de idade – após ter estagiado, previamente, por dois anos como acadêmico interno do Hospital Nacional de Alienados (no serviço do professor Juliano Moreira). Apresentou, a título de receber o grau de doutor, a tese de

conclusão de curso intitulada “Sobre algumas manifestações nervosas da Heredo-sífilis”.

Após sua formatura, Dr. Ulysses inicia sua carreira médica clinicando na cidade de Vitória de Santo Antão – PE e, posteriormente, na cidade de Lapa, localidade interiorana do Paraná. Nesse período, por decorrência das extremas situações de precariedade de assistência médica e de pobreza das populações com que passa a ter contato, Ulysses termina por atuar como um médico generalista. Esse contato precoce com uma realidade social em condições avessas a uma vida com saúde, tanto física como mental, influenciou profundamente aquele médico de refinada formação que se servia então de parteiro, cirurgião, oftalmologista, pediatra ou, até mesmo, de dentista. Parece que é, a partir desse momento, que se inicia, mais destacadamente, sua caminhada rumo ao encontro de uma psiquiatria não mais de orientação eminentemente organicista, mas antes fundamentada em pressupostos sociais, conforme atesta Mário Eduardo Costa Pereira em seu artigo “Ulysses Pernambucano e a questão da ‘Higiene Mental’”:

“Aquele que viria a ser sua concepção de ‘prevenção primária’ em saúde mental encontrava, assim, seus alicerces em fatores muito concretos relacionados ao surgimento de quadros mentais que poderiam chegar ao consultório do psiquiatra: a neurosífilis e outras infecções com repercussões neurológicas, o alcoolismo, as intoxicações exógenas, os malefícios decorrentes de desnutrição. Sua observação diária das dificuldades escolares oriundas da fome e da falta de alimentação adequada das crianças foi, certamente, um dos fatores que o levou a instituir, quando investido de funções públicas, um amplo programa de merenda escolar e de visitadoras familiares.”

É durante esse período, mais precisamente em 1915, que se casa com a Sra. Albertina Carneiro Leão, que era sua prima. Desse casamento

nasceram dois filhos: Jarbas Pernambucano de Mello seguiu a carreira do pai, tendo inclusive assumido a cátedra de Clínica Neurológica na UFPE, entretanto morreu precocemente, em 1958. Aliás, esse tipo de tragédia parecia insistir em cruzar o caminho de Ulysses, já que o seu querido discípulo nos estudos da psiquiatria, Gildo Neto, também partiria muito cedo, bem jovem, em 1935; e, ademais, o próprio Ulysses seria vítima de uma morte prematura, como se verá adiante. O outro filho do casal foi José Antônio Gonsalves de Mello, renomado historiador, catedrático da Universidade Federal de Pernambuco e autor de livros importantes na historiografia nacional, como “Tempos dos Flamengos”.

Em 1916, Ulysses Pernambucano, já constituído no Paraná, sente saudades de sua terra e sua gente, e resolve voltar para Recife. Estabelecendo-se como psiquiatra, com fama de ter sido aprendiz, no Rio de Janeiro, de nomes considerados unanimidades na medicina nacional, logo passa a trabalhar como alienista, no Hospital de Alienados da Tamarineira. O local era, então, sem vida, destinado a tão-somente “recolher” os indesejados “loucos” que vagavam pelas ruas ou viviam trancafiados em porões nos fundos das casas das famílias recifenses. O tratamento desse local superlotado era o de contenção, castigos e maus-tratos físicos e morais. E foi então, a partir desse primeiro contato, que uma grande história – que reverbera até os dias hodiernos – se iniciaria na psiquiatria pernambucana, tendo como o grande núcleo dessas mudanças tal hospital.

Tendo já em 1919 denunciado o episódio das três órfãs, o Dr. Ulysses Pernambucano assumiria, em 1924, sua primeira nomeação como diretor da instituição. E é nesse momento que se anunciaria o início de uma nova Tamarineira, sob o comando desse brilhante psiquiatra: foram extintas, sob sua ordem, as práticas de contenções agressivas e castigos em calabouços, reformas foram realizadas na estrutura física dos diversos pavilhões do local, e uma diretriz de atendimento psiquiátrico de orientação humanitária passou a ser incentivada na

instituição, além de se iniciar ali a prática sistemática de pesquisas acadêmicas.

Por motivação de pressões políticas, boatos e intrigas comuns ao re-
duto médico-político no qual estava inserido, Ulysses encerra seu
mandato como diretor em apenas dois anos, em 1926 – em uma
demonstração de o quão sensato parecia ser nas diversas situações
conflituosas pelas quais passou. Nesse primeiro momento de sua car-
reira, também, é nomeado chefe do Serviço de Demografia Sanitá-
ria, Estatística e Propaganda do Departamento de Saúde Pública de
Pernambuco, um cargo que estava ligado ao que o prof. Ulysses tanto
insistiria, no decorrer de toda sua vida, como fundamental para o
funcionamento de qualidade dos serviços de saúde de um determi-
nado local ou região: a pesquisa epidemiológica, a organização esta-
tística de dados, feitas com precisão, orientando assim corretamente
a divisão de verbas públicas e os recursos técnicos e humanos. Daí se
pode vislumbrar, de acordo com o já citado artigo de Mário Eduardo
Costa Pereira, o seu espírito de reconhecido e aclamado gestor públi-
co e de rigoroso epidemiologista:

*“Ao longo de toda sua carreira, Ulysses Pernambucano teria es-
pecial interesse nos levantamentos estatísticos das condições de
saúde geral e mental da população, chegando a propor a criação
de um órgão nacional que centralizasse os dados disponíveis e
que promovesse estudos regulares sobre epidemiologia psiquiá-
trica em todas as unidades da República. Segundo seu ponto de
vista, somente com o apoio de tais informações – e com o uso de
um mesmo critério para o diagnóstico das entidades mórbidas –
seria possível estabelecer prioridades e uma política racional de
prevenção e de organização de recursos assistenciais.”*

A faceta de um Ulysses Pernambucano educador iria se evidenciar,
pela primeira vez, em 1918, quando o mesmo concorreu à cátedra

de Psicologia e Pedologia (antiga disciplina que pretendia estudar a criança sob um ponto de vista integral – biológico, psicológico e social) na Escola Normal Oficial de Pernambuco – instituição voltada à formação de professoras primárias. Com a tese “Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento e suas formas; a instabilidade e a astenia mental”, o prof. Ulysses seria aclamado com o 1o lugar desse concurso; entretanto, por motivos políticos, o então governador do Estado, Manoel Borba, nomeou o segundo colocado para ocupar a cadeira, tendo ficado Ulysses apenas como professor substituto. Nesse mesmo ano, pois, Ulysses Pernambucano decide concorrer também a uma vaga no Ginásio Pernambucano – uma das grandes instituições para secundaristas (o atual Ensino Médio), à época – para a cátedra de “Lógica, Psicologia e História da Filosofia”. Novamente obtém o primeiro lugar e, dessa vez, é nomeado para o cargo.

Alguns anos mais tarde, estando o governo do Estado sob o comando de Sérgio Loreto, Ulysses Pernambucano é nomeado diretor da Escola Normal, mais precisamente em 1923. E é a partir dessa nomeação que tal escola iria passar por mudanças profundas. Em primeiro lugar, trata ele de instituir um exame de seleção adequado, de base psicológica, para ingressar nessa instituição, onde antes predominava o critério de idade e itens não-acadêmicos, como amizades e apadrinhamentos. Reorganiza a logística do local, distribuindo metodicamente as alunas em salas de aula. Institui serviço de merenda escolar e de assistência dentária, além de estimular a fundação de um jornalzinho e um coral.

Ademais dessas reformas, decide criar, em uma ideia altamente inovadora à época, um serviço de visitadoras sociais, que seria de certo modo precursor das atuais assistentes sociais. Atuavam as visitadoras, então, como uma ponte entre a escola e a família de alunos que se encontravam em dificuldades de aprendizagem, ou outros problemas, abrindo assim a possibilidade de uma intervenção adequadamente nos mesmos. Essa ação das visitadoras se dava nas escolas primárias

que ficavam nas adjacências da Escola Normal e que serviam de estágio prático às formandas. É interessante observar, também, que posteriormente Ulysses expandiria essa ideia das visitadoras sociais, para os serviços de atendimento aos enfermos mentais, no contexto das amplas reformas que o mesmo desenvolveria na década de 30.

Em 1928, Ulysses Pernambucano seria nomeado diretor, agora do Ginásio Pernambucano. Lá, igualmente ficou conhecido e reconhecido por ter sido um reformador, um homem afeito às ideias e às práticas pedagógicas modernizantes. Alguém que merecidamente recebia a denominação de educador, conforme atesta Anita Paes Barreto em seu artigo “Ulysses Pernambucano, educador”, ao descrever sua atuação como professor na Escola Normal:

“Sua maneira de ensinar fugia ao padrão convencional dos demais docentes. Não se limitava à transmissão dos conhecimentos. Valorizava-os com suas observações pessoais, colocação de novos problemas, dialogando com as alunas, despertando interesse e entusiasmo generalizado pela Psicologia. Sua escolha como parainfo da turma, no final de 1924, foi o resultado de sua prática pedagógica, de seu relacionamento com as alunas, democrático, sem deixar de ser exigente.”

Avesso ao tradicionalismo enfadonho e pouco eficaz nas salas de aula, naturalmente o vanguardista professor Ulysses Pernambucano não iria agradar a todos, sendo que seria por motivos como esses, que haveria de colecionar cada vez mais desafetos, principalmente entre os setores mais conservadores das estruturas sociais da região.

Foi por esse tempo que o prof. Ulysses transforma em ações o seu interesse voltado para uma educação destinada às crianças “anormais” – termo da época que corresponderia às atuais denominadas crianças excepcionais. Já tendo apresentado sua tese “Classificação das crianças anormais”, quando concorrera a cargo na Escola Normal

em 1918, Ulysses ainda havia realizado mais pesquisas e estudos sobre o tema, como a identificação de crianças com grandes déficits de aprendizagem entre os escolares das redes de ensino. Em 27 de Janeiro de 1925, o governador acata a proposta de Ulysses – e se iniciaria então a construção dessa pioneiríssima, inovadora, primeira escola do gênero no país. Daí, então, inicia-se uma fase de recrutamento e treinamento de pessoal especializado, bem como de levantamento de estudos para um correto implante de infra-estrutura e metodologia adequados. Durante um período inicial, contudo, tal escola não consegue entrar em funcionamento; e a ideia da abertura dessa escola para crianças excepcionais permaneceria ativa no mestre Ulysses. Somente em 1941, entretanto, é que a “Escola Especial Aires Gama” entraria em funcionamento, entretanto sem sua supervisão direta, posto que na época já era considerado um “subversivo”, e impedido de chefiar quaisquer cargos públicos. Atualmente a escola se chama, com a merecida homenagem prestada, “Escola Especial Ulisses Pernambucano”.

Tendo atuado em diversos segmentos acadêmicos e institucionais na década de 1920 e se destacado em cada um deles, aponta-se como de suas principais realizações nesse período, entretanto, a criação do Instituto de Psicologia, em 1925 – primeira entidade desse tipo no país. Lembrar que a profissão de psicólogo só iria se regulamentar bem mais tarde, no ano de 1962. Ao Instituto pode-se atribuir diversas realizações: foi através dele que se desenvolveram vários estudos sobre psicopedagogia infantil, passou-se a ter produções científicas contínuas em diversas áreas da psicologia, e se passou a formar profissionais técnicos aptos a aplicar exames psicométricos. O teste das lâminas projetivas de Rorschach (bem conhecidas atualmente, elaboradas originalmente em 1921 pelo psiquiatra suíço Herrmann Rorschach), por exemplo, passou a partir desse momento a ser utilizado para psicodiagnóstico nos serviços psiquiátricos. Ulysses e seus colaboradores, também, realizaram uma bastante famosa Revisão Pernambucana da escala métrica de inteligência de Binet-Simon-Terman, trabalho árduo que durou cerca de 10 anos, publicado por

partes, nos volumes da revista “Arquivos de Assistência a Psicopatas”. O Instituto de Psicologia foi, sem dúvida, um importante marco de iniciativas no campo da psicologia teórica e, também, prática. De acordo com o prof. Othon Bastos, em seu texto “A Atualidade de Ulysses Pernambucano”,

“Em decorrência de sua presença na vida científica local, a utilização frequente de técnicas psicológicas em problemas de psicopatologia clínica tornou-se tão usual, a ponto de converter-se em uma das características da Escola Psiquiátrica do Recife”

Entretanto, ainda estava por vir, então nos anos 30, a considerada por muitos como a maior realização, ou melhor, as maiores realizações, de Ulysses Pernambucano. Em 1930, por conta da ascensão de Getúlio Vargas ao poder e o conseqüente início da “Era Vargas” no Brasil (governo que se propunha democrático mas que convergiu ao autoritarismo), é nomeado para Pernambuco o interventor federal Carlos de Lima Cavalcanti. Este, favorável às ideias e ânsias defendidas por Ulysses, de ampliação e reforma da assistência aos enfermos mentais, o nomeia para mais uma vez o cargo de diretor da Tamarineira. E é pelo decreto nº 26, de 10 de Janeiro de 1931, que formalmente é criada a Divisão de Assistência a Psicopatas (termo corrente na época, de equivalência a “enfermos mentais”) do Estado de Pernambuco. A partir da Assistência a Psicopatas, toda a estrutura de atendimento, prevenção e reabilitação psiquiátrica do estado iria, sem exceções, ser afetada.

O Hospital de Alienados da Tamarineira passa a abrigar somente os quadros psicóticos considerados agudos; descentraliza-se, assim, o atendimento psiquiátrico no local e, a partir daí, é rompida a lógica hospitalocêntrica no Estado.

É criado, em um antigo casarão adaptado ao serviço de atendimento médico – casarão que logo seria batizado de “Hospital Correia

Picanço” – um Serviço Aberto, que contava com um concorrido ambulatório. Cabe aqui a justa observação: esse serviço foi descrito como sendo o primeiro do tipo em todo o Brasil; e tinha, tanto em sua idealização como na dinâmica de atendimento, princípios equivalentes aos dos atuais serviços ambulatoriais que compõem a principal estratégia de atendimento psiquiátrico no Brasil. Ulysses Pernambucano, nesse ponto específico, pareceu vislumbrar a tendência do futuro da psiquiatria não só brasileira, mas também mundial, antecedendo os movimentos antimanicomiais, as discussões realizadas na sociedade civil, a organização de entidades de direitos aos enfermos mentais, até chegarmos ao estado atual da questão. Dizia o mesmo dos serviços abertos: “tudo leva a crer seu desenvolvimento cada vez maior em detrimento dos hospitais fechados”.

É importante destacar o caráter distintivo do atendimento médico-psiquiátrico que se inaugura nessa época, em Pernambuco. A regra agora passaria a ser não mais a contenção, o amontoado de leitos, a sujeira e falta de acesso aos itens mais básicos de higiene, alimentação e vestuário. Agora, se iniciaria uma era de cuidados, de dedicação total aos enfermos, uma época de prevenção de enfermidades maiores inclusive. Se passaria, por exemplo, a colher regularmente exames de Líquido Cefalorraquidiano (LCR) para detecção e tratamento da neurosífilis, em um também recém-inaugurado Laboratório de Análises. São as palavras do próprio professor Ulysses que ilustram o espírito que avivaria essa era de cuidados aos pacientes mentais:

“O psiquiatra é o protetor do doente mental. Essa função é inerente à sua pessoa. Quando um governo nomeia um diretor para um hospital de psicopatas não faz um funcionário de sua confiança. Designa, antes, um curador nato para esses doentes, um defensor de seus direitos a tratamento humano, a alimentação sadia, a cuidados de enfermagem, a dedicação dos médicos.”

É criada, também, uma Colônia agrícola na cidade de Barreiros, para os pacientes ditos “alienados” (pacientes psicóticos crônicos), a qual receberia o nome de “Colônia de Alienados Vicente Gomes de Mattos” (homenagem ao 1o diretor do local). Nessa colônia, os pacientes tinham por meta maior conseguirem algum grau de reabilitação, que seria incentivada principalmente através de atividades laborativas – a praxiterapia (equivalente à atual Terapia Ocupacional). Ou seja, buscava-se a reintegração dos enfermos à uma vida produtiva, um vínculo social de trabalho, de utilidade, através das atividades de agricultura oferecidas na Colônia e de outros tipos de produção manual em que o paciente manifestasse interesse. Também seriam enfatizadas a assistência familiar, elemento de fundamental importância na ressocialização, e foi inclusive implantado um projeto de Assistência hetero-familiar, através do qual famílias acolheriam em suas residências, recebendo o devido apoio material e de saúde, os pacientes da Colônia. Esse projeto, uma ideia tão bonita quanto demasiadamente idealista do prof. Ulysses, lamentavelmente não daria certo.

Também um Manicômio Judiciário foi planejado e, inicialmente, posto em pré-funcionamento nas dependências do próprio Hospital da Tamarineira, contrariamente ao projeto inicial de Ulysses, que o havia desejado instalar em um terreno próximo ao Hospital. O seu funcionamento regular foi postergado, entretanto, e só se daria em caráter definitivo em agosto de 1953, nas dependências do Engenho Monjope, em Igarassu. Atualmente funciona em anexo à Penitenciária Agrícola de Itamaracá.

Nos parece correto crer, contudo, que sua mais destacada realização, além de todas essas comentadas, foi a criação do Serviço de Higiene Mental. Tratava-se de um órgão voltado não para o atendimento psiquiátrico, ou para a reabilitação dos enfermos mentais; mas sim voltado para a prevenção em saúde mental, para a abordagem do neuro-sanitarismo – um projeto pioneiro e, por que não dizer, revolucionário para a psiquiatria nacional. O Serviço contava com três vertentes: a estatística, a de divulgação, e a de assistência social. Na

vertente estatística, destacam-se as regulares pesquisas e coleta de dados epidemiológico-estatísticos realizados, principalmente entre as classes sociais mais pobres, entre a população praticante de religiões africanas e outras religiões populares, entre os escolares recifenses, etc. Na vertente de divulgação, os meios de comunicação de massa foram postos ao serviço de neuro-profilaxia, através de programas, textos, palestras que abordavam temas como a sífilis, o alcoolismo, o uso de substâncias psicotrópicas, etc. A partir de 1933 passaria a ser veiculado um Boletim de Higiene Mental. Em relação à assistência social, pode-se colocar como destacada a ação das visitadoras sociais, que eram, na realidade, auxiliares técnicas que desempenhavam funções de serviço social. As visitadoras receberiam do mestre Ulysses, posteriormente, a seguinte referência elogiosa: “A Visitadora social é um elemento indispensável para a saúde psiquiátrica”.

Poder-se-ia considerar também uma vertente de psicologia, se considerarmos que o Instituto de Psicologia, já então denominado Instituto de Seleção e Orientação Profissional, fora anexado, durante esse rol de reformas da Assistência a Psicopatas, ao funcionamento do Serviço de Higiene Mental. É importante ainda destacar que, sob a supervisão desse Serviço, as seitas e manifestações religiosas populares passariam da repressão policial, que agia através de atitudes de prisões e violência, a uma fase de liberdade de culto, com a devida fiscalização e orientação do pessoal do Serviço de Higiene. As minorias religiosas agora poderiam, através de permissões oficiais concedidas após uma avaliação de caráter neuro-higienista, exercer de forma livre de repressões suas representações religiosas.

A ideia da criação desse Serviço teve repercussões no país todo, a ponto de influenciar a criação de um Serviço Nacional de Higiene Mental, junto ao Departamento de Saúde Nacional, em 1935. Sentindo necessidade de um elo maior entre a sociedade civil e os agentes implicados no processo da saúde mental (os psiquiatras, pacientes, enfermeiros, etc.), Ulysses Pernambucano decide fundar, em 1933, a Liga de Higiene Mental de Pernambuco. Liga essa que tinha

orientação bem diferente e independente da Liga Brasileira de Higiene Mental – instituição fundada em 1923, no Rio de Janeiro, e de orientação predominantemente eugenista, patrocinadora de ideias como a da degeneração moral da população brasileira por conta da miscigenação, e a necessidade de se incentivar uniões entre os brancos para resgatar essa moral; até mesmo ideias fascistas ao ponto de se propor esterilização em massa da população pobre, para conter o avanço de enfermidades mentais. A Liga de Pernambuco congregava estudiosos e interessados em geral pelas questões de saúde mental – médicos, sociólogos, juristas, professores, religiosos e outros – para uma abordagem das questões de saúde mental ampliadas de um foco puramente psiquiátrico, para então serem analisadas e debatidas sob vários aspectos.

Na verdade não era simplesmente a Liga de Pernambuco que possuía uma orientação bem diferente das questões sociais que se interrelacionavam à psiquiatria. Quem a possuía, a bem da verdade, era o Dr. Ulysses Pernambucano. Esse homem não só não aceitava as teses racistas vigentes à época, como batia de frente com o distanciamento social implícito entre as camadas mais altas da população para com as classes pobres. Era, antes de tudo, um defensor das minorias religiosas, da população afro-descendente marginalizada, da população economicamente mais carente, e não se incomodava de se ver entre essa população, orientado-a, auxiliando-a, e procurando saber mais sobre seu modo de vida, seus hábitos culturais, descortinando toda uma gama de riquezas sociais e antropológicas desprezadas pela elite.

Essas ações e ideais defendidos por Ulysses se mostrariam elementos diretamente implicados em duas coisas: uma, no intenso intercâmbio intelectual com seu primo e amigo, Gilberto Freyre, que publicaria em 1933 uma das mais consagradas obras sociológicas (e antropológicas e literárias, apontam também) do Brasil, “Casa Grande & Senzala”, obra capital para o entendimento da formação e desenvolvimento do Brasil. A segunda, foi o acontecimento do 1º Congresso Afro-Brasileiro, realizado em 1934, idealizado por Freyre e bastante incentivado

por Ulysses, que participou do mesmo. Nesse congresso – bastante insólito, diga-se de passagem, congregando pais-de-santo, médiuns espíritas, psiquiatras, folcloristas, juristas, entre outros – foi-se discutida a influência marcante da cultura negra na formação cultural e social do Brasil, reconhecendo-se estes como elementos genuínos e fundamentais no processo de formação da identidade nacional.

No ano seguinte (1935), porém, haveria um episódio que serviria de estopim, para a determinação dos infelizes acontecimentos que viriam ao encontro de Ulysses Pernambucano: a Intentona Comunista, liderada por Luís Carlos Prestes. Essa tentativa militar, de orientação comunista, de derrubar o governo de Vargas, serviu de pretexto para o mesmo permanecer no poder, recrudescer o tom político anti-comunismo e, posteriormente, instalar o regime ditatorial do Estado Novo, em 1937. Esse evento ocorrido fazia parte de um contexto, na verdade, de vários episódios extremistas político-sociais que ocorriam pelo país e pelo mundo, e que cada vez mais instalavam a intriga e a desconfiança, a partir da polarização extrema entre a direita e a esquerda política.

Clima esse de desconfiança e traições que, mais cedo ou mais tarde, recairia sobre Ulysses Pernambucano. Um psiquiatra que em um Estado regionalista, conservador e elitista, não somente falava como punha em prática reformas na educação, reformas no pensamento estudantil, que se misturava a negros praticantes de seitas afro-americanas, reconhecia-os em seus direitos e contribuições culturais, que reivindicava para os desassistidos do sistema psiquiátrico mais verbas, refeições decentes, boas condições de vida para os mesmos. Em resumo, um “subversivo” em potencial. Poderia ter sido as pesquisas que pretendia fazer sobre os trabalhadores de usinas em Pernambuco, ou sobre a qualidade de vida dos estudantes recifenses, ou até mesmo as inimizades políticas – como a que possuía com o novo interventor federal do Estado, Agamenon Magalhães – que o fariam alegadamente entrar para a lista dos “indesejados” do Estado Novo; mas o fato é que inevitavelmente alguém como ele iria, mais cedo ou

mais tarde, ser apontado como um transgressor, como um insurgente contra a ordem vigente.

E assim foi que, em 1935, algum tempo após o episódio da Inten-tona, Ulysses é preso, acusado de subversão. Passa 60 dias de porta batida na imunda Casa de Detenção do Recife, quando o Tribunal de Segurança Nacional – órgão criado pelo regime para julgar os acusados de subversão – decide por soltá-lo. A partir daí, os inquéritos policiais tornam-se constantes, muitos dos quais por influência direta de Agamenon Magalhães, que o perseguia incansavelmente por considerar a mente brilhante e contestadora de Ulysses uma ameaça à sua autoridade como Interventor. É nesse meio-tempo que sofre seu primeiro infarto, reflexo das injustiças e intolerâncias cometidas e o consequente desgaste mental e físico.

Além disso, não deixariam aquele “subversivo perigoso”, entusiasta das escandalosas ideias professadas pela ainda recente psicanálise, sem nenhuma restrição após sua soltura. Foi aposentado compulsoriamente de suas atribuições, sendo proibido de exercer quaisquer cargos públicos; na Faculdade, único reduto que lhe ainda restava, onde ensinava a cátedra de Semiótica Neuropsiquiátrica, foi proibido, por conta de alterações feitas em regimento do Departamento Hospitalar, de utilizar pacientes, instalações ou material clínico para professar aulas ou cursos... Queriam em verdade silenciar a voz e o braço ativos de Ulysses Pernambucano.

Mas estavam enganados os inimigos que pensavam que assim o haviam feito sucumbir ao conformismo e ao esquecimento. Pelo contrário: em 1936, funda o Sanatório Recife, instituição modelar, e primeira entidade privada desse tipo no Estado. O Sanatório Recife se encontra em funcionamento, à rua Padre Inglês, na Boa Vista. Em 1938, funda a revista *Neurobiologia*, em substituição à antiga “Arquivos da Divisão de Assistência a Psicopatas”. Essa revista é até hoje publicada, sendo que mais ainda, é atualmente uma das principais publicações do gênero no país, de periodicidade trimestral,

publicando trabalhos na área de Psiquiatria, Neurologia, Neurociências e adjacentes.

Em 1938 igualmente funda a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, órgão de caráter inicialmente regional mas que, devido ao trabalho permanente de Ulysses para sua consolidação e ampliação, logo passou a se expandir, tendo sido realizado um primeiro congresso em João Pessoa, nesse mesmo ano, seguido por um segundo em Aracaju, em 1940, e posteriormente em Natal, em outubro de 1943. Essa sociedade pouco-a-pouco conseguiu tomar proporções nacionais, e funcionou como um embrião da futura Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), fundada em 1966. Essa sociedade representou, ademais, juntamente com a revista *Neurobiologia*, uma característica importante da constituída Escola de Psiquiatria do Recife: a primazia pela união das diversas ciências da mente (neurologia, psiquiatria, neurociências, etc.), atuando contrariamente à separação das mesmas.

No dia 5 de dezembro de 1943, fisicamente debilitado por um coração que já há anos sofria crescentemente das consequências de um infarto, falece Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho, estando o mesmo no Rio de Janeiro, aos 51 anos de idade. Não assiste ao fim do Estado Novo, que se daria dois anos após, em 1945. Não assiste, igualmente, a um extenso período de retrocesso em relação às suas ideias, com o reavivamento do modelo hospitalocêntrico e da tão vil “indústria de leitos”, situação que só mudaria no Brasil a partir da década de 90 do século XX.

Entretanto, deixaria Ulysses – afora todas as conquistas que realizou, todas as inovações, ideias, projetos e trabalhos acadêmicos – ainda mais uma contribuição: a de tacitamente fundar, e deixar o legado de perpetuação, de toda uma escola de pensamento médico-psiquiátrico atualmente difundida pelo país: uma psiquiatria de bases fundamentalmente sócio-culturais. Embora tenha tido uma formação biologicista e vivido em uma época onde as teses eugenistas predominavam

no pensamento social, soube Ulysses romper as amarras da ideologia e ampliar sua visão médica a ponto de uni-la a campos aparentemente distantes como a Antropologia e a Sociologia, e a partir daí entender como poucos a importância das estruturas sociais, do fenômeno da coletividade, em questões estritamente ligadas ao aparecimento de enfermidades mentais isoladas.

Não restam dúvidas de que as ações e os pensamentos de Ulysses Pernambucano permanecem atuais. Poucos meses antes de morrer, em 1943, proclamou o seu famoso texto “A Ação Social do Psiquiatra”, durante a abertura do 3o Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, em Natal. Nesse texto, curiosamente, há uma passagem que, de imediato, nos faz depararmos mais uma vez em o quão atual não nega ser a voz e o pensamento desse genial psiquiatra brasileiro – dessa vez o assunto envolveria recentes acontecimentos, ligados a um possível fechamento e demolição do antigo Hospital de Alienados da Tamarineira, atualmente o “Hospital Ulysses Pernambucano”. E é assim mesmo, que encontramos escrito em seu discurso final:

“O que permite que seus doentes andem nus, cobertos de vermina e cheios de equimoses – não é um psiquiatra. O que consente, ainda que por simples omissão de protesto, que se destrua um grande hospital psiquiátrico, ligado, por tantos títulos ao desenvolvimento e história da assistência a alienados – não é um psiquiatra. O que não afronta poderosos para defender o doente mental quando privado de qualquer de seus sagrados direitos a assistência e proteção por comodismo, interesse pessoal ou receio de represálias – não é um psiquiatra.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRETO, Anita P. Ulysses Pernambucano, educador. **Psicologia: ciência e profissão**. V. 12, n.1, Brasília 1992. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98931992000100003&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 21 out. 2010.

BASTOS, Othon. A Atualidade de Ulysses Pernambucano. In: _____. **A História da Psiquiatria em Pernambuco e outras Histórias**. São Paulo: Leme Editorial, 2002. cap. 12, p. 103-112.

BASTOS, Othon et al. Atenção à Saúde Mental em Pernambuco: Perspectiva Histórica e Atual. **Neurobiologia**. Recife. n. 1. p. 183 - 197. jan./mar. 2010. Disponível em: <[http://www.neurobiologia.org/ex_2010/19_Artigo_VeraTO\(OK\).pdf](http://www.neurobiologia.org/ex_2010/19_Artigo_VeraTO(OK).pdf)>. Acesso em: 21 out. 2010.

CODECEIRA, Zília de Aguiar. **A Psiquiatria que conheci**. Recife: ED-Micro, 2009.

FUNDAJ. Ulysses Pernambucano. In: Pesquisa Escolar FUNDAJ. 10 mar. 2010. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=151&Itemid=1>. Acesso em: 21 out. 2010.

MEDEIROS, Tácito A. Primórdios. In: BASTOS, Othon. **A História da Psiquiatria em Pernambuco e outras Histórias**. São Paulo: Leme Editorial, 2002. cap. 11, p. 97-102.

MELO, Walter. Ulysses Pernambucano: o enamorado da liberdade. **Mnemosine**. V. 1, n. 0, p.185-192 . 2004. Disponível em: <<http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view-File/236/232>>. Acesso em: 21 out. 2010.

MIRANDA, Carlos A.C. **A arte de curar nos tempos da colônia**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2004.

PEREIRA, Mário E. Costa. Ulysses Pernambucano e a questão da “Higiene mental”. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, ano VIII, n.1, p. 123 - 129, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/classicos.mario.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2010.

PERNAMBUCANO, Ulysses. A ação social do Psiquiatra. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, ano VIII, n.1, p. 130-136, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/classicos.ulysses.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2010.

PICCININI, Walmor J. Voando sobre a Psiquiatria Brasileira: ULYSSES PERNAMBUCANO (1892-1943). *Psychiatry on line Brasil*.v. 6 n. 2. Fev. 2001. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano01/wal0201.php>>. Acesso em: 21 out. 2010.





*Prêmio Professor Salomão Kelner – 2011
Publicação do Trabalho Premiado*

*Um comentário acerca dos primeiros Annaes
da Sociedade Pernambucana de Medicina*

Recife, dezembro de 2011



UM COMENTÁRIO ACERCA DOS PRIMEIROS ANNAES DA SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE MEDICINA¹

*Isla Santos Bezerra,
Juscille de Souza Barros,
Polianna Guedes Granja,
Rebeca Mangabeira Correia.²*

RESUMO

O primeiro exemplar do annaes da sociedade pernambucana de pernambuco retrata, além das características geográficas da cidade do Recife no século dezanove- em 1842, a realidade da saúde na localidade, bem como todos os aspectos influentes. Com a criação da sociedade, o incentivo à formação de um pensamento crítico dos profissionais médicos. A sociedade teve o árduo trabalho tanto de organizar quanto de fomentar o progresso científico da época, já que o conhecimento era compartilhado e discutido no meio médico. Doenças prevalentes, tratamentos adotados, características topográficas e comentários de médicos e de outros profissionais do meio científico enriqueceram e engrandeceram o exemplar. O comentário acerca dessa publicação relevante para a história da medicina de pernambuco tem como base a publicação original.

Palavras-chaves: Annaes, Recife, Sociedade, 1842, doenças, medicina, topográficas, saúde.

1 Trabalho para participação no concurso “Prêmio prof. Salomão Kelner” promovido pela Academia Pernambucana de Medicina com o tema “História da Medicina de Pernambuco ou vultos da Medicina que marcaram época no Estado”

BEZERRA_ISLA, BARROS_JUSCIELLE, GRANJA_POLIANNA, CORREIA_REBECA. Um comentário acerca dos primeiros annaes da Sociedade Pernambucana de Medicina. Recife: UPE, 2011, 18fl., Concurso “Prêmio Professor Salomão Kelner”.

2 Acadêmicas do curso de Medicina da Universidade de Pernambuco - UPE

A criação da Sociedade de Medicina de Pernambuco, em Quatro de Abril de 1841 foi um marco na história do Estado (então, Província) e desde seus primórdios, um benefício incontestável para a sociedade pernambucana. Principalmente, pelos estudos realizados por seus membros em relação às doenças que prevaleciam na região, à prevenção, à epidemiologia, aos agravos, e aos tratamentos de tais enfermidades.

O número inaugural do “Annaes da Medicina Pernambucana” foi publicado em 1842. Foram feitos seis números, de grande valia para a sociedade não só da época, mas de toda a conjuntura social brasileira, com a divulgação de tópicos importantes. Nesta primeira publicação, constituinte do conjunto de fascículos, tem-se decassílabos camoneanos como título “Desta arte se esclarece o entendimento; Que experiências fazem repousado”. A publicação divide-se em sete tópicos:

1. Proêmio, editorial sem assinatura;
2. Discurso proferido pelo Dr. Antônio Perigrino Maciel Monteiro em quatro de abril de 1841;
3. Estatutos da Sociedade de Medicina de Pernambuco;
4. Resposta às sete questões do programa Boubas;
5. Programa dos prêmios para o ano de 1843;
6. Observações meteorológicas feitas no bairro da Boa Vista;
7. Aviso a Sociedade: Consulta gratuita às pessoas sem condições de retribuir aos facultativos.

A princípio, o editorial disserta sobre os progressos da ciência desde a Europa até a capital Pernambucana, com a criação de corporações médicas e com a característica valiosa do povo como capaz de tocar a perfectibilidade moral e civilização. Assim, organiza-se a Sociedade de Medicina: cada médico deixa de estar isolado à busca de trabalhos

alheios em países longínquos, e evidencia-se a maior imparcialidade e exatidão com uma investigação constante da verdade. As associações firmar-se-iam como verdadeiramente instrutivas quando respaldadas na razão. Assim, em 01 de outubro de 1841 surgiu a Sociedade de Medicina de Pernambuco, com a característica de os constituintes serem ávidos em contribuir e promover o progresso, em conhecimento e com admiração e amor à ciência. Médicos, cirurgiões, farmacêuticos e membros honorários - pessoas consideradas “do saber” de outros ramos científicos - constituíam a Sociedade. Diversos objetivos foram listados e, engenhosamente, traçados para a realização efetiva, tais como prestar serviços à comunidade por meio de consultas gratuitas e lembrar às autoridades da melhoria de salubridade. É perceptível como é enfatizado quão árduo, difícil e custoso surgiu o Jornal-elemento, valioso para as Associações científicas - com o intuito de progredir a ciência em benefício da humanidade. Seria assim, o canal por onde haveria a transmissão e a propagação de ideias, instrução em massa da população, incentivo e estímulo para despertar os ânimos e ativar os trabalhos.

O discurso de Dr. Antônio P. M. Monteiro revela o significativo valor da Sociedade de Medicina de Pernambuco para a humanidade, inicialmente ressaltando o homem como primeiro e maior objeto de cuidado. Seria o homem o mais nobre constituinte da Sociedade e a medicina é considerada como um complexo; a investigação das doenças próprias e privativas das classes se faz necessária: habitação, alimentação, maneira de ser da população, hábitos e indústrias. A conferência - realizada na Sociedade - foi um frutífero exercício, revelando ser um vínculo robusto e suave da confraternidade; como recompensas, a troca das ideias, observações e experiência. O Dr. Monteiro é honroso em proferir tal discurso, dirige votos de consideração e respeito aos cidadãos com o vocabulário específico da época e exalta a importância da Sociedade de Medicina de Pernambuco para a humanidade e para a ciência.

Os estatutos da Sociedade, como um regulamento interno da associação, são em número de oito e normatizavam desde a denominação da Sociedade até atribuições específicas dos constituintes da mesma. O primeiro título, por exemplo, tem como finalidade a denominação da Sociedade e suas finalidades. Promover na província os avanços da medicina e de outros ramos da ciência, além de conferir à classe médica a sua posição que lhe é assinalada pela nobreza da profissão. Têm características mais categóricas, o segundo e o terceiro títulos, ao revelar a composição, as regras para a entrada na Sociedade e as atribuições dos membros efetivos, honorários e correspondentes. Os demais títulos seguem-se respaldados na razão e em organizar e efetivar a criação da associação.

A discussão sobre as Boubas, naquela época ainda era incipiente, mas ressaltava e respondia os questionamentos plausíveis com os acontecimentos da época. A doença acometia muitos habitantes da província, em especial aqueles que eram oriundos do interior – destaque importante para a descrição da doença. Na época, acreditavam que a doença era originária da África, muito embora pessoas de todas as raças pudessem ser assoladas. Pian, frambésia ou boubas designavam a mesma doença. Não se pode afirmar veementemente que a doença foi trazida da África, ainda que tenha sido verificada em africanos. A consideração é feita no entorno das condições vividas pelos habitantes do interior. As raças seriam acometidas sem preferências, mas a raça africana era consideravelmente mais afetada devido às condições de má nutrição e entrega a todo tipo de infecção do ambiente da época. Era verificada em todas as estações, idades, sexos e a contaminação, naquele tempo, era vista como um conjunto de condições individuais e atmosféricas, sendo esta constituída de elementos alteráveis. Tratamentos com “sudoríficos” nos casos não associados à sífilis e com mercúrio se estivessem complicados e relacionados à sífilis. Não era confundida com a sífilis, ainda que sejam causadas por agentes etiológicos de mesmo gênero. A utilização do mercúrio era por vezes reprovada por alguns autores da época. Infere-se que

o conhecimento obtido até aquele momento acerca da doença era considerável, até porque na década de 50 quase se erradicou a doença.

Além disso, são discutidas as doenças mais prevalentes na cidade, juntamente com as prováveis causas. O autor cita “miasmas pestilenciais” entre outras condições existentes, tais como o clima, as temperaturas elevadas e a época de chuvas, o lixo nas proximidades do litoral, entre outras influências. Destaques são feitos quanto à doença chamada de hidrocele, a qual vinha demonstrando um caráter crescente desde aquela época. A filariose, nome adotado atualmente, já era endêmica na região de Recife e proximidades em 1842 e acometia desde crianças a adultos; a publicação advertia a população em relação a cuidados pertinentes a serem atentados, tais como roupas, moradia e modos de vida. São dissertados os tratamentos utilizados na época, bem como a maior incidência em homens adultos e a profilaxia estudada no período.

Os receios quanto à moléstia eram inúmeros, já que: não havia vacina, a dificuldade em controlar o crescimento dos casos era grande e os conhecimentos sobre o mecanismo da doença e tratamentos eram bastante escassos. Vários autores já citavam o sistema linfático como sede da doença, mas essa informação ainda era considerada duvidosa. Cogitava-se ainda, que a doença fosse consequência de sucessivas erisipelas.

Atualmente, sabe-se que a filariose é uma doença que acomete o sistema linfático e cujo agente etiológico recorrente no Brasil é um helminto da espécie *Wuchereria bancrofti*. O vetor da infecção é a fêmea do mosquito *Culex quinquefasciatus*. Infelizmente, passados 169 anos dos relatos da Sociedade de Medicina de Pernambuco, o problema ainda é motivo de preocupação para cidades como Recife, Olinda, Jaboatão, Paulista e outros municípios próximos.

Como já é sabida, a vacina esperada pelos médicos do século XIX, ainda não foi desenvolvida. De acordo com dados da OMS do ano de 2008, cerca de 751 milhões de pessoas no mundo viviam em áreas endêmicas. Destas, 72,8 milhões estavam infectadas por *W. bancrofti*.

O Recife e algumas cidades vizinhas têm características que favorecem a permanência da doença na região. O processo de urbanização clássico de países em desenvolvimento evidenciou o que Milton Santos denominou como os dois circuitos da economia urbana. De um lado, a modernidade tecnológica e de outro, um circuito inferior, caracterizado pela multiplicidade de atividades do setor terciário e pequena produção de manufaturas. Essa diferença reflete-se na habitação, nas condições de vida e no acesso à saúde das populações inseridas nesse processo.

Na cidade de Recife, a situação se agrava devido às condições geográficas. Já que é cortada por rios, canais e construída (boa parte) à custa de aterro de áreas de mangue. Portanto, está sujeita a alagamentos periódicos, o que, aliado às péssimas condições de saneamento básico, favorecem a proliferação do vetor da filariose. Diante disso, percebe-se a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas de saúde, habitação e saneamento e de um controle epidemiológico que vise à maior prevenção e consequentemente, a diminuição dos números de casos de filariose.

Essa visão, já estava presente na Sociedade de Medicina de Pernambuco nos seus primeiros anos de atuação. Nessa época, foi enviada ao presidente da Província uma representação da Sociedade, no intuito de evitar epidemias de doenças favorecidas pelos grandes volumes de água de chuva estocada e pelo acúmulo de matéria animal e vegetal nas águas empoçadas. Já se relatava a preocupação com a obstrução de ruas e com a invasão de casas pelas águas das chuvas. A rede de esgotos e os aterros feitos no litoral também levantavam questionamentos dos médicos e do restante da população da província. Olinda (que ainda era uma cidade da província de Recife) tinha problemas ainda maiores, resultantes dos desmatamentos, construção de aterros, obstrução e estreitamento de rios.

A topografia da cidade do Recife merece destaque na discussão devido à associação, na época, relacionar diversos profissionais de ciências distintas para constituir a Sociedade. A cidade, em 1842, era dividida

em três bairros, sendo esses: Recife, Santo Antônio e Boa Vista. O estado de Pernambuco era caracterizadamente limitado ao Nordeste pelo Oceano, ao Sul com Alagoas, ao Poente com Piauí, com o rio dos Cedros/ Capibaribe atravessando os três bairros. É enfatizado um pântano ao Norte de Olinda como desencadeador de insalubridade e chama-se a atenção dos representantes para um necessário desalagamento, em especial durante a época de chuvas - não somente nas ditas primeiras águas em janeiro, mas de março a agosto, quando a população mais carecia de cuidado no tocante a esse aspecto. A caracterização de doenças da época se faz de maneira sem delongas, a exemplo das febres, tanto a benigna (com um caráter inflamatório e remitente, inicialmente, cedendo a tratamentos ditos antiflogísticos) quanto à biliosa (contagiosas, com inflamação dolorosa das glândulas parótidas e supuração. As boubas, das quais se trata a discussão anterior, eram comuns não somente no Brasil, mas também na Costa de Guiné; outras doenças mereceram destaque nessa seção, tais como o tétano, a anemia intestinal, o bicho de pé causado pelo *Pulens penetrans* e o anthrax por estarem altamente relacionados com a moradia da população. Na medida em que se discute acerca da topografia em Recife, percebe-se que havia uma preocupação com a relação ambiente/ saúde e a influência daquele sobre o indivíduo. Destaca-se, também, a relação da insalubridade com a maior incidência de doenças com determinadas populações e em locais problemáticos.

De acordo com o doutor Mavignier, o clima do país permitia a aplicação do aforismo de Hipócrates: "Em todas as estações há moléstias, porém algumas se desenvolvem, outras se agravam de preferência em tal estação, do que em tal outra". Desse modo, percebe-se que o clima e as mudanças no tempo eram constantemente relacionados ao aparecimento e agravamento de doenças diversas, principalmente, as do trato respiratório. Em geral, os resfriados, gripes e bronquites eram pouco preocupantes. Não obstante, a possibilidade do desenvolvimento de uma tuberculose (na época, ainda denominada como thisica) era motivo de apreensão pelos médicos e para a sociedade de Pernambuco.

Ratifica-se uma reflexão acerca de estudos metereológicos, estabelecendo uma relação entre umidade, ventos, estações do ano e a saúde dos habitantes. O Dr. Mavignier descreve que, ainda que o clima da província fosse um dos mais benignos do globo, algumas enfermidades eram desenvolvidas pela influência dos modificadores. Diversas observações são curiosas, perante os avançados estudos atuais, como a associação entre moléstias de fígado com menor ocorrência durante o inverno, o consumo de farináceos e a ocorrência das chamadas “hydronemias” e do clima com algumas afecções morais.

Outra preocupação pertinente para os médicos à época da criação da Sociedade de Medicina de Pernambuco era a quantidade de doenças que atingiam as vísceras abdominais e que, de acordo com o conhecimento que predominava, estavam ligadas a alterações da circulação. Muitas vezes, essas alterações eram vistas como influenciadas pelas altas temperaturas encontradas na região. É óbvio, que diarreias e disenterias, por exemplo, eram interpretadas pelos médicos como resultados de vários fatores atrelados, dentre os quais, a dieta inadequada era um dos principais determinantes. Patologias que atingiam o fígado eram bastante temidas, com destaque para a hepatite, que geralmente apresentava péssimos prognósticos.

Uma grande dificuldade em se avaliar a eficácia de tratamentos da época era a insuficiência de dados registrados que embasassem estudos estatísticos. No caso da hepatite, a dificuldade começava com a quantidade de tratamentos, que divergiam muito de acordo com cada médico. Entre os métodos mais utilizados, estavam as emissões sanguíneas - já utilizadas por Galeno - especialmente, as realizadas com sanguessugas em torno da região anal.

A ocorrência de casos de varíola já levantava preocupações e a doença já era reconhecida como moléstia contagiosa. Por conta das lesões em formas de bolhas que afetavam os doentes, a patologia ficou conhecida como mal das bexigas. Houve epidemia em Pernambuco entre os anos de 1818/1819, 1825/1826 e em 1834/1835. O autor destaca que

“nessa época os hospitais e as casas de cuidado se enchiam de bexiguiros”. Diante de determinadas observações, os médicos estabeleceram uma relação da mortalidade pelo vírus variólico com as afecções intestinais, uma vez que se acreditava que o número de óbitos era maior durante ou mesmo após essas comoções. A primeira epidemia de varíola no Brasil começou em 1563, na Ilha de Itaparica, na Bahia e chegou até São Paulo, matando pelo menos 30 mil índios. *Meseba-ayba*, a doença maligna, era a maneira como os tupis denominavam a varíola. Na obra, destaca-se que os indígenas sofriam com uma espantosa mortalidade e isso ocorria pelo fato de possuírem uma pele mais dura e alterada pela contínua exposição às alterações nativas da atmosfera, ou pela organização particular, com erupção tardia e que em sete dias fazia do corpo uma só úlcera. Hoje, sabe-se que essa elevada susceptibilidade ocorria pela imunidade adaptativa pouco desenvolvida dos indígenas. Os escravos são citados como veículo certo do vírus, principalmente por acreditarem que se devia a eles a origem das bexigas que acometiam os cabanos do interior.

No dia 14 de maio de 1796, o médico inglês Edward Jenner descobriu a vacina como método efetivo para evitar a doença. O descobrimento dessa forma de imunização ativa foi exaltado pelo Dr. J. E. Gomes: “o vírus variólico foi felizmente impugnado pela vacina, dádiva com a qual Jenner brindou a humanidade”. Entretanto, destacam-se alguns problemas enfrentados para o sucesso da aplicação do método, entre os quais se cita a falta de zelo aos que vacinavam nas vilas do interior e a “ignorância crassa” apresentada pela população ao fugir da vacinação com medo. Esses fatos comprovam, segundo o livro, o desleixo no cumprimento na propagação da vacinação solicitada pelo governo. Entre os tratamentos, defendia-se o uso de antiflogísticos perante inflamação dos órgãos internos, sangrias, cataplasmas emolientes, fomentações oleosas, bebidas diluídas levemente aciduladas e dieta absoluta. Para cada situação, aplicava-se o método que melhor se adequasse. Devido ao receio de novas epidemias, a vacinação era considerada de significativa importância para evitar a propagação de casos pela província de Pernambuco.

Outro tema abordado foi a primeira “tracheotomia” praticada na cidade do Recife, no ano de 1843 pelo Dr. J d’Aquino Fonseca. Considerado o pai da medicina, Hipócrates descreve a asfixia, preconizando tratamento semelhante à intubação orotraqueal, uma vez que acreditava ser alto o risco de lesar as artérias carótidas através da traqueostomia. Acredita-se que o primeiro médico a descrever o procedimento para estabelecer uma via aérea foi Asclepiades, da Pérsia (124-56 aC), sendo, por isso, considerado o pai da traqueostomia. A operação foi depois confirmada por Galeno, que descreveu a anatomia laríngea e traqueal e pelo cirurgião grego Antyllus, no século II dC, sendo ele um dos primeiros defensores da técnica.

Em Pernambuco, parte dos médicos mantinha curiosidade e admiração pelo procedimento, que já havia sido realizado na Europa e cujos casos serviam de modelo e direcionavam as práticas. Eram brilhantes os resultados nos casos de sufocação iminente nas afecções do “tubo respiratório”. Entretanto, Celius Aurelianus, considerava a técnica criminosa e “chimerica”. Enquanto isso, Desault indicava a “operação” em casos de *phtysica laríngea*, sem chegar a praticá-la de fato. Goodéve em Julho de 1826, foi o primeiro a citar no London medical and phys. journal, os passos da introdução da cânula na traqueia para remediar uma obliteração no *larynx*. O paciente traqueostomizado desse caso viveu durante dez anos com a cânula, entretanto, o nome do médico responsável não foi citado.

O primeiro caso em Pernambuco ocorreu em 21 de Março de 1843, por solicitação do senhor de engenho, Sr. Lourenço de Sá e Albuquerque, que autorizou a realização da técnica, no intuito de salvar a vida de um escravo seu de grande valia. O paciente sofria a cerca de dezenove dias com uma faringite precursora de alguma bronquite. A gravidade era tamanha, que custou conter o doente na posição da operação, que seria realizada na “cama de vento”, por conta da dificuldade em respirar. Após várias intervenções sem sucesso, a traqueostomia foi realizada e proporcionou considerável melhora ao paciente em questão.

Chama atenção a diversidade dos temas trabalhados e discutidos na Sociedade Pernambucana de medicina. Entre eles, pode-se citar o estudo acerca dos benefícios do uso do Agrião do Pará (*Spilanthes oleracea*), sobrenomeada na flora médica das Antilhas. É feita a descrição da planta e de suas ações, através do uso do xarope de agrião por exemplo. Sua indicação era feita para as moléstias escorbúticas, promoção da diurese, moléstias do peito e como maneira de fortificar o aparelho gástrico. Atualmente, sabe-se que o Jambu, como também é conhecida a planta, possui moléculas do grupo das alquilamidas, destacando o espilantol, que possui efeito indutor da salivação e estimulação do nervo trigêmeo.

Apesar da notável produção de conhecimento no país durante essa época, a sociedade pernambucana de medicina queixava-se da falta de estudos que abordassem a relação causa-efeito da erisipela e da elefantíase, assim como a análise química das águas da cidade, por exemplo. Para estimular a elaboração de novos estudos, alguns prêmios foram propostos. A renovação do conhecimento era constante e que era cada vez mais discutido em grupos, de significativa importância, assim resumida pelo secretário perpétuo da sociedade, Dr. José Joaquim de Moraes Sarmiento: “A união dirigida pela inteligência é o único meio de força notavelmente produtora para todas as empresas humanas e é por isso mesmo que o número de associações de sábios, artistas ou literatos é um dos indícios do grau de civilização a que chegou um povo”.

Ao analisar o livro em questão, observa-se como questões envolvendo enfermidades com causas desconhecidas desafiaram a mente dos mestres da ciência. Como ocorreu em um caso, no qual um casal procriou alternadamente filhos mudos e com fala. Na época, essa ocorrência levantou a seguinte questão: “Qual será a causa determinante desse fenômeno tão extraordinário?”. Curiosamente, essa questão já resolvida e de fácil entendimento na nossa contemporaneidade já foi alvo de inquietudes na mentalidade de grandes médicos do passado. Analogamente, autoridades da ciência ainda são alvos de inquietudes

em busca de respostas sobre doenças que ameçam a integralidade da saúde humana, como a AIDS e o câncer.

Outro fato de destaque citado no livro foi a operação de tenotomia, onde se realizava a secção dos tendões como meio curativo das retrações musculares. O autor discursa que muitas pessoas tinham receio em relação a essa cirurgia, perdendo assim a oportunidade de cura ou melhora de certos tipos de deficiências. Um termo técnico citado ao realizar essa operação foi o Método de Delpech durante a secção subcutânea dos tendões de Achilles. Hoje já se sabe que as técnicas que atuam no tendão podem ser por via percutânea ou por via aberta pela técnica de Hock, ambas as vias apresentando resultados semelhantes na literatura.

É perceptível que, durante essa época do século XIX, já se acreditava que causas morais poderiam desenvolver certas afecções, principalmente aquelas que se ligam intimamente com o sistema nervoso. De acordo com esse pensamento, cita-se o caso do Desembargador José Libânio de Souza que era portador de uma alteração da medula espinhal e o fato de esse indivíduo ter sofrido desgostos com a infausta notícia da aposentadoria dos desembargadores reforçou o diagnóstico do médico sobre o problema neurológico do referido paciente.

Coincidentemente, é anunciado no livro o assunto para a memória que há de ser premiada em 1844. O escrito seria sobre as causas e tratamento das moléstias orgânicas do útero e seria voltado às necessidades locais. Nesse contexto, percebe-se que era alta a frequência do cancro uterino. Sendo assim, o que era recomendado pelos ilustres autores como recurso mais eficaz para curar as moléstias orgânicas do útero era a aplicação de “bichas” (sanguessugas). Segundo a parteira Rita Maria dos Prazeres que aplicava sanguessugas no colo do útero há mais de vinte anos, a maior parte das doentes eram curadas da inflamação ou da dureza. Em outras mulheres, desapareciam as feridas e também ficavam boas. No entanto, as mulheres que tinham feridas profundas, pouco aliviavam a afecção, morrendo todas.

A cauterização uterina na Província não era praticada, em geral, para destruir o tecido cancerígeno, mas sim ora para conter hemorragias, ora para modificar as úlceras. Contudo, havia relatos de médicos franceses de que a cauterização dos tecidos cancerosos ora resultava em cura, ora resultava em melhorias às suas doentes. A amputação dos colos cancerosos não era amplamente realizada e difundida naquela época.

Neste período de 1842- 1844, era opinião geral entre os médicos de que havia influência do vírus venéreo no desenvolvimento dos cancros uterinos. Acreditava-se também que a desproporção entre os órgãos genitais entre um casal seria causa de cancros uterinos, chegando a ser defendida a proibição de casamentos prematuros. Ademais, observava-se que a excessiva excitação dos órgãos genitais femininos e o hábito de a mulher estar sentada de pernas cruzadas sobre tábuas duras ou esteiras, fazendo o útero suportar o peso dos intestinos e o impulso do diafragma, passando assim a maior parte de sua vida, poderiam ser causas de doenças orgânicas uterinas e de cancros uterinos.

Como ocorrido em outros estudos, as pesquisadas realizadas na Europa chamavam a atenção e muitas vezes, serviam como fonte de comparações. Um exemplo é a análise da ocorrência das afecções uterinas nas prostitutas francesas, tidas como depósito inesgotável do vírus venéreo. Algumas relações são estabelecidas no intuito de traçar as causas do cancro uterino e hipóteses anteriores são contestadas. A vida enclausurada determinaria um estado de turgência, citando como exemplo as mulheres que viviam nos conventos e em recolhimento religioso. O autor se opõe à teoria, justificando que se a observação fosse relevante, em um passado distante, muitos casos teriam surgidos, uma vez que as mulheres gozavam de menor liberdade, o que não é relatado.

O autor acredita que, como dito, a alta desproporção entre o pênis e o canal vaginal, bem como o choque do colo uterino com um corpo estranho, no caso, o órgão copulador masculino, seriam causas que mereceriam destaque. O útero mais “descido”, partos e abortos

são apontados como razão para o desenvolvimento da patologia. Foi observado que, quanto maior a idade da mulher, maior seria o risco, visto que a afecção era “rara em mui novas”. A herança e a introdução do espéculo de vidro para colocação das sanguessugas também são apontados como princípio da doença.

O Dr. Lisfranc, cirurgião e professor em Paris, é citado inúmeras vezes, devido aos seus estudos acerca das afecções uterinas. Ele manifesta revolta contra aplicações reiteradas de sanguessugas, que causariam um alívio apenas momentâneo em alguns casos e gerariam ainda, infecções secundárias. A continuada repetição de métodos irritantes seria prejudicial e poderia se transformar em afecção cancerosa. Assim, o professor conclui que o método não é digno de louvores. Há revolta também contra o uso imoderado, continuado e infundado da cauterização. A prática deveria ocorrer apenas de uma a duas vezes e com extremo cuidado. Baseado nos estudos do cirurgião francês chama-se atenção para a importância da realização do diagnóstico diferencial com a “Leucorrhea” e com a “Hypertrofia simples do Sr. Lisfranc”, o que dificultava a realização de um correto diagnóstico. Destaca-se que o “vírus Syphilitico” complica a evolução de qualquer moléstia e que em alguns casos, dever-se-ia recorrer ao uso de calmantes.

Apesar de toda a dedicação dos médicos da época em se estudar, entender, explicar e tratar as afecções uterinas, hoje em dia, sabe-se que esse pensamento era muito prematuro e um pouco incoerente, uma vez que nos anos 90 foi identificada a relação causal entre a infecção por papiloma vírus humano (HPV) e o cancro uterino. A infecção pelo HPV é uma condição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento da referida moléstia. Outros fatores como alta paridade, uso prolongado de anticoncepcionais orais e tabagismo podem influenciar o desenvolvimento dessa enfermidade. Cerca de quarenta tipos desse vírus acometem o trato genital através do contato sexual e atualmente tem sido a infecção sexualmente transmissível mais frequente.

É lícito, portanto, afirmar que apesar do curto período de atuação aqui analisado, a Sociedade de Medicina de Pernambuco já demonstrava

estar atenta aos problemas mais visíveis que afetavam de algum modo, a saúde da população. Além disso, buscava não somente o conhecimento dos fatores que interferiam no processo saúde-doença, como também, alternativas para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

Nesse contexto, vale lembrar a importância dos estudos realizados sobre: epidemiologia, uso de plantas medicinais, influência do clima sobre a saúde, esquemas de tratamento, prevalência de doenças da época, métodos cirúrgicos, entre outros. Tais informações, presentes nos primeiros Annaes da Sociedade de Medicina de Pernambuco reconhecem e eternizam o empenho de profissionais essenciais ao desenvolvimento da forma como se encara a saúde no Estado e também no País. Ressaltando-se as dificuldades enfrentadas à época dos primeiros anos de atuação da Sociedade de Medicina de Pernambuco, ratifica-se a necessidade de prestigiar ainda mais médicos que permitiram a evolução da ciência até então, e que devem servir de exemplo para se vislumbrar um futuro de glórias, não somente para a Medicina, mas também para o povo pernambucano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Annaes da Medicina Pernambucana (1842-1844)**. Recife:Coleção pernambucana, 1977

ALBUQUERQUE, Maria de Fátima. **Urbanização, favelas e endemias: A produção da filariose no Recife**. 9 (4). Rio de Janeiro: 1993. p.487-497, out/dez <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n4/09.pdf>> Acesso em: 21 out 2011.

SVARTMAN, Celso. **Pé eqüino na paralisia cerebral**. Revista Brasileira de Ortopedia: 1994. Disponível em < <http://www.rbo.org.br/materia.asp?idIdioma=1&mt=1300>> Acesso em: 12 out 2011.

MOUTINHO, José Cardoso. **Cancros no colo uterino e vagina.** p. 353-364. Disponível em <http://fspog.searadev.com/fotos/editor2/cap_21.pdf> Acesso em: 12 out 2011.

RAMA, Cristina Helena. **Prevalência do HPV em mulheres rastreadas para o câncer cervical.** Revista de Saúde Pública. São Paulo:2008. p. 123-130. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n1/6028.pdf>> Acesso em 14 out 2011

MEIRELLES, Roberto Campos. **História da traqueotomia.** p.01-06. Disponível em <http://www.aborlccf.org.br/imageBank/Historia_Traqueotomia.pdf> Acesso em: 20 out 2011

CURCIO, André. **Traqueostomias.** Disponível em <http://www.forl.org.br/pdf/seminarios/seminario_5.pdf> Acesso em: 20 out 2011

Agrião do Pará. Disponível em <<http://www.portalnatural.com.br/vida-saudavel/plantas-medicinais/agriao-do-para>> Acesso em: 16 out 2011



Anexo A – Imagem do primeiro Annaes da
Sociedade de Medicina de Pernambuco

